

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

MARIA ELIDIANA ARAÚJO GOMES

**A SEXUALIDADE DAS MULHERES ATENDIDAS NO PSF:
uma produção sociopoética**

**FORTALEZA – CEARÁ
2007**

Maria Elidiana Araújo Gomes

A SEXUALIDADE DAS MULHERES ATENDIDAS NO PSF:
uma produção sociopoética

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Cuidados Clínicos em Saúde (CMACCLIS) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Cuidados Clínicos em Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lia Carneiro Silveira.

Fortaleza – Ceará
2007

Universidade Estadual do Ceará

Curso de Mestrado Acadêmico Cuidados Clínicos em Enfermagem

Título do Trabalho: A SEXUALIDADE DAS MULHERES ATENDIDAS NO PSF:
uma produção sociopoética

Autora: Maria Elidiana Araújo Gomes.

Data da Defesa: 14 / 02 / 2007.

Conceito Obtido: Satisfatório

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lia Carneiro Silveira
Universidade Estadual do Ceará
Presidente

Prof.^a Dr.^a Sandra Haydeé Petit
Universidade Federal do Ceará
1º Membro

Prof.^a Dr.^a Karla Correia Lima Martins
Universidade Federal do Ceará
2º Membro

Prof.^a Dr.^a Ana Ruth Macêdo Monteiro
Universidade Estadual do Ceará
(suplente)

À minha Mãe:

Por nunca ter desistido de confiar em mim,
Mesmo quando nem mesmo, eu,
Confiava.

Por não falar nada,
Apenas ficar do meu lado,
Empurrar-me quando preciso,
E contemplar minha alegria
Quando acredito que também
Tenho Vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a oportunidade de possuir a vida.

À minha mãe, por me ensinar a importância da compreensão e da coragem.

Ao meu Pai, por ter me acompanhado no caminho da escola e ser Meu pai.

Ao meu querido irmão que, esteja onde estiver, nunca vou deixar de amá-lo.

As minhas irmãs, Eniana e Ana Paula, que nunca deixam de torcer por mim.

Ao meu sobrinho, Enio, por estar me ensinando que o Amor nunca desiste.

À minha avó, que não esquece de mim no seu rosário carinhoso.

A todas minhas excelentes amigas do Curso de Mestrado Acadêmico Cuidados Clínicos em Saúde.

Ao corpo docente do Curso de Mestrado Acadêmico Cuidados Clínicos em Saúde, pelo apoio técnico.

À FUNCAP pela credibilidade e favorecimento do suporte financeiro.

À minha Orientadora, Lia, por ter ajudado a trazer à superfície meu sonho.

À minha amiga e coordenadora, Kátia, por ter apoiado meu objetivo.

A toda Comunidade que atendo, por me oferecer carinho, prece e amizade.

A todo o Grupo-Pesquisador, por concordar em participar, ativamente, do meu sonho.

À Geórgia e Monique, que me ajudaram na transformação do sonho em realidade.

À Sandra Haydeé Petit e Rosileide Soares, por me estender mão segura.

A todos que são importantes em minha vida, estando perto ou longe de mim.

N

ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvida por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco.

Paulo Freire.

RESUMO

O conceito de promoção da saúde traz como discussão à importância da capacitação da comunidade para atuar nas melhorias das condições de vida e enfatiza a qualidade de vida como a satisfação das necessidades da mesma. Além disso, a saúde como qualidade de vida é uma proposta de caráter interdisciplinar e propõe o rompimento com o antigo modelo assistencial biomédico que enfatiza a cura e não a promoção. Desta forma, podemos ressaltar a sexualidade como um dos elementos que interferem na qualidade de vida, pois a mesma está além do domínio biológico, integrando os aspectos psíquicos, emocionais e sociais do sujeito. Nessa perspectiva, a sexualidade está integralmente presente na vida das pessoas e passa a constituir um dos aspectos importantes das ações de promoção da saúde e uma melhoria da qualidade de vida de uma população. Na abordagem da saúde da mulher, percebemos que as políticas de atenção têm enfatizado o aspecto biológico e reprodutor do corpo feminino. Entretanto, ainda não percebemos que haja uma preocupação em valorizar as questões afetivas, emocionais e sociais das pessoas atendidas, acolhendo suas diferenças e permitindo um contato sem necessariamente estar reduzido às ações programáticas de saúde. Desta forma, resolvemos desenvolver um estudo com o objetivo de possibilitar a construção do conceito de sexualidade na visão das mulheres atendidas numa unidade de saúde da família. Para que isso fosse possível, criamos espaços na unidade de saúde que propiciassem a auto-análise do conceito de sexualidade apresentado pelas mesmas. Como metodologia, resolvemos utilizar o método da sociopoética, pois a mesma propõe a produção de dados a partir dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Neste método, são respeitados as diferenças, apoiadas às trocas de experiências, e valorizados aspectos da criatividade, intuição e emoções, para que possamos construir novos saberes. Estes processos são denominados como “criação de confetos”. Realizamos cinco oficinas. Dentre estas o conceito de sexualidade ligada ao companheiro, à relação sexual, o diálogo entre ambos e a aparência no convívio do casal foram inicialmente muito presentes. Com o decorrer dos encontros, o conceito de sexualidade começou a ser multiplicado, mostrando que a sexualidade também abrange o corpo, o simbólico, a afetividade, a descoberta individual, o prazer, a maternidade e até mesmo uma sexualidade animal. Estas passagens nos reportam ao fato de que o conceito de sexualidade foi ampliado, levado para uma dimensão mais complexa. Durante as oficinas de análise e contra-análise da pesquisa, o grupo referiu a importância de disponibilizar atividades na unidade de saúde que fossem direcionadas à escutá-las, pois estas ações serviam como terapias para as mesmas. Foi salientada a descoberta, pelo próprio grupo, de que elas também possuíam saberes. Assim sendo, percebemos a necessidade de questionarmos a política de saúde pública, que ainda coloca a saúde em pacotes direcionados ao corpo biológico, desprezando o corpo psíquico. Ressaltamos também a importância da sensibilização do profissional de saúde para os aspectos oriundos do corpo psíquico e para o desenvolvimento da escuta sensível de si próprio e do outro. Percebemos também que nossa pesquisa foi o passo inicial para continuarmos a desenvolver outras oficinas e trabalharmos temas escolhidos pelo grupo-pesquisador.

Descritores: Sexualidade , Método , Enfermagem em Saúde Comunitária.

ABSTRACT

The health promotion concept brings as discussion the community's training importance to act in life conditions improvements and it emphasizes the life quality as needs satisfaction . Besides, the health as life quality is a proposal of interdisciplinary character and proposes the breaking with the old model assistential biomedical that emphasizes the cure and not the promotion. This way, we can emphasize the sexuality as one of the elements that interfere in life quality, because the same is besides the biological domain, integrating the subject's aspects psychic, emotional and social. In that perspective, the sexuality is integrally present in people's life and raisin to constitute one of the important aspects of health promotion actions and improvement of population's life quality. In the approach of woman's health, we noticed that the attention politics have been emphasizing the biological and reproductive aspect of feminine body. However, we still didn't notice that there is a concern in valuing the assisted people's subjects affectionate, emotional and social, welcoming their differences and allowing a contact without necessarily to be reduced to the health programmatic actions. This way, we decided to develop a study with the objective of making possible the sexuality concept construction in the women's vision assisted in a family health unit. So that was possible, we created spaces in the health unit that propitiated the sexuality concept self-analysis presented by them. As methodology, we decided to use the sociopoetic method, because it proposes the data production starting from the subjects involved in the research. In this method, the differences are respected, leaning to experiences changes, and the creativity aspects, intuition and emotions are valued, so we can build new knowledge. These processes are denominated as "concepts creation". We accomplished five workshops. Among these the sexuality concept linked to the companion, to the sexual relationship, the dialogue between both and the couple's conviviality appearance was initially very presents. With the encounters, the sexuality concept began to be multiplied, showing that the sexuality also includes the body, the symbolic, the affectivity, the individual discovery, the pleasure, the maternity and even an animal sexuality. These passages show us the fact that the sexuality concept was enlarged, taken for a more complex dimension. During the analysis workshops and the research contra-analysis of the research, the group referred the importance of making available activities in the health unit that were addressed to listen to them, because these actions served as therapies. It was pointed out the discovery, for the own group, that they also possessed knowledge. This way, we noticed the need of question public health politics, that still puts the health in packages addressed to the biological body, despising the psychic body. We also emphasized the health professional sensitization importance for the aspects originating from of the psychic body and the sensitive listen development. We also noticed that our research was the initial step for continue to develop other workshops and work chosen themes for the group-researcher.

Descriptors: sexuality; method; community health nursing.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
1 REVENDO PRÁTICAS E DISCURSOS.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.1 As Políticas de Saúde no Brasil e a Atenção à Saúde da Mulher.....	19
2.2 A Sexualidade como Aspecto Relevante na Atenção à Saúde da Mulher.	27
3 METODOLOGIA.....	38
....	
3.1 Método do Grupo-Pesquisador.....	41
3.2 Aspectos Éticos.....	44
4 O TATO E A SEXUALIDADE – PRIMEIRA OFICINA.....	46
4.1 Análise da Produção Plástica.....	48
4.2 Análise da Produção Oral.....	51
4.2.1 Análise Classificatória.....	52
4.2.2 Análise Transversal (Versos Livres)	56
5 O CORPO DA SEXUALIDADE – SEGUNDA OFICINA.....	60
5.1 Análise da Produção Plástica.....	62
5.2 Análise da Produção Verbal.....	65
5.2.1 Análise Classificatória.....	65
5.2.2 Análise Transversal.....	70
5.2.3 Análise Surreal.....	70
6 BICHO DA SEXUALIDADE – TERCEIRA OFICINA.....	73
6.1 Análise Plástica.....	77
6.2 Análise da Produção Oral.....	79
6.2.1 Análise Classificatória.....	79
6.2.2 Análise Transversal.....	83
7 A ESCULTURA DA SEXUALIDADE – QUARTA OFICINA..	87
7.1 Análise Plástica.....	89

7.2 Análise da Produção Oral.....	91
7.2.1 Análise Classificatória.....	92
7.2.2 Análise Transversal.....	96
8 ANALISANDO E CONTRA-ANALISANDO AS PRODUÇÕES.	100
9 MOMENTO FILOSÓFICO: ESPAÇOS DE TEMPO REFLETIDOS COM AUTORES.....	104
10 EM POUCOS MINUTOS: RESTA-ME CONCLUIR.....	111
11 RETROSPECTIVA: DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA PESQUISADORA.....	114
.	
12 REFERÊNCIAS.....	118
APÊNDICES.....	121
Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	122
Apêndice B: Diário Coletivo de Pesquisa.....	124
ANEXOS.....	125
Anexo A: Oficinas.....	126
Anexo B: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	144

R

evento Práticas e Discursos

É no quadro dessa cultura de si, de seus temas e de suas práticas que foram desenvolvidas, nos primeiros séculos de nossa era, as reflexões sobre a moral dos prazeres; é preciso olhar para esse lado a fim de compreender as transformações que puderam afetar essa moral.

Michel Foucault

1 REVENDO PRÁTICAS E DISCURSOS

Vivemos numa conjuntura social onde se discute a construção de políticas públicas de saúde viáveis, ao mesmo tempo em que proporcionem a qualidade de vida da comunidade em que os mesmos estão inseridos.

A saúde, neste contexto, é conceituada dentro da perspectiva do eixo central da “promoção da saúde”. O conceito de promoção da saúde traz como discussão a importância da capacitação da comunidade para atuar nas melhorias das condições de vida e enfatiza a qualidade de vida como a satisfação das necessidades da população, bem como a capacidade da mesma em modificar favoravelmente o meio-ambiente em que vive.

Nesta perspectiva, a qualidade de vida passa a ser uma responsabilidade não somente dos gestores, profissionais de saúde, mas de toda a população envolvida e segue para uma visão de bem estar global. Além disso, a saúde como qualidade de vida é uma proposta de caráter interdisciplinar e propõe o rompimento com o antigo modelo assistencial biomédico que enfatiza a cura e não a promoção. Assim sendo, podemos ressaltar a sexualidade como um dos elementos que interferem na qualidade de vida, pois a mesma está além do domínio biológico, integrando aspectos psíquicos, como emocionais e sociais do sujeito. Sendo assim, a sexualidade está integralmente presente na vida das pessoas e, assim, passa a constituir um dos aspectos importantes das ações de promoção da saúde e uma melhoria da qualidade de vida de uma população.

Na minha experiência como enfermeira, tenho desenvolvido, ao longo dos últimos seis anos, atividades dentro da estratégia de saúde da família, as quais incluem as ações de planejamento familiar. Ao longo desse período, tenho percebido um hiato entre a proposta de integralidade e participação social e o momento singular onde se encontram o profissional de saúde e o usuário.

Apesar de todo um discurso que valoriza o empoderamento e a participação ativa dos sujeitos na construção das ações em saúde, percebemos que, no momento de interação profissional/usuário (geralmente restrito à consulta individual), o profissional, muitas vezes, acaba adotando uma postura de “dono do saber”, prescrevendo ações, controlando comportamentos e até mesmo conferindo penalidades aos usuários que porventura não seguirem suas “orientações”. Com isso, velamos as oportunidades de nos aproximarmos daquele que, apesar de chegar relatando sintomas clínicos, tenta encontrar também um espaço que acolha manifestações de caráter afetivo, emocional e social.

Na abordagem do planejamento familiar, bem como das doenças sexualmente transmissíveis, nos preocupamos em discernir com o usuário, todos os aspectos clínicos, tratamento, notificação e os mecanismos de prevenção. Entretanto, ainda não percebemos se há uma preocupação em valorizar suas questões, acolhendo suas diferenças, permitindo um contato sem necessariamente estar reduzido às ações programáticas de saúde. Percebemos, também, que as mulheres são as que mais buscam o atendimento na Unidade de Saúde, mesmo nos casos em que o companheiro deveria estar presente nas consultas. No nosso dia-a-dia, quando questionamos as mulheres sobre esta situação, as mesmas referem que é difícil para os respectivos companheiros virem acompanhando-as, pois teriam que faltar ao trabalho, diminuindo o orçamento do casal no mês.

Em meio aos contatos desenvolvidos com minhas clientes do programa de planejamento familiar, fui me apercebendo da distância que se instaurava entre o profissional de saúde e o usuário. Muito mais do que distribuir métodos contraceptivos fui confrontada diariamente com questões sobre a sexualidade, não em seu sentido estritamente biológico e reprodutivo, mas em seu aspecto mais amplo e existencial. As manifestações e expressões de tristeza, baixa auto-estima e solidão nas mulheres que atendia na unidade eram constantes. Assim sendo, comecei a me inquietar com algumas questões: como a sexualidade estaria interferindo na qualidade de vida destas mulheres? Quais os conceitos de sexualidade que estas mulheres possuíam? Como o

profissional de enfermagem poderia acolher as várias questões íntimas que surgem nos espaços de interação?

Desta forma, comecei a buscar na produção científica da Enfermagem o que estava sendo estudado no âmbito da sexualidade feminina. Em 2005, desenvolvemos como uma das atividades do curso de Mestrado Acadêmico em Cuidados Clínicos em Saúde e Enfermagem uma pesquisa acerca da produção científica em enfermagem sobre sexualidade feminina. Neste estudo, percebemos que houve um aumento da produção científica sobre o tema, principalmente trazendo uma abordagem qualitativa, a partir de 2002.

Outro fato importante a ser destacado foi a realização, neste mesmo ano, da 2º Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde, na qual foi elaborada uma agenda de prioridades de políticas de atenção integral à mulher. Esta agenda tem como um dos eixos principais a abordagem de questões relativas à sexualidade (BRASIL, 2004).

Diante deste fato procurei conhecer o que trazia o documento referente à política de atenção à saúde da mulher. Este documento trazia, além dos aspectos biológicos, outros mais amplos como a mulher indígena, negra e trabalhadora, e a problemática da violência doméstica e social contra o sexo feminino. Também abordava a importância da saúde mental, do empoderamento e controle social das mulheres em participarem da construção de políticas voltadas para as mesmas.

Chamou atenção o fato de que todos estes aspectos que foram contemplados na agenda de políticas voltada para a mulher, foram descritos com igual importância, ou seja, estavam discriminados em capítulos específicos. Reforçava também a importância da participação das mulheres da região em decidir as estratégias que contemplassem cada item presente no manual e o respeito pelas características regionais. Desta forma, percebi a tentativa teórica, em promover uma mudança na perspectiva de inserir a mulher somente em “programas/pacotes”, onde a mesma não possuía nenhuma participação e poder de decisão.

Desde então, comecei a questionar minhas atitudes como enfermeira dentro de uma unidade de saúde e como estava inserida dentro da política do município que exigia somente um grande número de consultas a mulher da comunidade, sem preocupar-se com o tipo de atendimento que estava sendo realizado. Fiquei refletindo sobre algumas questões. Em primeiro lugar, enquanto a produção de enfermagem aumentava referente à sexualidade feminina e a política nacional de saúde da mulher contemplava aspectos que anteriormente eram desprezados, percebia que o município onde desenvolvia minhas atividades de enfermagem continuava com a perspectiva estritamente numérica e regulamentadora.

Em segundo lugar, percebi que o olhar com o qual eu me voltava para a pesquisa também estava impregnado deste modelo regulamentador. Submeti-me ao mestrado de Cuidados Clínicos da Universidade Estadual do Ceará com um projeto voltado para as ações desenvolvidas pelas mulheres atendidas no planejamento familiar acerca da quantidade de preservativos distribuída na unidade de saúde. Logo no início das aulas do mestrado, percebi minhas atitudes automáticas voltadas para os aspectos quantitativos dos “programas” de saúde da mulher.

Sendo assim, comecei a observar que, sutilmente, também estava vinculando os aspectos da sexualidade feminina aos fatores de reprodução. Comecei a perceber principalmente, que não era este o caminho que eu desejava seguir embora ainda não vislumbrasse como iria modificá-lo. Minha sorte, neste momento, foi que minha orientadora percebeu entre as linhas de meu projeto inicial uma preocupação, tímida, mas presente, dos aspectos emocionais trazidos pelas mulheres que participavam do planejamento familiar da unidade em que estava desenvolvendo minhas atividades profissionais. Daí, o projeto inicial foi totalmente refeito e trazendo outras inquietações de caráter mais social e, principalmente emocional e psíquico.

Os acontecimentos foram se desenrolando de maneira paralela. Enquanto meu projeto estava sendo reformulado, fui apresentada, através de minha orientadora, a um novo método de pesquisa, a sociopoética. Este método valorizava as questões intuitivas, emocionais, criativas, ao mesmo tempo em que pregava a importância do

respeito às diferenças dentro do grupo pesquisador. Também valorizava o saber de cada participante, além de propor, através de técnicas artísticas, incentivar o potencial de cada membro do grupo através da criação de novos conceitos, ou da discussão dos mesmos, até trazer à margem idéias sufocadas, inesperadas, desconhecidas.

Desde então, comecei a ler sobre este método que achei interessante, pois além de propor criações menos institucionalizadas, também trazia a importância das implicações de todo grupo-pesquisador, inclusive da facilitadora, durante o percurso de desenvolvimento da pesquisa. Através das leituras sobre a sociopoética, percebi que com este método minha pesquisa tomaria aspectos singulares do grupo-pesquisador, trazendo para academia a importância de se pesquisar valorizando os aspectos intuitivos, criativos, emocionais e racionais dos participantes. Além disso, ajudaria a apresentar para os profissionais de saúde a necessidade de atentarmos para os conflitos trazidos pelas pessoas que nos buscam nos serviços, assim como criarmos espaços para discuti-los, respeitando as idéias e valorizando os discursos presentes nas falas e nas expressões dos corpos.

Nesta caminhada, também comecei a questionar sobre quais seriam os dispositivos que participaram da ênfase no interesse sobre os estudos da sexualidade feminina. Não podemos pensar que a própria construção do conceito de sexualidade seja algo neutro e descompromissado. Que interesses estão sendo considerados ao se abordar um tema antigo e, ao mesmo tempo, tão atual, o qual guarda consigo vários significados e repercussões sociais? Ao falarmos em sexualidade, estaríamos nos reportando aos interesses de controle de natalidade tão difundidos pelos países desenvolvidos? Aos compêndios de uma “ciência da sexologia”, que dominaria o saber e o poder sobre as inquietações nossas de cada dia? Se cairmos nesses conceitos estigmatizados estaremos mais uma vez congelando a relação de saber/poder que vigia e controla os corpos femininos.

Diante destes questionamentos iniciei uma busca teórica sobre a sexualidade feminina, e neste período, fui me confrontando com autores até então desconhecidos por mim. E, pouco a pouco, comecei leituras que me desafiaram a

compreensão, ao mesmo tempo em que, instigavam meu interesse em compreendê-las. Neste percurso, fui descobrindo idéias renovadoras, antigas, apaixonantes, interessantes e daí em diante foi tornando-se fácil desenvolver minha criticidade diante dos teóricos e dos artigos científicos que tratavam da sexualidade.

Perpassada por estas diversas inquietações resolvi desenvolver um estudo com o objetivo de possibilitar a construção do conceito de sexualidade na visão das mulheres atendidas numa unidade de saúde da família, ampliando assim as possibilidades de discussão acerca desta temática. Para que isso fosse possível, objetivamos criar espaços na unidade de saúde que propiciem a auto-análise do conceito de sexualidade apresentado pelas mesmas.

R

elendo os Discursos da História

A modalidade com que os processos vão realizando a Realidade se denomina Produção. [...] A produção, assim entendida, de alguma maneira inclui e reformula categorias que vão assumindo o “comando” ou a hegemonia em diferente momentos e imagens do pensamento acerca da realização da realidade, correspondentes às respectivas mega-máquinas históricas.

Gregório Barembritt

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao longo deste capítulo, procuramos realizar um resgate dos principais temas de interesse do nosso trabalho na literatura atual. Primeiramente, apresentamos uma retomada da construção das políticas de saúde no Brasil, culminando na proposta de reforma sanitária e na criação da “estratégia saúde da família” e a inserção da mulher nestas políticas. Em seguida, apresentamos como se dá a inserção do programa de planejamento familiar dentro das políticas de saúde e, finalmente, buscamos fazer um resgate do que tem sido publicado atualmente sobre a temática da sexualidade feminina.

2.1 As Políticas de Saúde no Brasil e a Atenção à Saúde da Mulher

Apesar das inúmeras investidas do poder hegemônico neoliberal podemos ressaltar que nos dias atuais avançamos em alguns aspectos referentes às políticas de saúde. Atualmente, percebemos que se manifestam duas visões antagônicas. Por um lado, a proposta neoliberal, que defende o Estado mínimo, que reforça ações de caráter curativo, privatista e sem a participação do sujeito do cuidado na construção das mesmas. Por outro lado, percebemos a proposta da reforma sanitária como uma iniciativa em reverter à prática positivista, incentivando o controle social, a participação comunitária, o foco centrado no processo saúde-doença, além de visualizar o sujeito, independente do gênero, raça ou credo, como cidadão.

Neste cenário de lutas que se mantém presente, Buss (1995) ressalta a participação ativa e persistente dos atores envolvidos no movimento da reforma sanitária. Esta se deu visando uma redemocratização das práticas de saúde, mudando o eixo da assistência médica individual para uma assistência integral, priorizando ações

coletivas, bem como uma organização política que proporcionasse uma rede de saúde regionalizada e hierarquizada, a descentralização de poder e a participação social como forte elemento de envolvimento da comunidade na discussão das práticas de saúde saudáveis.

Desta forma, percebemos que o quadro atual das políticas de saúde no Brasil não se deu por acaso, mas, sim, devido a uma série de transformações históricas que culminaram no atual conflito entre estas duas vertentes. Percebe-se que desde o ano de 1963 já havia tentativas de descentralização na política de saúde. Nesse ano, foi apresentada na III Conferência Nacional de Saúde a proposta de municipalização dos serviços de saúde, porém, no ano seguinte, esta proposta não prevaleceu devido ao Golpe Militar, reforçando o processo de centralização de poder da União. Enquanto isso, no âmbito da saúde pública surgiram os “Programas Comunitários de Saúde”, os quais eram vinculados às universidades e igrejas.

Por volta da primeira metade da década de 70, os serviços básicos de saúde eram instalados na periferia ou áreas rurais de difícil acesso com o objetivo de levar assistência preventiva e curativa a populações desprovidas de assistência à saúde. Estes programas incorporaram os acadêmicos do curso de medicina, enfermagem, odontologia e contavam com o apoio do pessoal auxiliar, obtendo um bom desempenho. Este fato levou o governo a propor, durante a V Conferência Nacional de Saúde, a sua expansão pelo território brasileiro e a criação do Sistema Nacional de Saúde, mediante a Lei 6.229/75 que definia responsabilidades para a União, estados e municípios, assim como as atribuições dos ministérios envolvidos na saúde. Paralelamente a estes acontecimentos nacionais, Araújo e Assunção (2004) referem que, no âmbito mundial, ocorria a Conferência de Alma-Ata (1978), cuja proposta foi conseguir a meta de “Saúde para todos no ano 2000”. Dentre as estratégias sugeridas para o alcance desta meta, foi enfatizado o desenvolvimento de práticas voltadas para a atenção primária em saúde. A partir deste evento, foi dado um novo direcionamento às práticas de saúde, pois foi proposto um conceito de promoção da saúde que abrange

todos os setores da sociedade e refere que os cuidados com a saúde são fundamentais para um desenvolvimento econômico e social sustentável.

No entanto, mesmo com todo este suporte mundial dado às práticas voltadas para atenção primária, no Brasil, esta proposta não foi concretizada devido à resistência causada, principalmente, pelo setor privado da saúde e da previdência social. A partir desta reação, o ministério da saúde propôs a criação de um modelo dividido por ações programáticas. O objetivo seria prestar assistência à saúde do indivíduo desde que o mesmo estivesse inscrito em algum programa. Estes programas além de serem elaborados numa abordagem focada na doença, dirigem-se apenas para algumas patologias endêmicas identificadas em estudos epidemiológicos¹.

Dentro deste processo, a primeira iniciativa no sentido de valorizar a atenção primária ocorreu com a proposta do Programa de Ações Integradas de Saúde (AIS) em 1983. Este programa propunha a articulação entre Ministério da Educação e Cultura (MEC), Ministério da Previdência e Assistência Social, Ministério da Saúde, governos estaduais e municipais. O surgimento das AIS se deu num momento político de grande relevância com a gradual abertura política após anos de ditadura e a realização de eleição direta. Além disso, houve a entrada em cena de novos governadores, secretários estaduais e trabalhadores que defendiam a democratização da saúde. Assim, o programa de Ações Integradas de Saúde, aliado aos interesses emergentes dos novos atores sociais, foi o dispositivo para abertura, no âmbito político, do processo da municipalização.

Mais tarde, estas propostas foram ampliadas e solidificadas na realização da VIII Conferência Nacional de Saúde, em 1986, que buscava a criação de um sistema de saúde descentralizado, integral, universal, eqüitativo e participativo (ROUQUAYROL; ALMEIDA FILHO, 1999). Foi nesta conferência que os

¹ Podemos dizer que estes programas continuam influenciando as atuais políticas através da oferta de serviços nas sete áreas mínimas de assistência à saúde preconizadas pela atual Norma Operacional de Assistência a Saúde-NOAS (saúde bucal, da mulher, da criança, do controle da hipertensão arterial, da diabetes mellitus e da tuberculose e a eliminação da hanseníase). Além disso, observamos a continuidade do caráter curativo, dicotomizador e biomédico que estes programas promovem no atendimento ao indivíduo.

pressupostos da Reforma Sanitária Brasileira foram lançados, dentre eles podemos destacar a ênfase na qualidade de vida dos coletivos adquirida através de políticas públicas que priorizem a equidade, a universalidade, a integralidade e a descentralização do poder da União para os municípios, a regionalização e o controle social do sistema. (FIOCRUZ, 1998). Neste mesmo ano, acontecia a I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde em Ottawa, no Canadá. Nesta ocasião, foi considerado o sujeito como um elemento ativo nas mudanças sociais, na criação de espaços saudáveis. Assim, esse sujeito torna-se fundamental para o enfrentamento das enfermidades e para exercer o controle social (BRASIL, 2001). A partir desta conferência, o conceito de promoção da saúde toma um aspecto social e participativo, que busca os sujeitos para construção de ambientes saudáveis, políticas públicas saudáveis, e o respeito pela cidadania.

Apesar de todo este ambiente político, mundial e nacional, para a prática de novas propostas relacionadas à saúde, em 1988, o movimento da reforma sanitária sofreu um retrocesso em relação às suas conquistas. Isso ocorreu devido à instabilidade econômica que o país estava sofrendo, além de ter no governo um gestor que manifestava fortes tendências neoliberais. Este período, que se estendeu até meados de 1992, apresentou como características o reforço do modelo médico-assistencial-privatista, a descrença nas propostas da Reforma Sanitária, e a manutenção do poder decisório centralizado. A realização da IX Conferência Nacional de Saúde trouxe como tema: “Municipalização é o Caminho”, além da implantação e sancionamento das leis de organização do Sistema Único de Saúde (SUS).

Convém ressaltar que em 1991, o Ministério da Saúde declara a implantação oficial do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Este programa foi instituído primeiramente na região Nordeste, devido à alta taxa de mortalidade materno-infantil, e no Norte, em caráter emergencial, devido a instalação de uma epidemia de cólera. Com a implantação do PACS, o país começa a trabalhar com o princípio da territorialização e adscrição da clientela (PERES, 2002).

Nesta conjuntura, em 1992, foram instalados o Conselho Nacional de Saúde e os distritos sanitários em diversos municípios brasileiros. E, em maio de 1993, é aprovada e publicada a Norma Operacional Básica, que traz como objetivo a municipalização das ações de saúde, ou seja, um direcionamento de gestão, de forma que não se perpetuasse a antiga condição, que fazia do município apenas um cumpridor de tarefas da União. No mesmo ano, o Ministério da Saúde se empenha em discutir propostas voltadas para a saúde da família como, por exemplo, a expansão do programa dos Agentes Comunitários de Saúde. Coincidentemente, ano posterior, 1994, seria o Ano Internacional da Família, escolhido pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Vale ressaltar que, nessa discussão, o Ceará teve um papel decisivo ao apresentar um projeto piloto que estava dando respostas satisfatórias referentes aos índices de mortalidade infantil, incentivo ao aleitamento materno, aumento da cobertura vacinal, o qual era intitulado “Programa Saúde da Família”.

Em 1994, o ministro da Saúde declara o Programa Saúde da Família (PSF) como uma proposta de organização e institucionalização do SUS. Esta articulação se deu devido ao fato de que o PSF vai ao encontro das idéias propostas no SUS ao priorizar ações de proteção e promoção da saúde do indivíduo em todas as fases do seu ciclo vital de forma integral e contínua, além de procurar desenvolver um atendimento humanizado e um conhecimento mais profundo da comunidade adscrita. Além disso, o PSF reforça o senso de responsabilidade contínua e mútua entre os profissionais e os membros da comunidade e enfatiza a necessidade de ações interdisciplinar e intersetorial.

Com o envolvimento popular na construção de ações voltadas à saúde, o PSF busca proporcionar ambientes propícios a discussões voltadas para o senso crítico e a responsabilidade popular frente à resolução de problemas inerentes à comunidade, favorecendo, neste sentido, o controle social. Em relação ao controle social, também podemos citar a 1ª Conferência Internacional sobre promoção da saúde realizada no ano de 1986 em Ottawa, no Canadá. Esta conferência trazia como discussão a importância da capacitação da comunidade para atuar nas melhorias das condições de

vida e enfatizava a qualidade de vida como a satisfação das necessidades da população, bem como a capacidade da mesma em modificar favoravelmente o meio-ambiente em que vive.

Em 1997, o Ministério da Saúde define o Programa Saúde da Família como uma estratégia de reorientação do modelo assistencial da saúde brasileira. Desta forma, este modelo de atendimento assume as características de uma política que traça objetivos, metas e normas, bem como adquire a postura de ser uma estratégia, por ser considerado um caminho, para a construção do SUS e seus princípios discutidos na Reforma Sanitária.

Dentre os princípios do PSF, podemos citar os doutrinários: integralidade, equidade, universalidade, e os operacionais, que se constituem pela descentralização de poder, rede regionalizada e hierarquizada, e participação comunitária. Para efetivação destes princípios, foi necessária a regulamentação dos mesmos através das Normas Operacionais Básicas (NOB) e Norma Operacional da Assistência à Saúde (NOAS). Em relação aos profissionais que pertencem ao PSF, são preconizadas pela NOAS/02 ações mínimas que devem ser desenvolvidas pelos mesmos e que atendam as áreas de: controle da tuberculose, eliminação da Hanseníase, controle da Hipertensão arterial, da Diabetes Mellitus, ações de Saúde Bucal, da Criança e da Mulher.

Para a construção de diretrizes nacionais que atendam à saúde da mulher, o Ministério da Saúde contou com a colaboração da 12^o Conferencia Nacional de Saúde em 2003, na qual preconizou-se a criação de uma Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde (PNCTI/S).

Um dos itens contemplados desta política é a saúde da mulher. Este aspecto se apresenta como um dos temas em destaque, enfatizando a necessidade de elaboração de uma Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher – 2004/2007. Esta política direcionou o enfoque para as questões de gênero, a evolução de políticas, a situação sócio-demográfica e o diagnóstico da saúde da mulher

brasileira além de traçar objetivos, metas, estratégias, ações, recursos e parcerias. Não podemos desconsiderar o aspecto social abordado no documento referente ao atendimento da mulher nos serviços de saúde que enfatiza a importância do empoderamento e controle social previsto nos princípios do SUS. O termo empoderamento surgiu com a carta de Ottawa (1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, 1986, no Canadá) diz respeito à capacitação permanente dos membros da sociedade, para atuarem nas ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida, bem como, exercer, de forma permanente e responsável o controle social deste processo (BRASIL, 2001). Nesta abordagem, que busca o resgate da integralidade das ações e uma construção social participativa, observamos a importância de ações contextualizada e com um caráter multidisciplinar de promoção da saúde da mulher.

As ações desenvolvidas na política de atenção à saúde da Mulher, atualmente, contemplam o pré-natal, a prevenção do câncer ginecológico e o planejamento familiar. As ações do pré-natal visam proporcionar um atendimento de qualidade às gestantes, buscando a prevenção, a identificação e a correção das intercorrências maternas e fetais. São valorizados também, o apoio emocional ao companheiro e a dinâmica familiar referente aos cuidados pertinentes ao recém-nascido e a puérpera (CEARÁ, 2002). No que diz respeito às ações direcionadas a prevenção do câncer ginecológico, é orientada uma sinergia entre as medidas de promoção e proteção à saúde para que haja o diagnóstico precoce e a devida terapêutica (BRASIL, 2002).

Dentre as ações do planejamento familiar, é enfatizado o direito aos meios de anticoncepção e de concepção à mulher, ao homem ou casal. Estas ações, por serem de interesse da saúde de grande número de indivíduos e, por constituírem-se em prática nitidamente preventiva, revestem-se de ampla relevância, assegurando um caráter prioritário entre as ações primárias de saúde.

O planejamento familiar é uma ação constitucional voltada para a mulher, homem ou casal e está regulamentada pela lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996, validada na Constituição Brasileira de 1988. Desta forma, os profissionais de saúde

são incentivados a desenvolverem um acompanhamento clínico-ginecológico vinculado as atividades educativas. Esta conduta visa proporcionar aos sujeitos que buscam o serviço do planejamento familiar um correto conhecimento de todos os métodos de anticoncepção, bem como os de concepção para que a escolha individual ou do casal seja feita de maneira consciente (BRASIL, 2002).

De acordo com a Constituição Brasileira de 1988 o planejamento familiar se define como “um conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal”. Segundo o Ministério da Saúde, o principal objetivo do planejamento familiar é garantir às mulheres e aos homens “o direito de ter ou não filhos” (BRASIL, 2002).

Dentre estas ações voltadas para a saúde da mulher, iremos enfatizar aquelas voltadas para o planejamento familiar por ser este o foco deste estudo. As ações do planejamento familiar, quando focalizadas somente nos aspectos reprodutivo, vão de encontro à proposta do PSF. Na perspectiva da integralidade, devemos contextualizar as ações de caráter contraceptivo, para que possamos prestar uma assistência integral e participativa à mulher, à qual respeite aspectos ligados à faixa etária, raça e opção sexual, livre de qualquer distinção ou imposição de valores no atendimento pela rede do SUS.

É neste contexto que ressaltamos a importância do acolhimento da mulher nas unidades de saúde, principalmente naquelas onde a estratégia “Saúde da Família” está presente, pois com a conjuntura política que o mesmo propõe, nós, profissionais da saúde, teríamos vários dispositivos de sensibilização, principalmente no momento da consulta.

O conceito de promoção da saúde propõe uma transposição sobre a prestação de serviços clínico-assistenciais para a promoção de ações que visem os determinantes sociais da saúde. Sendo assim, sentimos a responsabilidade de desenvolver ações que extrapolem o enfoque de risco de ter ou não filhos e irmos

além, procurando discutir com os sujeitos, numa relação de respeito mútuo, o desenvolvimento da sua relação com o/a parceiro (a) e como a mesma está refletindo no seu cotidiano.

Neste sentido, parece-nos indispensável trabalharmos de forma intersetorial, somando ações de cunho social e visando uma maior interação com o indivíduo e seu bem estar. Nesta perspectiva, é importante que as ações de saúde sejam construídas com os sujeitos, respeitando-os como cidadãos e dando-lhe a oportunidade de relatar sobre seu comportamento sexual sem exercer atitudes prescritivas, ou mesmo autoritárias frente a sua conduta sexual. Assim, tentamos transferir o foco restrito da modificação de hábitos de vida individuais e a culpabilização para uma visão integral do sujeito, com ações multi-estratégicas, com o empoderamento, e com a saúde contemplada como uma produção social.

2.2 A Sexualidade como Aspecto Relevante na Atenção à Saúde da Mulher

No espaço de encontro que construímos ao desenvolvermos as ações de planejamento familiar nas unidades de saúde, criamos a possibilidade de abordar questões referentes à sexualidade e como esta se reflete no cotidiano dos sujeitos. Proporcionando um ambiente físico e emocional seguro, temos condições de desenvolver atitudes terapêuticas ao discutirmos a sexualidade. Geralmente este assunto aparece timidamente nos discursos das políticas de atenção à saúde da mulher, ao passo que o mesmo deveria estar presente em todo o documento, pois a sexualidade é um dos aspectos da vida do sujeito que é manifestado em suas atitudes e participa do bem estar do mesmo.

É válido enfatizar que a sexualidade não é um aspecto isolado de nossas vidas, mas, sim, um dos componentes da qualidade de vida do cidadão, exercendo importante influência sobre a mesma. Além disso, ressaltamos que a sexualidade não é um objeto estático, mas está constantemente sendo construída. Para Brêtas e Silva

(2002), a sexualidade é construída através de interação entre os sujeitos e as estruturas sociais vigentes.

Ao abordarmos o tema sexualidade, nos reportamos a vários aspectos que estão presentes na complexidade que perpassa nossas vidas, não se restringindo apenas a uma visão biológica. Concordamos com Ressel e Silva (2001, p. 153) quando estes afirmam que a sexualidade “reflete toda a expressão emocional de nossa vivência”, ao mesmo tempo em que incorpora significado influenciado pelo momento histórico vivenciado. Esta “expressão emocional” também pode se manifestar pelo silêncio verbal, muitas vezes construído devido às imposições do meio social, que carrega consigo atitudes seculares normativas e regulamentadoras dos aspectos da sexualidade, principalmente referentes ao sexo feminino.

Como parte histórica de uma construção que divide a sexualidade a partir de uma visão de gênero, concordamos com Ressel e Gualda (2003, p. 86) quando estes referem que enquanto as meninas são criadas de maneira rigorosa e tendo uma sexualidade depreciada, ao menino, por sua vez, é dada a liberdade de manifestá-la, criando-se um mito referente à sexualidade feminina e masculina. Os autores acima perceberam, em um estudo com mulheres rurais, que a negação da sexualidade feminina apresenta-se nas manifestações corporais e verbais, mostrando uma redução da mesma ao aspecto procriativo.

Este fato nos reporta às inúmeras vezes que fomos testemunhas de expressões carregadas de constrangimento e tristeza que acompanhavam suas falas acerca da vida sexual. Podemos observar o quanto é importante o momento da consulta do planejamento familiar para abordarmos questões referentes à sexualidade feminina de forma mais ampla, pois esta geralmente traz manifestações carregadas de significados que nem sempre são externados. Neste aspecto, Ressel e Gualda (2003) esclarecem que a sexualidade aparece muitas vezes de forma insinuada e não literalmente externada. Este fato confirma a repressão existente através do “silêncio”, porém, mesmo assim, a sexualidade sempre se manifesta de outras maneiras.

Desta forma, ao referir a ligação da sexualidade com os aspectos biológicos do sujeito, Loyola (2003) nos lembra que esta relação foi construída historicamente, de forma que, atualmente, estão intimamente ligadas a ponto de definir os papéis do sexo masculino e feminino. Nesta concepção estereotipada, o homem assume uma busca do prazer, enquanto que à mulher resta a submissão à procriação e ao prazer do sexo oposto.

Ressel e Gualda (2003) ao realizarem um estudo com abordagem qualitativa com onze mulheres rurais do município Restringa Seca, RS, perceberam que a negação da sexualidade feminina apresenta-se nas manifestações corporais e verbais mostrando uma redução da mesma ao aspecto procriativo e, às vezes, com caráter de obrigação frente ao companheiro.

Desta forma, vemos a elaboração de uma abordagem compartimentalizada da sexualidade e a sua perpetuação até os dias atuais quando falamos de planejamento familiar e desprezamos os aspectos relativos à sexualidade de cada sujeito. Este poder sobre a sexualidade é mantido pelas instituições de ensino, pelos profissionais de saúde e mesmo pela religião. Para Ribeiro (2003), os processos de simbolização e normatização em que a sexualidade é inserida, são fortalecidos nas escolas. O autor esclarece que a escola e a sala de aula viram palcos da normalização sexual, compactuando com a família. Nesta perspectiva, resgatamos a família como primeiro e principal instituição “normalizadora” da sexualidade, pois ela assimila e transfere as regras da sociedade vigente.

Autores como Ressel e Gualda (2003) também concordam que a sexualidade é um processo extremamente complexo e de caráter singular. Vale lembrar que os profissionais de saúde também são seres sexuados embora, muitas vezes, neguem esta condição. Acabamos envolvidos neste processo de alienação da sexualidade, que passa a ser modelada dentro dos processos de subjetivação capitalística.

Segundo Guatarri e Rolnik (1999) no processo de produção de subjetividade existe a alienação e a opressão proporcionadas, desde a infância, pela subjetividade capitalística. Muitas vezes incorporamos inconscientemente este discurso às nossas práticas e acabamos atuando como reprodutores deste processo de serialização, direcionando a sexualidade (nossa e de nossos clientes) através do controle dos modelos de produção de subjetividade. Quando conseguimos inverter esta relação, ou seja, receber esta influência e produzir algo novo, estamos escapando aos modos de subjetivação serializada e abrimos espaço para o surgimento das diferenças.

Alguns estudos têm apontado que a sexualidade, ainda hoje, sofre medidas repressivas que se transformam em preconceitos e exige dos profissionais de saúde uma postura assexuada, principalmente no cenário hospitalar. Este é representado por um ambiente asséptico e neutro, influenciando uma conduta profissional impessoal, encobrindo as manifestações da sexualidade.

Apesar de ser o hospital o espaço asséptico por excelência, ressaltamos que este fato é preocupante também para o profissional integrante do Programa Saúde da Família. Ao desprezar sua sexualidade, caracterizando-se como ser instituído e massificado, o profissional corre o risco de não valorizar a sexualidade também na abordagem da sua clientela, não levando em consideração este importante aspecto da qualidade de vida.

Com estas abordagens, podemos referir o processo de produção da sexualidade em seus aspectos molar e molecular, levando em consideração tanto o que surge como instituído como as manifestações do devir.

Concordamos com Teixeira e Figueiredo (2001) quando afirmam que nesta dinâmica de produção não encontramos apenas um corpo biológico, mas também corpos emocionais. Este corpo emocional é construído através de nossa sexualidade, das artes, da pintura, da música, de um conteúdo imaginário que propõe uma desterritorialização, para que seja estabelecido um novo paradigma referente ao cuidar destes corpos manifestos.

Em concordância com estes últimos autores, Ressel e Gualda (2003) colocam que a sexualidade é definida como resultado de uma construção histórica e cultural, integrante da rede de significados de um grupo social específico, no entanto, salienta que a interpretação cultural deve nos proporcionar uma visão do sujeito como ser social e singular. Neste aspecto, percebemos que o homem tem a capacidade de ser um agente criativo, transformador e coletivo. Como tal, sua sexualidade traz consigo este mesmo caráter. Também é oportuno enfatizar que a sexualidade como parte integrante dos processos de subjetivação abrange tanto componente afetivo como sociais.

Com relação à normatização, Loyola (2003) aponta que, no século XX, a medicina exerceu uma “crescente interferência” no domínio da sexualidade através das medidas de contracepção e pelos estudos que focalizavam o comportamento sexual da população. Estes estudos foram responsáveis pela ruptura com a sexologia clínica do final do século XIX, que se baseava nos desvios sexuais, com os princípios da moral religiosa, da própria medicina e da criminologia.

Nesta caminhada histórica, Foucault (1997) apresenta em sua obra sobre a sexualidade toda uma recapitulação de como a mesma era vivida nos séculos anteriores. O método de investigação deste autor, também conhecido como “arqueológico”, propõe a preocupação de “exumação das regras de pensamento que limitavam os conceitos de uma determinada época” (STRATHERN, 2003, p. 72). Esta busca se dá através de pesquisas em arquivos de jornais, notas e atas de delegacias, anotações judiciais, livros ou textos que retratassem o estilo de vida dos sujeitos de uma determinada época. Dentre suas descobertas, é-nos apresentado um mapa histórico das civilizações e suas estruturas de saber e poder.

Foucault nos alerta para o conceito de “poder” existente em todas as relações das sociedades pesquisadas e refere que este é um termo “dado a uma situação estratégica complexa” (FOUCAULT, 1997, p. 89). Este poder é mantido pelos saberes produzidos em cada época. Para Foucault, é através do saber que são produzidos os

discursos, e estes mantêm o poder hegemônico de um dado grupo da sociedade (FOUCAULT, 1997).

É dos discursos que devemos extrair as palavras, as expressões, para termos uma visibilidade de cada panorama histórico. Refere também não existirem segredos, e sim uma dificuldade imediata em dominarmos a visibilidade da situação exposta num discurso através de outros campos sensoriais. Estas visibilidades são “complexos de ações e de paixões, de ações e de reações, de complexos multissensoriais que vêm à luz” (DELEUZE, 1998, p. 68).

Nesta visão histórica e panorâmica que o autor apresenta acerca da questão da sexualidade, percebe-se que, no início do século XVII esta questão era vista com uma certa liberdade: as práticas sexuais não procuravam lugares resguardados, as palavras e as ações não buscavam sigilo. Contudo, no decorrer do mesmo século, deu-se início a uma interdição rigorosa da sexualidade e esta ficou resguardada à procriação do casal. Tudo que fugia à esta nova lei tornou-se anormal. Esta ruptura foi paralela ao surgimento de uma nova classe: a burguesia e, com ela, o desenvolvimento do capitalismo (FOUCAULT, 1997).

Para a burguesia estabelecer sua hegemonia houve a necessidade da construção de um corpo “de classe”. Este corpo entendido como a conquista de mecanismos políticos, econômicos e a construção de uma cultura burguesa objetivando a garantia de sua estabilização.

Ao contrário da aristocracia, que buscava sua perpetuação através da “antiguidade das ascendências e do valor das alianças”, a burguesia buscou, a partir da metade do século XVIII, como mecanismo de seguridade da sua descendência, a saúde do organismo biológico. Foi na procura desta afirmação e hegemonia na sociedade que a burguesia buscou assumir um corpo de classe e uma sexualidade para sua manutenção secular. Aspectos como a longevidade, progeneração, descendência e todas as técnicas que objetivassem as melhorias das condições do corpo e maximização da vida eram instigadas. Os “preceitos biológicos, médicos ou eugênicos; a preocupação

genealógica” eram ferramentas que fomentavam a perpetuação do dispositivo da sexualidade, e este servia como firmação de um corpo que pertencia à esta nova classe que surgia no cenário político e econômico da sociedade capitalista (FOUCAULT, 1997, p. 117).

Posteriormente, no século XVIII, para legitimizar o confisco da sexualidade, foi substituído o método católico e protestante pela criação de uma tecnologia do sexo. Foucault (1997) refere que esta tecnologia era nova por ser independente do poder eclesiástico. No entanto, a noção de pecado era substituída pela vigilância dos corpos através da pedagogia, medicina e da economia: o sexo se tornou uma questão do Estado. Para a pedagogia, ficou delegada a sexualidade das crianças, a medicina tratou da fisiologia sexual das mulheres, e a economia, representada pela demografia, ficou responsável pelo planejamento dos nascimentos.

Já no século XIX esta situação é mantida com normas repressivas, o sexo fadado à proibição tanto no que diz respeito a sua manifestação como com relação ao seu discurso. No entanto, segundo Foucault (1997), o fato de ligar a sexualidade ao poder instaurado pelas medidas de proibição é, ao mesmo tempo, instigar a transgressão desta lei. Uma atitude de resistência surge para desordenar esta proibição e fugir ao controle podendo propiciar o surgimento de uma nova lei.

Vale ressaltar que estas transformações no conceito de sexualidade são acompanhadas também de profundas mobilizações de poder. Foucault (1997) destaca que no século XIX este poder passou a ser compartilhado pela escola, pois antes quem o exercia era o clero, através da “pedagogia espiritual do cristianismo” (FOUCAULT, 1997, p. 111).

Foucault (1997) também refere que a família, desde o século XVIII, se tornou o local de explosão dos afetos e da eclosão da sexualidade. Refere ainda que as relações do sexo proporcionaram o surgimento de outro dispositivo, denominado de “aliança”. O dispositivo de aliança era entendido como perpetuação de bens entre parentes, transmissão de nomes e fortalecimento do matrimônio. No entanto,

principalmente no século XVIII, este dispositivo já não oferecia um suporte eficiente para os processos econômicos e políticos. Para manter a sexualidade aliada aos interesses do dispositivo da aliança, instalou-se com maior ênfase o dispositivo da sexualidade.

Esta permutação da aliança com a sexualidade é realizada pela família, é a partir desta que se “transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança”. Os elementos principais do dispositivo da sexualidade eram desenvolvidos no eixo familiar: o amor do casal, dos filhos e entre os elementos da família (FOUCAULT, 1997, p. 103).

Ainda segundo Foucault (1997) esta visão de aliança também diz respeito à manutenção de leis e, dentre estas, a visão da sexualidade vinculada ao ato sexual foi gerada a partir de um dispositivo que buscava atrelar a obrigatoriedade da confissão com os métodos da escuta clínica com o intuito de produzir uma “verdade” sobre o sexo. O domínio da sexualidade passa da culpabilização ao regime do normal e do patológico, transformando-se em veículo para disseminação de várias doenças. Para um diagnóstico precoce e terapêutico eficaz é necessário que o sujeito “confesse” todas as suas práticas sexuais ao médico, e este decida qual tratamento indicado para a “cura”. Assistimos a uma substituição do discurso do pecado pelo discurso da normalidade.

Daí surgiu na sociedade do ocidente o elo entre a “sexualidade” e a ciência da sexualidade, que procurava “produzir discursos verdadeiros sobre o sexo”. Neste discurso produzido pela ciência da sexualidade foi proporcionado o surgimento de um outro prazer: “o prazer da verdade do prazer” (FOUCAULT, 1997, p. 67, 69). Neste panorama prazeroso em que a sexualidade é escrita, lida, pesquisada cientificamente, narrada e interpretada pelo clínico, produz o que se denominou como o “prazer da análise”.

Neste contexto, o autor coloca Freud, psicanalista do século XIX, como um dos que refere a sexualidade como pertencente a um processo que foi desenvolvido sob uma crescente repressão (FOUCAULT, 1997). Apesar do domínio da ciência positivista, biomédica, e direcionada ao corpo físico, Freud (1905 apud MELLO, 1999, p. 31) propõe uma nova vertente, ou seja, propõe a dinâmica do inconsciente, que mantém “leis próprias de funcionamento e que disputa com a consciência o domínio do psiquismo”. Este inconsciente é responsável por inúmeros conflitos com o processo de socialização.

Discriminado por seus colegas de profissão, Freud (2002) foi considerado, em sua época, como um transgressor das normas morais ao defender sua tese de que a sexualidade estava presente desde a infância. Seu estudo intitulado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” aponta como prioridade a infância e sua possível relação com a histeria, neurose e distúrbios somáticos.

Apesar de recair na ênfase da relação entre sexualidade e genitalidade quando afirma que na fase do psiquismo que coincide com a entrada na adolescência existiria uma primazia dos genitais, Freud provocou rupturas nesse pensamento que cola o sexual no biológico. Refere que a sexualidade infantil é “essencialmente auto-erótica”, pois, inicialmente, a criança não percebe o seio materno como algo independente de si: seus lábios constituem uma das primeiras zonas erógenas e o ato de sugar é compreendido como uma manifestação prazerosa e nutritiva. Esta situação torna-se o molde para os futuros relacionamentos amorosos do sujeito. No entanto, com o desenvolver dos anos, a criança descobre outras fontes erógenas do seu corpo e, neste momento, já percebe o seio materno como independente de si (FREUD, 2002).

Freud refere ainda que a criança, sob efeito das pulsões parciais, pode ser percebida como um perverso polimorfo, transgredindo leis e normas da sexualidade. Esse aspecto surge na infância devido a pouca resistência encontrada nesta fase de vida do sujeito. Revela que isto acontece na criança devido à mesma não ter concluído os processos reguladores – vergonha, asco – que impedem as várias formas de prazer. Esta disposição polimorfa, além de ser infantil, é considerada por ele como

“universalmente humana e originária” e que pode, inclusive, perdurar no adulto. Contudo, devido às pressões desenvolvidas ao longo do processo civilizatório, essas pulsões parciais passam a ser recalcadas e, por ocasião da entrada na idade adulta, a organização sexual em torno do primado genital vai ser a única considerada normal. (FREUD, 2002).

Apesar de todos estes estudos, percebemos que, ainda hoje, existe a dificuldade de possibilitarmos uma discussão acerca do conceito de sexualidade na área da saúde que escape da redução a genitalidade e valorize aspectos singulares de cada pessoa, bem como sua inserção e repercussão no meio social. Essa dificuldade se apresenta ainda maior quando tentamos desenvolver uma escuta à mulher que procura, freqüentemente, o planejamento familiar na rede básica de saúde com questões relacionadas à sua sexualidade.

Para que esta escuta seja possível entendemos que é indispensável integrar nas discussões as concepções das próprias mulheres sobre o conceito de sexualidade e como esta perpassa suas relações consigo e com o mundo.

O

Caminho escolhido

A Sociopoética se configura como uma inovadora proposta metodológica de pesquisa que potencializa o próprio grupo como elaborador de conhecimentos, em que todos (as) integrantes se constituem como co-pesquisadores (as).

Reinaldo Fleuri, 2005

3 METODOLOGIA

Na realização deste estudo optamos por desenvolver uma metodologia que prioriza um processo “de construção”, e não apenas “de descrição”. Partimos desta concepção por entendermos a realidade como um processo em construção. Desejamos, ainda, inverter a posição dos sujeitos da pesquisa tirando-os da condição de fornecedores de dados, e possibilitando a atuação dos mesmos como participantes ativos da pesquisa, participando de todo o processo de produção do conhecimento. (SILVEIRA, 2004).

Compactuando com o nosso desejo de respeitar as singularidades encontramos a Sociopoética como método de pesquisa que propõe a produção de dados a partir dos sujeitos da pesquisa. Neste método de pesquisa são respeitadas as diferenças e apoiadas as trocas de experiências, para que possamos construir novos saberes. Estes processos são denominados como “criação de confetos”. Este termo surge com Gauthier (2004), que propõe a criação de um saber baseado nos aspectos cognitivos e afetivos. Nesta construção é respeitado o saber produzido por todo corpo físico, pelos nossos cinco sentidos, pelo conhecimento racional do assunto escolhido, bem como pelo saber oriundo da intuição, da criatividade, da emotividade produzida pela lembrança. Todo este conhecimento é construído a partir de dispositivos produzidos pelo facilitador no método do grupo-pesquisador.

A sociopóetica vai buscar suas raízes epistemológicas na pedagogia de Paulo Freire, na Análise Institucional, na esquizoanálise, no Teatro do Oprimido e na Escuta Mitopoética. Coaduna-se com a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, que refere a igualdade dos saberes, sugerindo a colaboração entre os mesmos e lutando contra a imposição de um determinado tipo de saber. Além disso, o referencial freireano também inspira a criação do método do grupo-pesquisador onde o saber é produzido coletivamente.

Da Análise Institucional de Lourau a sociopóética herdou a noção de dispositivo entendido como montagens ou artifícios que propiciam o surgimento de inovações, de diferenças, de singularidades.

Com a Esquizoanálise, proposta por Deleuze e Guatarri, a sociopoética traz a dimensão da produção de singularidade, heterogênea, em contraposição aos tipos de padronização do indivíduo existente nas sociedades modernas. Estas novas linhas de singularização são denominadas “devir”. Segundo Deleuze (apud SILVEIRA, 2004), o devir é o ilimitado na medida em que contesta tanto o modelo como a cópia, situado debaixo das próprias coisas como um elemento louco que subsiste. O devir é puro fluxo e não se deixa fixar, sempre infinito nos dois sentidos ao mesmo tempo; passado e futuro, mais e menos, ativo e passivo, causa e efeito.

O Teatro do Oprimido de Augusto Boal proporcionou a sociopóética a noção de que o conhecimento é produzido por todos, independentemente da situação acadêmica ou dos títulos que o pesquisador traz em seu currículo, e que o grupo deve ser considerado em toda a complexidade dos participantes e dos fatos apresentados pelos mesmos. Demonstra, através do teatro, que todos nós podemos ser, em determinado momento, oprimidos ou opressores, além de promover a criação de uma encenação, vivida pelo grupo e encenada para uma posterior análise. Neste contexto, a sociopóética propõe que os co-pesquisadores encenem a situação geradora do conflito que está sendo estudada e que depois seja realizada uma reflexão coletiva do espetáculo apresentado (SANTOS et al., 2005).

A proposta da Escuta Mitopoética de René Barbier é ouvir o outro em seus aspectos sociais, emocionais, ou seja, é tentar compreender os conflitos do outro, do grupo. Neste momento, o pesquisador também pode referir seus sentimentos, suspeitas, questionamentos ao grupo. Na sociopoética, há uma postura de sensibilidade e desafiadora para os facilitadores, que busca proporcionar um ambiente de confiança entre todos do grupo-pesquisador, para que haja uma escuta sensível e favoreça a exposição do não-dito, dos conflitos recalcados e até mesmo questioná-los sem causar constrangimentos, ou mesmo, julgamentos. Também traz a visão de que não

pesquisamos somente com a razão, mas com todo corpo, e esta proposta também encontramos na sociopóetica quando a mesma sugere que o conhecimento é produzido pela emoção, intuição, criatividade (SANTOS et al., 2005).

A Sociopóetica apresenta cinco princípios norteadores da pesquisa, e é sugerido que sejam desenvolvidos de maneira simultânea no decorrer do estudo. É sabido que em determinados temas se tem uma afinidade maior por alguns dos princípios, mas este fato não descaracteriza uma pesquisa sociopóetica. Dentre os princípios, temos a co-responsabilização dos sujeitos da pesquisa pelo conhecimento produzido no grupo-pesquisador. Este princípio é considerado como a alma da Sociopóetica.

O segundo princípio refere-se nas interações de culturas de resistência, com as de contra-resistência. As culturas de resistência são as que, apesar de sofrerem constantes interferências de outras, conseguem manter seus valores e ideais, já as culturas dominadas são aquelas que apresentaram uma possibilidade maior na assimilação de idéias instituídas. Este momento que tem por objetivo provocar o diálogo de culturas heterogêneas e produzir dados oriundos de uma miscigenação cultural.

O terceiro princípio traz a conscientização de que todo o corpo produz conhecimento. O homem é visto como um ser histórico, e como tal, traz as marcas de suas experiências por todo o corpo físico e emocional. As expressões de caráter intuitivo, sensível, gestual, racional e criativo são reveladas, na medida em que é instigado seu surgimento.

O quarto princípio sugere o uso de técnicas artísticas na produção dos dados, para que o inesperado possa aparecer e os dados da pesquisa demonstrem os saberes inconscientes do grupo-pesquisador. O quinto princípio refere-se ao questionamento pelo grupo-pesquisador dos aspectos político e ético pertencente ao estudo realizado, bem como o processo de socialização da pesquisa (SANTOS et al., 2005).

A seguir, apresentamos as etapas propostas pelo método do grupo-pesquisador e mostramos como realizamos cada uma delas em nosso estudo.

3.1 Método do Grupo-Pesquisador

a) **Negociação** – numa pesquisa sociopoética é defendido o respeito pela singularidade da cada sujeito, para que possa haver a construção de conhecimento com todo o corpo. Desta forma, é necessária a realização de uma negociação sobre o tema gerador das discussões. É necessário, primeiramente, que os sujeitos da pesquisa sejam convidados a tornarem-se co-pesquisadores. Desta forma, o pesquisador oficial e os co-pesquisadores são membros atuantes e participativos de todas as etapas integrantes do método. Resolvemos desenvolver esta pesquisa numa Unidade de Saúde da Família, situada na Barra do Ceará, pertencente à Regional I do município de Fortaleza, por apresentar vínculos com a pesquisadora e, possivelmente, facilitar o processo de aceitação da investigação. Os sujeitos da pesquisa são as mulheres atendidas no programa de planejamento familiar da referida unidade de saúde. Para fins de seleção dos sujeitos, delimitamos como critério de inclusão o fato de ser mulher, cadastrada no programa de planejamento familiar nos últimos dois anos, ficando excluídas as mulheres cadastradas em anos anteriores. As mulheres foram convidadas a participarem da reunião de negociação, que foi realizada nos dias: 09/08/2006 e 16/08/2006, às 8:30hs, no auditório da referida unidade, onde foi exposto o tema da pesquisa: a construção do conceito de sexualidade. No primeiro encontro, compareceram 22 mulheres, já no segundo estiveram presentes 18 mulheres. Na ocasião, foi investigado, junto às mesmas, o interesse pelo tema exposto. Na ocasião, também foi negociada a permanência das mulheres que se interessaram em participar do grupo-pesquisador.

b) **Produção dos dados** – para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos cinco oficinas, compostas por um momento de relaxamento e um momento de técnicas de

produção de dados, onde foram estimuladas a imaginação e a criação de confetos² nos sujeitos co-pesquisadores. As oficinas tiveram como finalidade, a criação de dispositivos que proporcionassem a construção de conhecimento produzido por todo o corpo dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Os encontros foram realizados periodicamente, também negociados previamente com o grupo pesquisador. Na pesquisa sociopóética, ao contrário da pesquisa tradicional, procura-se a produção de saberes e não meramente a coleta de dados através de discursos pré-estabelecidos. Utilizamos técnicas artísticas e criativas que estimulavam os sentidos, buscando resgatar conhecimentos oriundos da razão, intuição e emoção. Posteriormente, descreveremos cada uma das oficinas realizadas.

c) Análise dos dados – no processo de análise dos dados, também contamos com a participação do grupo-pesquisador, para que cada um dos sujeitos que compõe o grupo continue sendo participante ativo da pesquisa. Entretanto, devido à necessidade de organização do tempo de que dispúnhamos, realizamos a análise do grupo em uma única oficina onde apresentamos todo o material produzido por ele, tanto a produção plástica como escrita, além das análises que eu já havia previamente realizado, conforme explicito a seguir. O grupo realizou esta análise comentando os dados produzidos, trazendo à tona os elementos que constituem seu saber, tudo aquilo que foi capturando ao longo da sua vida e que agora possa ser utilizado como referencial de análise.

A análise do pesquisador foi desenvolvida em duas etapas: análise da produção plástica e análise da produção escrita. Segundo Silveira (2004), é importante que a análise destes materiais ocorra separadamente, pois são tipos de expressão bastante diferenciados. Sendo assim, desenvolvemos, primeiramente, a análise das produções plásticas do grupo, buscando encontrar outros olhares acerca de toda a manifestação expressa nos relatos e materiais confeccionados durante as oficinas pelo grupo-pesquisador. Para Melo (2003) este momento nos proporciona o exercício da intuição, bem como a uma breve reflexão anterior a análise da produção verbal. Em

² O termo “confeto” é um neologismo introduzido por Gauthier à partir da junção dos termos conceito e afeto.

seguida, trabalhamos as análises da produção oral do grupo através das técnicas propostas pela Sociopoética: análise classificatória, transversal, surreal e filosófica.

Na análise classificatória, inicialmente transcrevemos todas as falas dos componentes do grupo, depois dividimos as mesmas em quadros, tendo o cuidado de colocar ao lado de cada fala o sentido expreso. Após esta fase de organização, procuramos colocar em outro quadro todas as falas que possuem o mesmo sentido, daí é constituída uma categoria. E assim, vamos construindo todas as categorias que foram expressas numa oficina. Depois disso, observamos, em cada uma delas, as falas que convergiram, as que divergiram, as oposições, ambigüidades e os paradoxos presentes. Após todo esta separação, partimos para análise transversal que busca juntar o que foi anteriormente separado, porém deixando presentes as oposições, convergências, divergências, ambigüidades e paradoxos encontrados na análise classificatória.

Posteriormente a estas fases, encontra-se a análise surreal, nesta o pesquisador se utiliza dos dados da análise classificatória e transversal para unir o que foi separado, separar o que estava relacionado, ou mesmo, criar uma outra combinação com os dados provenientes do grupo pesquisador, favorecendo uma outra lógica de pensamento.

Por fim, temos a análise filosófica que se faz através de um determinado referencial teórico do facilitador, ou mesmo, do grupo-pesquisador. Tivemos de ter o cuidado para que os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador não fossem sobrepostos pelo referencial teórico (SANTOS et al., 2005).

d) Contra-análise – realizamos esta etapa no mesmo dia da oficina de análise do grupo-pesquisador, em um segundo momento. Terminada a análise dos dados, apresentou-se ao grupo pesquisador as análises realizadas pelo pesquisador oficial. Este momento teve como finalidade proporcionar ao grupo a sua manifestação através de sugestões, críticas, alterações ou mesmo concordância com as mesmas.

e) Socialização – este é um momento final, onde o grupo pesquisador decidirá como será a apresentação do resultado da pesquisa e, conseqüentemente, a socialização do material produzido que conta com a criação de novos saberes. Diferentemente, das pesquisas convencionais, a Sociopoética traz como sugestão a disseminação destes saberes oriundos de diversas singularidades e formadores de um corpo, o corpo do grupo-pesquisador. Em nossa pesquisa, esta etapa dar-se-á com a apresentação dos resultados à toda equipe de saúde da qual fazemos parte, contando com a participação de todos os membros do grupo-pesquisador. Este momento será realizado após a defesa da dissertação.

3.2 Aspectos éticos

Os dados foram produzidos em ambiente reservado para favorecer conforto e segurança às co-pesquisadoras. Foram consideradas as recomendações da Resolução 196/96, que prioriza os aspectos éticos que devem ser considerados em pesquisas envolvendo seres humanos. Foi solicitado o consentimento dos participantes após o esclarecimento e o compromisso do pesquisador em não proporcionar aos mesmos nenhuma atitude que fizesse constranger, desrespeitar ou estigmatizar e, assim, prejudicar os sujeitos ou a comunidade envolvida na pesquisa. Assim sendo, foi solicitada após este acordo verbal com os participantes, a permissão por escrito dos mesmos, que ocorreu na primeira oficina, como também foi solicitada, previamente, a autorização da direção da Unidade de Saúde para a realização do estudo. Esta pesquisa também foi subordinada, anteriormente à sua apresentação aos sujeitos da pesquisa, à apreciação do Comitê de Ética e incorporou suas respectivas sugestões.

Relatamos aos sujeitos da pesquisa que o resultado poderia vir a ser publicado. Foi lhes comunicado, porém, que a identificação na ligação entre os dados específicos e os sujeitos a quem se referem seria impossível. Desse modo, estaria garantida a confidencialidade na relação existente entre os dados apresentados no estudo e seus participantes (MOURA; FERREIRA; PAINE, 1998).

O

Tato e a Sexualidade – primeira oficina

Senti um carinho, uma tranquilidade,
aqueles objetos passando na gente,
o perfume que vocês passaram faz lembrar
a gente preparando para o
momento maravilhoso.

Co-pesquisador

4 O TATO E A SEXUALIDADE – PRIMEIRA OFICINA

Em nossa primeira oficina, que se deu no dia 01/08/2006, compareceram treze mulheres. Doze delas estiveram na oficina de negociação e a outra, apesar de não ter sido convidada, veio para conhecer nossa atividade e saber o motivo de não a termos convidado. Este motivo foi devido a sua participação em outras atividades já desenvolvidas em nossa Unidade voltada para o controle da pressão arterial e diabetes e devido à mesma estar apresentando, na época, dificuldades em deambular. Esta usuária veio com uma das mulheres convidadas a participar da oficina e, apesar de ter optado por não participar da oficina, quis permanecer no grupo e manteve-se atenta durante o desenvolvimento das técnicas.

Para a realização desta primeira oficina contei com a colaboração de duas alunas de graduação do curso de Enfermagem da UECE e participantes do grupo de pesquisa de minha orientadora. Chegamos na Unidade, aproximadamente, trinta minutos de antecedência com relação à oficina para organizarmos o local onde a mesma iria ser desenvolvida. Organizamos no auditório da Unidade de saúde todo o material que íamos utilizar nas técnicas.

A técnica escolhida foi a da Oficina do Tato. Esta técnica foi desenvolvida baseada em Silveira (2004), que a descreve como uma proposta que favorece a percepção do corpo através das sensações produzidas em contato com os objetos. Este contato pode provocar prazer, mas, também, um estranhamento. Este estranhamento se deve ao fato de que os objetos, inicialmente sem nenhum significado, ao tocarem a pele, podem gerar sensações que induzam aos aspectos da criatividade, da intuição, das emoções emergentes do grupo-pesquisador. Desta forma, explicamos que, após o relaxamento, iríamos vendar os olhos das participantes com um pedaço de tecido de preto, para que, fosse dificultada a visualização dos objetos, e os mesmos ficassem representados somente na imaginação de cada participante.

O material utilizado foi composto por bilas, bacia com água à temperatura ambiente, bichos de pelúcia, geleinha, véus, plásticos com bolinhas, bolas, lixa, bolinhas de isopor, pena, e escova de cabelo. Finalizando, recebemos as participantes que chegaram pontualmente às 14:00hs. e solicitamos aos demais profissionais da Unidade que não interrompessem a atividade que iríamos desenvolver. Iniciamos nos apresentando, falamos de nosso objetivo, explicamos, novamente, o método com o qual nos propúnhamos trabalhar e a importância do esclarecimento e assinatura do termo de consentimento das participantes. Pedimos que as mesmas se acomodassem nas cadeiras para começarmos o relaxamento³, o qual transcrevemos a seguir:

“Procure relaxar completamente, respirando devagar e profundamente, como se estivesse cheirando uma flor e soprando uma vela. Lentamente, cada qual vai seguindo seu ritmo da respiração. Imagine que você está perto de uma cascata. Você mergulha nessa água e descobre que é quentinha e atraente. A água não é profunda. Quando você senta, chega somente até os ombros. Sente e relaxe. A água começa a fazer borbulhas e um redemoinho. A água borbulha e se movimenta em volta de você. Você sente que os músculos estão relaxando. Ficam mais e mais relaxados. A água se movimenta e faz círculos, e você deixa que ela lave toda a tensão e dor. A água está lavando toda a ansiedade, todo o medo. A temperatura gostosa e o movimento da água estão acalmando e relaxando você. Você está soltando toda a tensão. Deixe que as águas tranquilizem você. Pausa de cinco minutos. Quando você quiser terminar, saia da água e volte à realidade normal. Você vai voltar relaxada e calma.”

Ao terminar o relaxamento, pedimos para que continuassem sentadas, em silêncio, pois iríamos vendá-las com um tecido de algodão, depois passaríamos objetos pelos seus corpos. Solicitamos que, quando passássemos os objetos pelo corpo, as mesmas, fizessem uma relação com a sexualidade. Desta forma, foi desenvolvida a oficina que nesta primeira parte contou com um tempo de, aproximadamente, uma

³ O relaxamento foi desenvolvido com base no texto: “Mulher: corpo, mente, alma – um programa de saúde mental popular para mulheres, por mulheres”. Manual para a monitora, 1988. p. 81.

hora. Após esta primeira etapa, pedimos para que, ainda em silêncio, as participantes expusessem a experiência individual na forma de desenho, utilizando tintas e pincéis, lápis de cor ou cera, que estavam expostos no chão. As mulheres se acomodaram nos colchonetes presentes no auditório e começaram a produzir. No meio de uma intensa produção, elas conversavam, trocavam pincéis, tintas, deitadas ou sentadas nos colchonetes, enfim, desenvolviam com alegria a tarefa solicitada. Desta forma, apresentaremos as produções plásticas desta primeira oficina com suas respectivas co-pesquisadoras, e as análises feitas do material exposto.

4.1 Análise da Produção Plástica

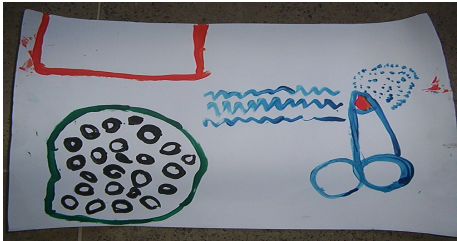
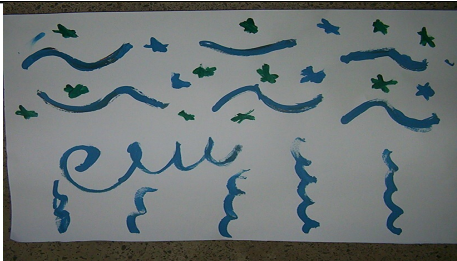
Para melhor compreensão, resolvemos apresentar as imagens divididas em quadros seguidas de seus respectivos co-pesquisador e explicação do desenho. Segundo Luz (2004) é durante a análise plástica que deixamos fluir nossa imaginação e captamos as conexões surgidas deste momento.

Na ocasião das apresentações, solicitamos que cada uma referisse um nome fictício no intuito de que suas falas e desenhos não fossem posteriormente identificados. Chamou-nos atenção uma participante que em momento algum verbalizou suas idéias, nem mesmo no momento de expor seu desenho.

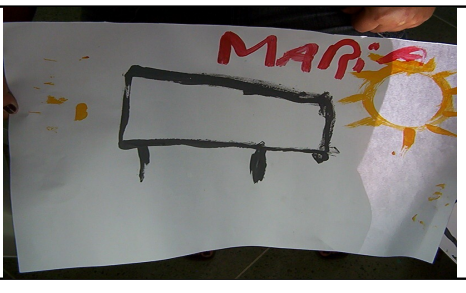
Após o quadro, seguiremos com a análise destas produções plásticas.

Co-Pesquisador	Relato	Desenho
Tereza	Eu desenhei a cachoeira, nós dois aqui.	

Co-Pesquisador	Relato	Desenho
----------------	--------	---------

Luci	O pênis, as bolinhas, os ovinhos dele, o sexo.	
Elen	O meu desenho é assim, eu coloquei o amarelo porque é o tipo o raio, uma coisa forte, [...]. Aí o sol, porque é quente, e as estrelas porque é a sensação do céu, de voar.	
Mary 1	Senti aquele relaxamento como se a agente tivesse ido para as nuvens.	
Nega	É como se eu tivesse num açude flutuando, aí meu marido chegou, ficou comigo. Tinha muitas plantas, coisas verdes, flores.	
Eli	O meu desenho é que quando eu to com meu marido é tipo como se eu tivesse num jardim florido.	
Francis	Meu desenho é aqui, a piscina. Aqui eu na piscina, no chuveiro, tem umas pedras, estrelas, sol [...].	

Co-Pesquisador	Relato	Desenho
----------------	--------	---------

Cris	
Mary 2	[...] estava numa paisagem verde, num campo verde, com muitas flores, muitas árvores, aí quando veio aquelas coisas passando, eu senti a barba do meu esposo na hora da relação. 
Mary 3	Eu senti bem com a vida. 

As imagens apresentaram uma variedade de cores fortes, alegres e suaves, demonstrando os vários aspectos que compõem o momento da produção plástica. Dentre os desenhos podemos destacar um belo cometa que irradia o céu durante sua passagem pelo planeta. O cometa reporta-nos à lembrança dos sonhos inesperados, estes trazem consigo uma luminosidade que nos faz acreditar em possibilidades e vitórias. Através dos desenhos expostos associamos a genitália masculina com a vegetação rasteira, e juntamente com as águas vindas da cachoeira ou de grutas, promovem um cenário que encanta a todos os casais que viajam de barco, de carro, nas nuvens, ou mesmo pela imaginação ou pelos sonhos.

Podemos referir que nossa sexualidade também existe em nossos sonhos, e quando percebemos que podemos concretizá-la no cotidiano, flutuamos, seja no céu, na água, sob a chuva, ou mesmo, passeando nos jardins floridos.

A presença do azul foi produzida nos desenhos através do céu, do mar, de uma cachoeira, de uma pequena piscina, nos reportou a sensação de conforto e harmonia de quando se está na água, como, também, o terror e o medo de quando se afoga, e neste momento, até mesmo o céu se torna nosso inimigo, pois assiste passivamente ao nosso fim.

Outra cor presente nos desenhos foi o verde, representado pelas árvores, e pela vegetação rasteira, que nos lembra a gostosa sensação de pisarmos num terreno molhado e macio, o descanso e a segurança que temos ao colocarmos nossos pés sobre o capim. Esta situação nos recorda a estabilidade emocional que conseguimos quando compreendemos que nossa sexualidade transpõe os limites das partes do corpo, ao mesmo tempo em que ela é sentida por toda nossa extensão.

Também foi demonstrado num dos desenhos a genitália masculina, e esta caracterizada com a cor vermelha. Esta cor que chama atenção e desperta fortes sensações, também pode nos transportar para lembranças de guerra, sangue, e de dor presente quando silenciemos nossos conflitos sexuais.

Com estas breves observações, refletimos que a sexualidade pode estar presente em varias situações, entre estas, se encontram as que produzem o bem estar, o equilíbrio, e aquelas que lembram sensações desagradáveis, que nos intimidam. Dentre estas situações, lembramos o quanto é importante trabalharmos os conflitos íntimos para encontrarmos uma solução. Desta forma, com a construção de alternativas para nossos conflitos sexuais, findaria com um presente da natureza. E este, seria constituído pelo sol, pelas estrelas e pelas nuvens, formando um telhado natural para descansarmos após a dificuldade de transpormos um difícil trajeto.

4.2 Análise da Produção Oral

Aproveitamos o momento em que as co-pesquisadoras estavam falando de seus desenhos para incentivá-las a falarem do tema gerador: sexualidade. Em meio às

falas, percebemos certo desconforto em algumas participantes, e uma delas não falou nem mesmo sobre seu desenho. Neste caso, achamos melhor não insistir para que esta co-pesquisadora falasse. Observamos certo incômodo nas co-pesquisadoras, ao falarem mediante um gravador. Também demonstraram incômodo no meio das discussões quando foi questionados, pelas mesmas, a estreita relação da sexualidade com o ato sexual que estava sendo exposto. Algumas se mantinham um pouco mais caladas e somente quando pedíamos seus comentários era que expunham suas idéias. No final da oficina, negociamos o próximo encontro e uma das co-pesquisadoras levou o diário para sua casa, pois, durante a oficina, a mesma não conseguiu escrever. Após transcrevermos a fita gravada durante o encontro, resolvemos criar quatro categorias que abrangessem o sentido das falas das co-pesquisadoras. E com os dados obtidos desta categorização, realizamos uma análise transversal, tendo por base a análise classificatória realizada anteriormente.

Desta forma, segue-se a análise classificatória e transversal desta primeira oficina, que denominamos como oficina do Tato.

4.2.1 Análise Classificatória

I – Sentido atribuído a vivência dos objetos
1. Senti um carinho, uma tranquilidade, aqueles objetos passando na gente, o perfume que vocês passaram faz lembrar a gente preparando para o momento maravilhoso. 2. Aí dormi, e aí depois tem aquele “negocinho”. O pênis, as bolinhas, os ovinhos dele, o sexo. Foi o paninho passando. E depois eu vim me lembrar dos “negócios” né. 3. Quando eu relaxei eu senti que estava numa paisagem verde, num campo verde, com muitas flores, muitas árvores. Aí quando veio aquelas coisas passando, eu senti a barba do meu esposo na hora da relação. 4. E as bolinhas, na hora que eu peguei significa o prazer, vem o significado do que é o pênis, é a vontade, o prazer. 5. É isso que senti quando elas passaram aqueles cachorrinhos, aquela coisinha macia. Consegui (relaxar), maravilhoso, do mesmo jeito quando a gente termina de fazermos. Senti aquele relaxamento como se a gente tivesse ido para as nuvens. 6. Na hora que ela mandou colocar a venda nos olhos e relaxar, eu saí fora do ar. É como se eu tivesse num açude flutuando, aí meu marido chegou, ficou comigo. Tinha muitas plantas, coisas verdes, flores. Na hora que veio a bolinha, eu ainda estava nas nuvens, foi que eu fui voltando a si, quando veio a geleiazinha, é como se eu tivesse flutuando, aqueles passarinhos, é como se eu

tivesse com babydosinho, bem fininho, bem aconchegante, e o meu marido chegasse e tirasse levemente.

7. Desenhei uma cachoeira, aqui os matos, quando ela mandou a gente relaxar e pediu para gente ir para uma cachoeira, então eu fui. Senti uma sensação boa, sem saber explicar.
8. Para falar verdade nessa hora não me lembrei que tinha nem marido, adormeci, me lembrei foi do tempo de criança, as bolinhas, esse negócio que é tipo uma geléia que a gente brincava muito quando era criança. E me lembrei também nessa viagem que fui agora no interior, tomei banho no rio, e lá tinha muita pedra, brinquei muito.
9. O meu desenho é assim, eu coloquei o amarelo porque é o tipo o raio, uma coisa forte, no 1º momento eu achei gostosa as bilinhas nos meus pés que é como a sensação da mão, a mão bem leve, carinhosa, achei gostoso também a sensação do isôpor, é uma sensação quente.
10. E as estrelas, porque normalmente a relação para mim dá a sensação de estar no céu, eu nunca senti a sensação de voar, mas às vezes, é a sensação de voar. Aí o sol, porque é quente, e as estrelas porque é a sensação do céu, de voar.
11. O meu desenho é que quando eu tô com meu marido é tipo como se eu tivesse num jardim florido. Eu lembro quando viajei com ele, a gente passou muito tempo só, no terreno da minha mãe, a gente passeava num jardim bem colorido que tinha lá na fazenda.
12. Meu desenho é aqui, a piscina. Aqui eu na piscina, no chuveiro, tem umas pedras, estrelas, sol, na hora que estava passando as coisas eu achei legal. Era como se fosse a barba.
13. Eu senti sendo acariciada. Na hora que estava passando aquelas coisas eu senti sendo acariciada, tava deitada e uma pessoa me acariciando [...].
14. Eu senti bem com a vida, achei muito bom o relaxamento.

1, 3, 5, 6 e 13 convergem ao associar o relaxamento experienciado na vivência com a relação sexual, além disso, 3 e 6 convergem ao fornecer a descrição de uma paisagem associada ao relaxamento.

2, 3, 4, 9 e 12 convergem ao associar os objetos do relaxamento a partes do corpo do parceiro sexual, sendo que 2 e 4 associam ao órgão sexual.

8 é oposta a 1, 2, 3, 4, 5, 6, 13 por afirmar que não viu nenhuma relação com o parceiro

7, 8 e 14 convergem por referirem sensações advindas do relaxamento sem associá-las à relação sexual.

6 e 10 convergem ao associarem a idéia de relação sexual ao fato de ir para as nuvens, para o céu.

10 é ambígua ao afirmar que a relação sexual dá a ela uma sensação que nunca sentiu (voar, estar no céu).

5, 6, 10 convergem ao referirem sensações compreendidas no espaço aéreo e a presença de elementos da natureza.(nuvens, plantas, flores, flutuar, pássaros, céu, sol, estrela, raio).

II – A relação com o outro

1. Cada mulher tem uma relação diferente com seu marido, nem todas as mulheres tem a mesma relação, deve ser um carinho diferente, uma maneira diferente, age diferente, por isso que é assim, cada uma tem a sua opinião de como é o sexo.
2. Eu acho entre um casal que não há mais sexo, acho que não existe mais carinho, mais nada. Eu penso dessa maneira. Ainda mais com beijo, porque se for sem beijo é porque eu sei que não ta rolando mais nada.
3. Meu esposo não é de ta agarrado comigo não. Mas ele diz que é falsidade viver só agarrado, é melhor ser caladinho, ser sincero do coração, o que ele sentir, do que viver agarrado.
4. É importante sempre os dois conversarem, para mim não vale esse negócio que entre quatro paredes vale tudo. Não acho isso certo. Acho que ele tem que me entender, e eu entender ele.
5. Eu acho que hoje em dia tem muitos casamentos que são só de aparência. Na minha opinião existe o fazer amor e o fazer sexo. A maioria dos casamentos, hoje em dia, são assim. É a questão da aparência também. Normalmente se vê o casalsinho e diz que vivem tão bem, e dentro de casa se matando, acho que não é nem a questão de andar abraçados, beijando, normalmente, às vezes, é briga na certa, é só aparência para mostrar para os outros que estão bem. Eu acredito que não é importante, é melhor você ir cada um pelo seu lado, não andar com negócio de abraçar e beijar para os outros verem e estar bem com ele do que a questão da aparência. Hoje em dia a maioria dos casamentos são assim, de aparência, [...]
6. O marido chega, a mulher ta lá banhada, eles vão ter relação e um vira para um lado e vai dormir, normalmente é assim. E daí vem o caso das traições, porque o que não tem em casa a mulher busca em outro, mas não abre mão daquele relacionamento, o mesmo caso os homens. É bom você estar bem com ele, conversar com ele, quando ver que não estão se entendendo, porque normalmente as traições surgem disto, a mulher não sentir, ali na hora da relação, o marido ta lá, transa, como elas falam: “aí ele goza e vira para o lado e vai dormir”. Aí ela acaba buscando no outro a sensação que o marido não deu, normalmente é assim.
7. Muito bom, participar os dois juntos, ta junto, um compreendendo o outro, ajudando o outro, a união.
8. Eu acho que o sexo não é tudo não, a convivência, o companheirismo, a compreensão que é tudo na vida de um casal. Porque o casal só com sexo, eles vão viver só com o sexo? Não. Eles vão viver com tudo. A união é muito importante, o companheirismo, a convivência, isso é que eu acho que é tudo.
9. E para mim só vale se for os dois na relação, porque se for só um meter de cabeça e o outro não sentir nada, fazer e não sentir nada. Porque, às vezes, uma mulher faz tudo numa cama, e mesmo o homem, às vezes, faz tudo com a mulher, e a mulher ali dura, não faz nada.

3 e 5 convergem ao referirem que existem relacionamentos pautados só em aparências e que isso não é suficiente para uma boa relação e que a realidade no cotidiano do casal pode ser conflituosa.

1, 4, 7 e 8 convergem ao referirem outros elementos como importantes na relação como diálogo, companheirismo e respeito às diferenças.

2 diverge de 1, 4 e 7 por apresentar a primazia da relação sexual na convivência do casal.

4 e 9 divergem com relação ao papel da mulher na relação sexual. Enquanto para 4 a relação tem limites, para 9 a mulher deve entrar de cabeça.

III – Sentidos atribuídos a sexualidade

1. Nas horas boas e ruins, tudo realiza a mulher, não só aquele fato de ir para cama, aquele ato não, envolve tudo, o dia-a-dia, envolve tudo.
2. É tudo numa relação, é amor, carinho, compreensão, dedicação.
3. Sexualidade é uma coisa muito boa, é o momento de carinho, é aquele momento de conversar e resolver alguns problemas que estão na cabeça, aí o relaxamento a gente fica deitado, conversa muito e resolve os problemas ruins e os problemas bons.
4. O sexo é tudo para mulher? E sexo não é tudo para uma mulher.
5. É um realizar o outro na cama, tem que realizar um ao outro, para mim é uma sexualidade.
6. É tudo, é amor, harmonia, compreensão, os dois unidos, quando for fazer alguma coisa os dois tem que tá ali [...]
7. Sexualidade no casal não é só sexo, porque tem mulher que só sente prazer, só gosta do marido quando ele tá lá direto com ela. Não é assim né?! Sexualidade é quando os dois, às vezes, se convergem até como dois irmãos, mas é como naquela hora a gente sente amor, aquela sexualidade, aquele prazer. Não é só para agarrar e se beijar não.
8. Acho que estar bem consigo, estar se amando para poder passar o amor para o próximo, acho importante. Eu encontrei alguém que estou conseguindo entender mais isso hoje, antigamente não entendia muito disso. Eu não sentia muita coisa, hoje em dia eu já tô descobrindo mais coisa.
9. É tudo entre um casal, amor, carinho, afeto, harmonia.
10. Para mim é muito bom, é a união dos dois, de participar um com o outro, estar próximo um do outro.
11. [...] eu acho que o sexo é o amor.
12. É o amor, importante, se não tem amor não tem sexo, eu acho que o sexo é o amor.
13. A sexualidade para mim é você se sentir mulher mesmo, realizada, ter aquele companheiro legal, naquelas horas maravilhosas, não só nas horas boas, também naquela hora que a gente se sente deprimida e ele chega e fica ali do lado da gente.
14. [...] é o momento que me lembro que tô perfumada, aí vem logo aquele momento de pensar no parceiro, a gente se prepara toda, se arruma toda, toma aquele banho, é aquele momento “X” da gente.
15. Para mim é importante pelo seguinte, se minha sexualidade tá bem com meu esposo, é porque eu me sinto mulher bem realizada na hora do sexo.

11 e 12 convergem ao relacionarem a dependência (submissão) do ato sexual ao amor.

1,2,6,9,10, 13 e 14 convergem ao referirem a sexualidade como parte integrante do cotidiano do casal.

3, 4 e 7 se complementam ao mencionar que num relacionamento conjugal há necessidade do ato sexual, como também de um entendimento fraternal. É este conjunto que caracteriza a sexualidade do casal.

Os itens 5 e 15 divergem dos itens 1,2 6, 9 e 10 por priorizar a relação sexual no relacionamento conjugal.

O item 8 diverge dos demais itens por referir, primeiramente, a necessidade do auto-amor, para depois refletir este sentimento no outro.

IV - O ritual da relação sexual

1. É porque quando estamos naquele momento, a primeira coisa que meu marido faz é me dar um banho de creme, aquilo ali eu acho muito bom, para mim é um momento de carinho que ele faz, depois me beija todinha e quando termina aquele momento há o relaxamento que a gente fica nas nuvens como se fosse um pássaro.
2. E para mim só existe sexo se tiver muito beijo, e mais na boca, porque se tiver só carinhosinhos não existe não.
3. “[...] e na hora do amor tem que ter muito carinho, tem que sentir prazer claro né.
4. Na relação é importante para mim ter que deixar aquele ar depois, no outro dia você tá lembrando do cheiro, da forma do carinho.
5. A gente fazendo “a bolinha”. Isso é que a gente tem que tomar um banho, tem que passar um perfume para quando o marido chegar tá cheirosa. Por que tem que ficar cheirosa, bonita para quando o marido chegar me ver.
6. Para mim tem que ter um amorzinho, um beijinho, um alisamentozinho, tem que adular bastante para poder rolar o clima. Tem que adular muito.
7. Quando a gente vai ter aquele momento, ele vem com carinho, vem com aqueles afetos e começa passar a barba, e começa a acariciar e vem a vontade.

1, 2, 3 , 6 e 7 convergem ao referirem os passos existentes numa relação sexual. (banho de creme, beijos, adulações, carinhos, carícias).

O item 5 é ambíguo por mencionar atitudes que não podemos afirmar que sinalizam para a relação sexual.

4 diverge dos demais itens por não apresentar ações preliminares ao ato sexual, e sim, reportar-se às sensações posteriores da relação sexual (cheiro, forma, carinho)

4.2.2 Análise Transversal (Versos Livres)

Resolvemos fazer esta análise através de versos livres por ser um gênero literário que não requer regras pré-determinadas e por ofertar uma beleza que valoriza o sentido das frases expostas pelo grupo-pesquisador. Podemos buscar apresentar uma nitidez em seus versos, ao mesmo tempo em que proporcionamos um encanto para quem os lê. Desta forma, segue-se o verso oriundo de uma tarde quente de palavras e sentimentos que foram expostos, explorados e agora estão sendo visualizados por todo aquele que sentir interesse em conhecê-los:

Vou cochichar uma história
Bem agradável de se ouvir

Existia um lugar
Onde mulheres mil
Reuniam-se para falar e sentir
Sorrir e brincar

Num destes encontros
Diziam flutuar pelas nuvens
Relaxar nos braços de Orfeu
E se divertir como crianças
Mas nunca esqueciam de falar
De seus amores domésticos

Aí falavam da barba
Da genitália masculina que parecia com as bolinhas do encontro
E de passear com o moço pelo jardim
Com plantas, flores, pássaros e pedras.
Ainda existia o rio, o açude e a piscina;

E para fazer inveja
Ainda diziam que se banhavam
Sozinhas? Nem em sonho!
Para cada uma
Existia um príncipe em casa

Lembravam do babydol
Sendo tirado devagar
Não esqueciam da mão
Que não era boba
E, sim, carinhosa.

Contavam do perfume
Que invadiam seus pensamentos
E um bem estar inexplicável

Elas gostavam quando
Passavam pelas suas peles
Os cachorrinhos e o paninho
O esopôr, as bilas e a geléia.

Mas os astros não escaparam
De seus relatos
Elas diziam que gostavam
De estrelas, sol, do raio,
De sentir o quente e
Sair fora do ar

No meio da conversa
Diziam que cada uma
Tinha um jeito diferente
De fazer sexo.

Sexo? Palavra pequena
Mas que instigava a falar
Principalmente quando falavam
Sobre o ritual da relação sexual
Algumas diziam que tinham que ter muito amor
Outras que casamento sem sexo não existe

Elas diziam que tomavam banho
E se perfumavam
Só para os maridos verem.
Falavam que tinha um banho de creme,
Beijos infinitos, carícias mil,
Muito adulamento
Para aparecer a vontade
Outras diziam que precisavam conversar
Para que não ficasse só na aparência.

E depois do ato concretizado
Ficavam tão leves
Como se fosse um pássaro.
E no outro dia,
Sem esquecer do cheiro, da forma,
Do ar do amor.

Depois de todos estes relatos
Falavam até dos motivos das traições,
Da sinceridade, da compreensão,
Do estar lado a lado,
Da convivência de um casal
E da entrega de ambos na relação.

Disseram que havia uma diferença
Entre fazer sexo e fazer amor.
Enfim, era um bate-papo demorado
E muito bom de se ouvir.

Que não perdoavam nada
E diziam que a sexualidade
Envolvia o dia a dia, a cama, o amor,
O prazer, a dedicação, resolver os problemas,
E que sexo não era tudo para uma mulher

Ah! Mas, uma delas, disse que estava
Descobrendo mais coisa hoje em dia.
E sabem por quê?
Porque estava com um moço
Que a fez entender que antes de tudo,
A pessoa precisa se amar
Para depois espalhar
O bem-estar ao redor de si

Elas finalizavam dizendo
Que tudo isso se resumia
Em se amar.
E esta era a receita dada
Para uma mulher ser feliz.

Assim, as tardes ficavam leves.
E elas voltavam para suas casas
Relaxadas porque brincavam
De falar livremente.

O

Corpo da Sexualidade – segunda oficina

Um corpo com muitas partes iguais.

Co-pesquisador

5 O CORPO DA SEXUALIDADE – SEGUNDA OFICINA

Nossa 2ª oficina foi realizada no dia 07/08/2006 no mesmo local e horário que foi realizada a anterior. Nesta, continuamos a contar com o apoio das mesmas alunas que estiverem presentes na primeira oficina. No entanto, nosso grupo-pesquisador contou com a participação de seis mulheres. Na ocasião, uma das participantes do grupo relatou que outras duas co-pesquisadoras não puderam comparecer devido a motivos particulares que impediram de comparecer à oficina naquela data. Os componentes chegaram um pouco mais tarde do que o que foi previamente combinado, mas este fato não atrapalhou o desenvolvimento da oficina.

Resolvemos, mais uma vez, iniciar a partir de um relaxamento, para que, as co-pesquisadoras, sentindo-se mais relaxadas ao esquecer, momentaneamente, dos problemas do cotidiano, pudessem oferecer uma maior entrega à criatividade e à intuição de cada uma e, conseqüentemente, diminuindo a resistência de se desligarem das idéias já muito instituídas sobre a sexualidade, possibilitando a emergência de idéias instituintes.

O relaxamento proposto foi anteriormente descrito por uma facilitadora e apresentado da seguinte maneira ao grupo-pesquisador:

“Vamos ficar em círculo, bem relaxada, de pé mesmo. Agora vamos fechar os olhos e se concentrar na nossa respiração (silêncio). Vamos sentindo o ar entrar em nosso nariz e sair pela boca (silêncio) bem devagar (silêncio) respirando (silêncio). Sinta o ar entrando nos pulmões (silêncio) e saindo pela boca (silêncio). Continuando de olhos fechados e não esquecendo de sentir o momento da respiração. Vou passar hidratante nas mãos de vocês. Vamos massagear as nossas mãos (silêncio), massagear cada dedo (silêncio), cada dobrinha dos dedos (silêncio). Agora vamos aquecer as nossas mãos (silêncio) esfregando uma mão na outra bem forte (silêncio),

aquecendo (silêncio). Vamos levar agora as mãos à cabeça (silêncio), e massagear o nosso couro cabeludo (silêncio), tocando a nuca (silêncio), o cabelo (silêncio), sentindo o cheiro do cabelo (silêncio), a textura do cabelo (silêncio). Agora bem devagar vamos tocar a nossa testa (silêncio), sentindo o calor das mãos no nosso rosto (silêncio), sentindo o cheiro das nossas mãos tocando o nosso rosto (silêncio). Agora vamos massagear as nossas bochechas (silêncio), agora vamos tocar as orelhas. Há quanto tempo a gente não tocava a nossa orelha dessa forma (silêncio), sentindo cada dobrinha (silêncio), agora desça as mãos até o pescoço e massageie bem o pescoço (silêncio), massageie os ombros (silêncio), desfazendo todos os pontos de tensão do nosso corpo. Agora abrace o seu corpo (silêncio) como se estivesse abraçando outra pessoa (silêncio), se abrace (silêncio), sinta o calor do seu abraço (silêncio) bem apertado (silêncio). Ai, como é gostoso ser tocada! (silêncio). Agora toque os seus seios (silêncio), toque o mamilo (silêncio), toque o bico dos seios (silêncio), toque sua barriga (silêncio), agora desça as mãos e toque entre as pernas (silêncio), sinta o toque das suas mãos no órgão sexual (silêncio), agora massageie o bumbum (silêncio), aperte o bumbum (silêncio), faça movimentos leves com o quadril (silêncio) de um lado para o outro (silêncio), sentindo cada ossinho do quadril (silêncio). Agora bem devagar toque sua coxa esquerda (silêncio), massageie as coxas (silêncio), agora à direita (silêncio), agora se incline e tente tocar o pé, levante soltando o ar pela boca (silêncio), novamente (silêncio), mais uma vez (silêncio). Agora se espreguice, como se tivesse levantando da cama, se alongue. Vá abrindo os olhos em silêncio ainda, não fale com ninguém, curta esse momento que é só seu.”

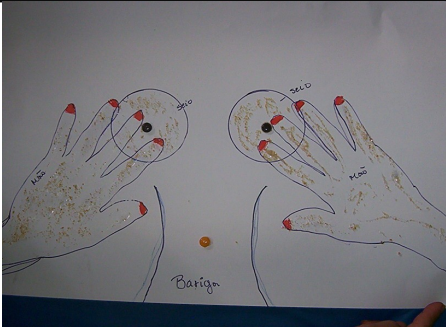
Ao terminar este relaxamento, que optamos por uma automassagem, pedimos para que o grupo construísse a parte de seu corpo que mais se assemelhava à sexualidade. Para esta tarefa, colocamos à disposição do grupo pincéis, tinta, lápis de cor e de cera, areia colorida, pedrinhas, canudos, folhas secas, papel crepom, veludo e de madeira, cartolina branca, tesouras, cola de isopor, plástico de presente, argila,

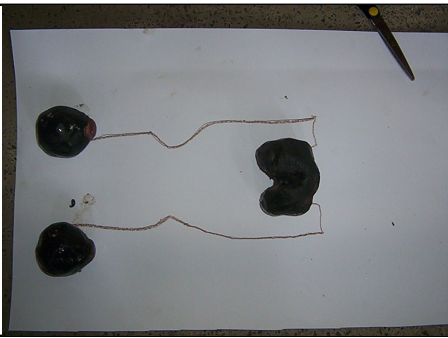
água, jornais antigos e artifícios que servem para fazer bijuterias. Disponibilizamos, aproximadamente, trinta minutos, para que o grupo realizasse esta proposta. Ao terminar, cada co-pesquisadora apresentou verbalmente a parte de seu corpo relacionada com a sexualidade.

E logo após estas apresentações, solicitamos para que fosse construído um corpo com as partes ali expostas. Nesse momento, houve um certo alvoroço entre o grupo, pois referiam que se soubessem desta outra etapa da oficina, teriam feito outras partes que compõem a estrutura física do sujeito. Este fato foi interessante, porque observamos que houve um estranhamento no grupo frente à proposta da criação de um corpo coletivo, e poderia proporcionar a criação do novo, algo que ainda não fora instituído.

5.1 Análise da Produção Plástica

Resolvemos apresentar, primeiramente, as partes do corpo com suas respectivas associações com a sexualidade e, depois, a obra finalizada, ou seja, o corpo coletivo. Achamos que, demonstrando por partes, teríamos uma melhor compreensão sobre a importância dessas partes do corpo para a construção do conceito de sexualidade do grupo. Assim sendo, seguem-se no quadro abaixo as gravuras:

Co-Pesquisador	Relato	Gravura
Co-pesquisador 1	Eu desenhei meu seio, as mãos, e quando pega nos seios sente o desejo, e na barriga e no umbigo. Estas são as minhas partes da sexualidade.	

Co-Pesquisador	Relato	Gravura
Co-pesquisador 2	Fui desenhar o seio, esta parte abdominal, aí o bumbum. É o que representa para mim, é o seio, o bumbum, e esta parte da cintura. É o que mais se utiliza na sexualidade, é o que faz mais me lembrar é o seio e o bumbum.	
Co-pesquisador 3	Começar pela boca, a boca significa o caminho do beijo, e o seio é quando a mão toca nos seios, eu em sinto mais mulher também. E a minha barriga quando a gente passa a mão, a gente sente que tá viva também.	
Co-pesquisador 4	Aqui é o meu, aqui é o meu seio, a minha mão acariciando os seios.	
Co-pesquisador 5	Ali é o cabelo, tocar no meu cabelo eu arrepio logo toda. [...] Aí eu fiz os seios, que na hora do relacionamento é o único, as carícias, o toque, principalmente nos seios, é gostoso, é bom, e o umbigo também. [...] Aí eu botei o cristalzinho lá no final.	
Co-pesquisador 6	A minha eu desenhei a mão, a parte da cabeça, e os ombros, e os peitos. Aqui é a minha mão que quando eu vou tomar banho faço o auto-exame.	

A partir das figuras apresentadas, percebemos um predomínio dos seios e mãos, sugerindo a importância do toque. Estas gravuras nos levaram a perceber o valor do tato como caminho ao prazer, superando os demais sentidos. Dentre as gravuras, percebemos a presença da estética, pois as mãos presentes nas gravuras, todas, estão com as unhas pintadas. Este fato nos chamou a atenção, pois a beleza estética apresentada nas mãos pode, muitas vezes, ser comparada ao poder de sedução. Este fato nos lembra os aspectos da sexualidade que reportam à sedução promovida pelos seios e o toque das mãos, como também, a sedução presente nos cabelos contemplados em algumas figuras.

Outro fato que não podemos desconsiderar é a presença do rosto em uma das gravuras, isto nos faz lembrar de que, é em nossa face que as emoções e sensações são mais facilmente expressadas. Também podemos crer que a face desenhada serve como instrumento de visibilidade dos ombros e cabelos, e estes também constituem o conjunto de sedução presente nos aspectos da sexualidade.

Observamos a presença, em um único desenho, de um cristal e este podemos associar ao órgão genital feminino. Este, mesmo sendo comparado a reprodução, é estigmatizado como um instrumento passivo, delicado, frágil como um cristal, e por isso deve ser resguardado, contido e protegido. Esta representação que foi construída historicamente do órgão sexual da mulher leva-nos a uma questão bem mais abrangente, ou seja, esta contenção da sexualidade feminina foi assegurada pela religião, escola, justiça e mais tarde pela medicina. Desta forma, por vários períodos da história, foi negada à mulher a possibilidade de conhecer e cuidar de sua própria sexualidade.

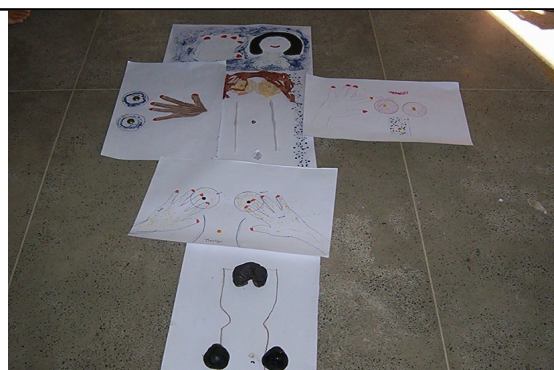
A presença da boca em uma das gravuras nos lembra a nossa primeira fonte de prazer, que se inicia ainda na vida intra-uterina, a mucosa oral e, permanece presente até a fase adulta. Também observamos que esta boca é pequena, realçada por uma cor forte e com alguns pontos presentes. Podemos referir que este fato sugere que, a boca também é uma das formas de expressão da sexualidade, através da fala, da cor, do formato e da beleza. Esta situação nos remete às mulheres muçulmanas que são

obrigadas a cobrirem seus lábios, pois os mesmos são considerados fonte de erro, pecado, tentação, e assim, são velados também muitos aspectos referentes à sexualidade.

5.2 Análise da Produção Verbal

A análise das produções orais foi realizada para que pudéssemos ter uma melhor compreensão do valor das partes do corpo como constituintes do conceito de sexualidade do grupo. Antes de apresentar as quatro categorias em que agregamos os sentidos das falas do grupo-pesquisador, apresentaremos a imagem do corpo coletivo, juntamente com as características que foram atribuídas ao mesmo.

Nome: Marciana
Origem: Marte
Objetivo: Encontrar alguém que a amasse
Constituição Física: várias partes iguais do corpo feminino
Idade: 25 anos
Sua história: casou-se, foi mãe e retornou ao seu planeta levando a família constituída.



5.2.1 Análise Classificatória

I – Sentidos atribuídos às partes do corpo

1. Eu desenhei meu seio, as mãos, e quando pega nos seios sente o desejo, e na barriga e no umbigo. Estas são as minhas partes da sexualidade.
2. Fui desenhar o seio, esta parte abdominal, aí o bumbum. É o que representa para mim, é o seio, o bumbum, e esta parte da cintura. É o que mais se utiliza na sexualidade, é o que faz mais me lembrar é o seio e o bumbum.
3. Começar pela boca, a boca significa o caminho do beijo, e o seio é quando a mão toca nos seios, eu sinto mais mulher também. E a minha barriga, quando a gente passa a mão, a gente sente que tá viva também.
4. A minha mão pode ser do meu esposo. Quando ele passa na minha barriga, nos meus seios,

acaricia meus lábios.

5. Aqui é o meu, aqui é o meu seio, a minha mão.
6. Ali é o cabelo, tocar no meu cabelo eu arrepio logo toda. Beijar aqui, pegar no cabelo eu me arrepio toda, até na hora do relaxamento quando pega assim no cabelo já arrepiou toda. Aí eu fiz os seios, que na hora do relacionamento é o único, as carícias, o toque, principalmente nos seios, é gostoso, é bom, e o umbigo também. Eu acho gostoso, beijo na barriga, no umbigo. Aí eu botei o cristalzinho lá no final.
7. Eu coloquei assim para ficar: os seios, a barriga e para colocar no final eu coloquei o cristalzinho significando a vagina, é o brilhante.
8. Porque eu tenho mania de estrelas, eu amo estrelas. E para ficar enfeitado, colorido, adoro coisa enfeitada, colorida, para ficar mais bonitinho.
9. A minha eu desenhei a mão, a parte da cabeça, e os ombros, e os peitos. Os seios. Aqui é a minha mão que quando eu vou tomar banho faço o auto-exame. (E por que o cabelo?) Porque eu tenho mania de fazer massagem no meu cabelo.
10. Tem as outras partes só que no momento vocês pediram para gente desenhar o que a gente sentiu, o que significava mais para gente, eu sei que no meu o que significa mais para mim foi o seio. Na parte do seio, na parte do bumbum, na parte das mãos, tem o toque e não dava para gente desenhar todos. Não dava para a gente desenhar a pessoa toda, o corpo humano todo, porque era a parte que a gente achava que tinha o significado para gente, que a gente mais utilizava na hora do sexo. E para mim foi o seio e o bumbum, tanto é que todas elas achavam que as mãos acariciando, que todas na hora só as mãos que tem as carícias.
11. Eu acho que todo mundo, se você não tem uma perna, um braço, mas você tem que viver com aquilo, então você tem que viver feliz com aquilo, nem todo mundo tem as partes completa do corpo mas é feliz. Eu vejo muita gente que não tem um pé, um braço, mas é feliz, é muito mais feliz do que, às vezes, de quem tem dois braços, duas pernas, que não sabe avaliar o que você tem de bom em cima de você. E tem muita gente que não tem e sabe avaliar e vive normal, igual a qualquer outra pessoa que é perfeita.

1, 3, 6 e 10 convergem por apresentarem uma relação entre as partes do corpo com a sexualidade, bem como as sensações das mesmas ao serem tocadas, porém o item 10 também menciona que todo o corpo faz parte da sexualidade.

2, 5, 7 e 9 convergem ao referirem somente as partes do corpo (seio, cintura, bumbum, mão, barriga, vagina, ombros, cabelos) que fazem lembrar a sexualidade.

O item 4 é oposto a todos os itens por igualar a parte do corpo da co-pesquisadora com a do seu esposo.

O item 11 é oposto a todos os demais itens por referir a importância da aceitação e valorização corporal como forma de viver feliz.

O item 8 diverge dos demais por apresentar a associação de estrelas com partes do corpo e a sexualidade.

II – Características da personagem

1. (Observo nessa mulher) os seios, (ela) tem muitos seios. Tem muitas mãos. Tem várias partes.
2. (Do sexo) masculino aí ele não tem muita coisa não. Só feminino. É uma mulher.
3. (o nome dela é) Andróide.
4. (o nome dela é) Marciana.
5. Um corpo com muitas partes. Repetidas.
6. (devido ter muitos seios ela se sente) A toda poderosa.
7. Do lado da sexualidade, que o seio é importante, para ela é bom que ela tem vários seios, deve ser gostoso.
8. É não. Porque ela tem um bocado de mão, bocado de peito, aí ela não é feliz. Ela devia ter só dois.
9. Não (é feliz). (precisa) De amor, respeito, carinho, não é só peito, só mão não.
10. (sexualidade com o parceiro) É comum, como todas nós.
11. Normal como a gente, ela poderia não ser totalmente feliz, mas se ela fosse normal, ela se sentiria melhor. É ter 2 seios, 2 pernas
12. (satisfação da personagem com a sua sexualidade) Eu acho que sim. Vive bem. As pessoas têm que sentir bem, faltando ou demais.
13. Pode ser que ela se conheça, porque nas figuras, a maioria tem as mãos tocando, sentindo. Conhece, ela se conhece. Ela ta sempre tocando, sentindo.
14. Tem 25 (anos).

1, 2 e 5 convergem por mencionarem as partes do corpo da personagem, além de caracterizar o seu sexo.

3, 4 e 14 convergem ao propor uma identificação da personagem através do nome e da idade.

6, 7, 10 e 12 convergem ao referirem sensações da personagem relacionadas com as partes do corpo, bem como os reflexos destas sobre a sexualidade, além de sua relação com o parceiro e o item O 13 menciona o conhecimento da personagem sobre seu corpo através do toque e das sensações e o 6 destaca a potência da mulher.

8 e 9 convergem ao afirmarem que a personagem não é feliz, porém o item 8 ressalta que a grande quantidade das partes do corpo é responsável pela sua infelicidade, e o item 9 refere que, a mesma, precisa de sentimentos como amor, carinho, para conseguir a felicidade.

11 é paradoxal por subordinar a felicidade da personagem com a estrutura física do ser humano, e depois referir que, a mesma, tendo uma suposta aparência “normal”, poderia a não vir a “ser totalmente feliz”.

III – Objetivos da personagem

1. Marte. Ela nasceu lá e veio para Terra que ela tem muita mão, muito seio, ela tem coisa demais.
2. Procurar alguém igual a ela. Para desenvolver também, ela achava assim, que ela é diferente, veio para encontrar alguém que pudesse encontrar para fazer parte dela, da mesma forma que ela é. Vou dar um exemplo, num tem uma pessoa deficiente, aí encontra outra pessoa deficiente, ela quer se enturmar, ter um grupo, se especializa naquele grupo, aí ela veio porque ela tem muita mão, muito seio, para encontrar uma especialidade.
3. Claro que pode. Ela veio foi ao encontro do amor dela.
4. Ela veio foi ao encontro do amor dela.
5. Do jeito dela acho que ela encontrou não, mas ela deve ter encontrado, não do jeito que ela é, mas o amor é cego, a pessoa quando ta gostando não vê as partes ruins não, só vê as boas, então todo amor é cego.
6. É. Diferente dela. Eu acho que a relação dela é igual a de qualquer outra pessoa normal. Normal, uma pessoa normal. Igual a uma pessoa normal. Ela se acha normal, então aquela outra pessoa, o amor dela, também acha ela normal e eles se relacionam normal, como qualquer outra pessoa.
7. (para ter a felicidade completa...) E o bem estar dela.
8. Essa (personagem) aqui eu acho que ela tá precisando de alguém, porque sempre tem a mão tocando.

1, 2, 3 e 4 convergem ao mencionarem que a personagem veio de outro planeta.

2, 3 e 4 afirmam que ela veio à procura do outro, porém o item 2 também ressalta que ela busca alguém que tenha uma estrutura física igual a dela, comparando com um deficiente físico.

5 e 6 convergem ao referirem o tipo de relacionamento da personagem, vinda de outro planeta e diferente fisicamente, com um ser humano, porém o item 5 lembra que ela encontrou alguém diferente dela, e este fato não interferiu no relacionamento deles.

7 e 8 são opostos ao relatarem que para a personagem ser feliz precisa do outro, e de estar se sentindo bem consigo.

IV – O que aconteceu com a personagem

1. Casou não.
2. (Eles) Viveram.
3. É morar junto numa casa, e tiveram relações. Muitas relações. Tiveram filho. Só um.
4. Eu acho que ela convidou ele para ir para o planeta dela. Do mesmo jeito que ela veio de lá encontrar o amor dela, ela convidou ele também para ir lá, visitar o planeta dela. Foi sim, que ele gosta dela. É do jeito que ela é.
5. Foi morar, que ela não pode morar aqui na Terra, ele foi morar com ela, lá em Marte, quando a pessoa gosta a pessoa vai para qualquer canto. Casaram e foram felizes para sempre.
6. Eu acho que não é porque a gente é normal, assim por fora toda normal, que a gente vive num mar de rosas, a gente tem altos e baixos, tem conflitos, tem alegria, tem tristeza. Aí eu acho que não é porque ela tem um monte de mão, um monte de seio, que ela não pode ser feliz, ela é feliz, mas ela também tem o lado de tristeza.
7. Às vezes ele entende, às vezes não, tem cabeça dura. Eu acho que ela seria feliz sozinha também, ou com outra pessoa, sem ser um homem, outra mulher. Eu acho que a felicidade dela é independente de qualquer coisa, ou seja, com homem, ou seja, sozinha, contanto que ela esteja se sentindo bem. Se ela se sentir bem com o homem, a felicidade talvez não seja completa, mas ela tá feliz. Para ser completa era só ela ser normal.

1, 2 e 3 convergem ao referirem fatos que ocorreram durante a vida da personagem.

4 e 5 convergem ao mencionar a possibilidade do companheiro da personagem aceitar o fato de ir morar num outro planeta, e conseguirem a felicidade, mesmo estando em um sociedade desconhecida para o sujeito.

O item 7 é paradoxal por relatar várias maneiras de como a personagem poderá conseguir para ser feliz, no entanto, finaliza afirmando que, a mesma, ao lado do outro, ou mesmo sozinha, sentindo-se bem, ela não deixa de ter a necessidade de possuir uma aparência “normal” para que, desta forma, sua felicidade seja “completa”.

6 diverge de 7 por afirmar que a personagem é feliz com a sua aparência, porém existem momentos bons e ruins durante o percurso de sua vida, como também nós, seres humanos, fisicamente parecidos entre si e diferentes da personagem, temos sensações agradáveis e desagradáveis, e estas também são experimentadas pela mesma.

5.2.2 Análise Transversal

Tentando produzir os sentidos da sexualidade cada um buscou encontrá-la em seu corpo, em cada parte dele. Foi assim que encontramos seio, bumbum, cintura, mãos, barriga, vagina, ombros e cabelos. São partes do corpo que produzem sensações ao serem tocadas. As mãos também remetem à sexualidade quando possibilitam o cuidado com o corpo, como no auto-exame das mamas. Podem ser também as mãos do outro, que tocava o corpo produzindo prazer. A valorização do corpo é necessária à felicidade da pessoa, mesmo com a importância atribuída a certas partes do corpo. No meio da discussão, nasceu a Marciana (também conhecida como andróide). Ela é uma mulher de 25 anos que veio de Marte para o nosso planeta em busca de um outro, que seria seu complemento e o motivo de sua felicidade. Ao chegar à terra ela percebeu que era um pouco estranha, pois seu corpo era diferente, com várias partes repetidas. Entretanto, ela lembra que existem muitas pessoas diferentes, que não possuem todas as partes do corpo, no entanto, sabem aproveitar e viver com esta situação. Marciana encontrou alguém para amar, mesmo sendo diferente dele. Os dois conseguiram se relacionar, pois existia o amor entre ambos. Tiveram um filho, mas Marciana, mesmo se conhecendo fisicamente através do toque e sensações, não era completamente feliz, pois não aceitava que seu corpo fosse diferente. Ela também precisava de sentimentos como amor e carinho para superar, ou não, o fato de ser “diferente fisicamente”. Uma possível saída para o problema de Marciana seria levar seu companheiro para viver com ela em Marte, pois quando a pessoa ama, vai para qualquer lugar. Apesar das dificuldades que Marciana teve que enfrentar para viver com seu companheiro, não podemos esquecer que ela também poderia vir a ser feliz sozinha, desde que se sinta bem. Mas será que ela pode ser feliz e se aceitar sendo diferente? Tem gente que acha que sim, tem gente que acha que não.

5.2.3 Análise Surreal

Para apresentação da análise surreal optamos por escrever a letra de uma música. Pela música que descobrimos diversos tipos de relatos, muitas vezes

inesperados. É através da música que conseguimos suavizar, alegrar ou aterrorizar os ambientes físicos, é também através dela que imortalizamos situações ou tornamos conhecidas algumas pessoas. Portanto, com a licença poética, decidimos homenagear a personagem da criação de nossa oficina, Marciana, pela coragem de enfrentar um mundo totalmente desconhecido.

FALA-ME DE TI, MARCIANA

(Melodia da música: Parlame d'amore Mariú)

Como és bela, muito bela, estás sendo Marciana
Espalha um sorriso diante de ti, não negando a si
Perante as aversões, teu destino junto dele será
Pois vieste de longe da terra
E por que suspirar?
Sim, por que?

Fala-me de ti, Marciana
Como seria tua vida sem ele
Com gozos muito belos... brilhando
Se tocas teu corpo... cintilando
Diga-me que ilusão não é
Diga-me o que isso tudo / é para ti
Que tua saudade, não é sofrimento para ti
Fala-me de ti, Marciana.

Olhos dele e teu/ esperando
Uma vida de sonho, em terras distantes
Diga-me que ilusão não é
Diga-me o que Marte é para ti
Que sozinha ou com teu povo
Não sofres, pois
Falou-me de ti, Marciana.

O

Bicho da Sexualidade – terceira oficina

Ela vem, a cobrinha vem, bem devagarinho.
Porque ele é muito mimoso, carinhoso. O meu
gato era siamês, era de raça.
É um animal feroz. Eu pensei no urso.

Co-pesquisador

6 BICHO DA SEXUALIDADE – TERCEIRA OFICINA

Nossa terceira oficina ocorreu no dia 21/09/2006 e, desta vez, contamos com o apoio de agente de saúde da própria unidade que se sente atraída por esse tipo atividade. Novamente tivemos como espaço físico o auditório e estiveram presentes cinco mulheres do grupo, sendo que uma delas trouxe seu filho. Foi perguntado ao grupo se a presença da criança iria causar algum inibimento e, prontamente, responderam que não haveria problema algum relacionado com a presença do menino em nossa oficina. Procuramos anteriormente saber o motivo pela qual duas participantes não vieram mais para as oficinas e descobrimos que dentre os motivos estavam a inibição de falar em grupo, viagem para o interior e à busca por emprego e de atendimento médico especializado em outras instituições de saúde. Também se observou uma demora na chegada das participantes, no entanto este fato não prejudicou o desenvolvimento da oficina.

Pedimos para que escolhessem uma posição confortável, na ocasião os colchonetes já estavam dispostos no chão, e começamos a verbalizar, calmamente e em algumas partes repetimos as frases, o seguinte relaxamento:

“Vamos tentar nos acalmar, esquecer todas as preocupações, todo o mundo lá fora e respirar calmamente (repeti três vezes). Vamos respirar como se estivéssemos cheirando uma flor e assoprando uma vela (repeti quatro vezes). Vamos imaginar respirando desta forma várias vezes (repeti três vezes). Vamos respirar tranquilamente várias vezes (repeti duas vezes). Devagar, pouco a pouco, vamos entregar todo o peso de nossos pés ao chão. Vamos senti-los pesados, muito pesados, e entregar todo esse peso ao chão, vamos deixar que o chão absorva todo o peso de nossos pés (repeti três vezes). Devagar, cada uma no seu ritmo, vamos imaginar nossas pernas bem pesadas, e entregar todo este peso ao chão. Vamos imaginar que todo peso e cansaço de nossas pernas estão sendo depositados no chão (repeti

duas vezes). Aos poucos, vamos imaginar que este peso sobe até nosso quadril. Vamos imaginar que nosso quadril está muito pesado, e vamos entregar todo este peso ao chão, para que o solo absorva este peso e retire de nossos quadris (repeti três vezes). Agora este peso toma de conta de toda região torácica, assim, estamos sentindo, praticamente, toda nossa coluna vertebral pesada, cansada do peso das preocupações, das responsabilidades e vamos entregar todo esta carga pesada, densa, ao chão, para que absorva todos as nossas tensões, stress, angústias, medos (repeti duas vezes). Vamos entregar junto com o peso que nossa coluna carrega, todos os sentimentos ruins que existem em nossas vidas para o solo, para o chão, e deixar que a terra assimile todo este peso, raiva, preocupação, stress, tristeza e sofrimento. Devagar, bem devagar, vamos sentir nossa cabeça grande, pesada, cansada, e todo desconforto que estiver sobre nossa cabeça vamos entregar ao chão. Vamos deixar que a terra sugue todo o peso que paira sobre nossa cabeça, nossos cabelos, nossa mente (repeti duas vezes). Vamos entregar todo o peso de nosso corpo ao chão, e sentir que uma força subterrânea puxa todo cansaço, todo mal-estar de nosso corpo (repeti duas vezes). Vamos entregar, confiantemente, tudo o que nos causa dor moral ao chão. Agora que entregamos todo o peso que carregamos sobre nossos corpos ao chão, vamos imaginar: se pudéssemos ser o bicho da sexualidade, que bicho escolheríamos para sermos? Vamos imaginar como seria nossa transformação no bicho da sexualidade. Como é esse bicho que você se transformou? Quais as características dele? Como você se sente sendo esse bicho? Agora o bicho da sexualidade vai viajar. Prepare esse bicho para viajar. No trajeto, o bicho da sexualidade vai enfrentar desafios? Ao andar na selva, o bicho da sexualidade vai se deparar com um buraco. O bicho da sexualidade cai no buraco. Como o bicho se sente? O que ele vê no buraco em que está? Respirando profundamente, ele sai do buraco? Como ele sai do buraco? Continuado a viagem, este bicho da sexualidade caminha para o cume de uma montanha. Como ele sobe a montanha? O que ele encontra quando chega ao cume da montanha. Lá chegando, o bicho da sexualidade

vai agora para outro lugar, um outro desafio, ele chega num rio. Como ele chega no rio? O que encontra? O que vê? O que sente? Enfim, o bicho volta para o lugar de onde começou e você começa a retornar da viagem, mexendo os pés, as mãos e finalmente abrindo os olhos lentamente, se espreguiçando. Bem devagar retorne ao ambiente da partida, retorne ao auditório em que estamos realizando nossa oficina. Bem devagar, cada qual com seu ritmo, vamos despertar calmamente, sem nenhuma pressa.”

E assim, quando as participantes foram despertando, cada qual já tinha em sua frente um pedaço de argila sobre um jornal, e vasilhas com água. Foi solicitado para que fosse produzido com aquele material o bicho da sexualidade de cada participante. Esta técnica foi sugerida pela professora Sandra Petit numa disciplina que tivemos a oportunidade de cursar no Programa de Educação da Universidade Federal do Ceará onde a mesma é docente. O objetivo da técnica é proporcionar ao grupo um estranhamento e, desta forma, despertar vários tipos de sensações no grupo. As co-pesquisadoras, num tempo de vinte minutos, construíram seu bicho da sexualidade. Após esta etapa plástica, foi solicitado que cada uma criasse uma história com seu bicho da sexualidade e, que fosse interligada com os outros bichos.

Para melhor entendimento, nosso objetivo era criar uma história coletiva e que ela fosse criada naquele momento. Para essa atividade acontecer, lembramos que seria preciso todas estar atentas ao final da história da participante que estivesse contando, para que, desta forma, a próxima co-pesquisadora soubesse como fazer a relação de ambas histórias, a sua e a da companheira de grupo. Desta forma, nossa intenção era co-relacionar todos os bichos da sexualidade, através do próprio grupo-pesquisador, que foram criados naquela oficina. Depois que a história foi realizada, propomos que fosse encenada. As participantes sorriram bastante, mas não se opuseram à esta sugestão. Então, de acordo com a história que o grupo havia criado, a mesma também foi encenada com muita alegria pelas co-pesquisadoras e atrizes. Acharam até mesmo como encaixar a criança e a agente de saúde, que estava sendo facilitadora, na história dos bichos da sexualidade. Segue logo abaixo a história, na

íntegra, do grupo-pesquisador juntamente com algumas fotos do momento da representação:

Meu bicho é uma cobra. Era uma vez uma cobra que entrava no mato. Cobrinha entrava no mato, tinha um meninozinho lê, ela mordida o meninozinho (risos); aí chegava o pai do meninozinho e matava a cobra. O nome da cobra era a cobra Cascavel. E a cobra Cascavel é muito perigosa. Uma irmã minha foi mordida por uma cobra e foi muito mal para o hospital. O médico falou que ela só não morreu na hora porque, na mesma hora, a minha mãe botou ela para mamar, e ela passou três dias internada. Aí o homem matou a cobra. Eu fiz um gatinho e o nome dele é Mimoso. O nome do meu gato é Mimoso, ele é muito carinhoso, eu gosto muito do meu gatinho, para onde eu vou, eu levo ele. Eu também crio um gatinho e o nome dela é Caçulinha. É uma gatinha de estimação, eu adoro ela, para onde eu vou, eu levo ela. Só que um dia eu levei ela para Pindoretama, e lá ela foi picada por uma cobra Cascavel. Mas só que a minha gatinha não deu jeito, ela faleceu, fiz o velóriozinho dela como se fosse uma pessoa, e foi muito lindo o velório dela. Até hoje, ainda lembro da minha Caçulinha. Era uma gatinha que eu criava com muita estimação, como se fosse uma criança. Como a Caçulinha morreu, ela resolveu arranjar outro gatinho, era o Dorminhoco. Só sabia dormir (risos), era manhoso, preguiçoso, vivia deitado, dormindo (risos), aí o gato morreu de fome (falou muito baixo e c/ risos). Já que o gatinho dela vivia dormindo, da Ellen, o meu ursinho pegou ele e comeu (risos de todas). O meu ursinho é um ursinho apaixonado, um tempo ele amou uma ursinha e viveram felizes para sempre. O meu gato era siamês, era de raça, O Mimoso, ele conhecia os outros (o grupo começou a ajudar). Meu gatinho ainda está vivo, sobreviveu.



6.1 Análise Plástica

Os bichos criados foram expostos em quadros com sua relação com a sexualidade. Esperamos que as criações demonstradas em quadros possibilitem uma melhor visualização e interpretação pessoal de cada leitor. Apesar de que, cada bicho trará sua relação com a sexualidade de acordo com sua co-pesquisadora. Então, segue abaixo o quadro demonstrativo:

Co-pesquisadora	Bicho da sexualidade	Relação com a sexualidade	Representação
Co-pesquisadora 1	Gato	Ele é muito mimoso, muito carinhoso, peludinho, cheirosinho, tinha um corpinho muito delicado, muito amoroso, é carinhoso.	
Co-pesquisadora 2	Gato	E assim, do lado da sexualidade, assim por ele ser devagar, assim bem lento, carinhoso.	
Co-pesquisadora 3	Urso	É um animal feroz. Ele enfrente né, os desafios.	
Co-pesquisadora 4	Cobra	Porque a cobra para poder chegar na outra ela chega bem de mansinho, bem devagarinho, do mesmo jeito é o homem para poder conseguir tem que vir de mansinho, bem devagarinho, para poder (som nos lábios), até ele conseguir.	

Co-pesquisadora	Bicho da sexualidade	Relação com a sexualidade	Representação
Co-pesquisadora 5	Gato	Eu acho o gato muito carinhoso, você vê o gato com outro é tão carinhoso, parece uma pessoa mesmo. Fica num miado que parece a fala de uma pessoa. Por isso que eu imaginei um gato.	

A partir dos bichos expostos observamos uma tendência a serem felinos, quadrúpedes e mamíferos. Geralmente estes bichos podem ser domesticados, ou seja, conseguem viver sob regras e normas, apesar de que, algumas vezes, conseguem desrespeitá-las.

Este fato é interessante, pois ao compararmos com o sexo feminino, ao longo da história, a mulher, nem mesmo era considerada cidadã, porém vivia na sociedade juntamente com o homem. Assim como os gatos que mantêm uma dedicação ao seu dono, além de que, se conta, que um gato sempre retorna ao lar, a mulher permaneceu, por vários séculos, restringida aos afazeres domésticos. Apesar desta submissão, assim como os gatos, as mulheres começaram a aparecer através de arranhões que poderíamos denominar como supostas “unhadas”, ou seja, começaram a reagirem à falta de espaço numa sociedade que valorizava, especialmente, o homem.

Podemos relacionar também que a cobra e o urso são bichos que podemos relacioná-los com a mulher moderna que, ainda hoje, tenta defender e manter seu espaço na sociedade, sem esquecer da ternura e da amizade que mantêm os relacionamentos.

Achamos que a presença predominante de animais domésticos é um reflexo do longo processo que a mulher sofreu por ser desconsiderada como sujeito e, às vezes, até mesmo em seus sentimentos, vontades e, principalmente, sua sexualidade. Como a cobra que, periodicamente, renova sua pele e os felinos que cuidam de seus

filhotes, refletimos sobre a importância dos momentos que dispensamos ao revermos aspectos de nossa sexualidade. Estes momentos podem trazer, às vezes, arranhões, picadas, estrangulamentos ou mesmo, alegria, prazer, satisfação e conhecimento sobre o reflexo da sexualidade em nossa vida.

Quando conseguimos manter uma relação compreensível entre todos os bichos que fazem parte de nossa sexualidade, refletimos esta interação na forma imperiosa do urso. Como também, pode se apresentar de maneira rasteira e sutil como a cobra, ou mesmo, veloz e livre como um felino.

6.2 Análise da Produção Oral

As falas do grupo foram, inicialmente, transcritas e colocadas em tabelas, e logo em seguida categorizadas no sentido das mesmas. Esta fase contou com a criação de quatro categorias. Estas categorias se encontram apresentadas no quadro a seguir.

6.2.1 Análise Classificatória

I – Sentidos atribuídos à cobra
1. Meu bicho é uma cobra. Era uma vez uma cobra que entrava no mato. Cobrinha entrava no mato, tinha um meninozinho lê, ela mordida o meninozinho (risos); aí chegava o pai do meninozinho e matava a cobra. O nome da cobra era a cobra Cascavel. 2. Como é que ele sabe que foi a minha cobra Cascavel? 3. Porque eu conheço a cobra Cascavel, eu conheço a cobra Cascavel. E foi picado por ela. 4. E a cobra Cascavel é muito perigosa. Uma irmã minha foi mordida por uma cobra e foi muito mal para o hospital. O médico falou que ela só não morreu na hora porque, na mesma hora, a minha mãe botou ela para mamar, e ela passou três dias internada. Aí o homem matou a cobra. 5. Meu bicho é uma cobra Cascavel, aí Elidiana, vai me perguntando Elidiana. 6. (lugar do bicho) Ela tava num sítio, andando, andando, aí ela seguiu num pé de árvore, pé de pau né. 7. (quais dificuldades?) Teve. Porque ela andou muito, andou muito, muito mesmo, para poder encontrar o pauzinho dela para subir.

8. (bicho passou pelos locais sugeridos?) Não, não.
9. (chegou até o rio?) Chegou. Ela se escondeu. Com medo do rio.
10. (motivo do medo do rio?) Não sei. Ela se escondeu num burquinho, esperando alguém sair para morder né. Morder alguém né.
11. (encontrou alguém pelo caminho?) De algum outros bichos? Encontrou outra cobra. Aí ela ficou com ela, aí ficaram sendo amigas, e ficaram sempre para onde uma ia a outra ia atrás. Sempre.
12. (pelo caminho algo chamou atenção?) Viu. Pessoas, (e teve) fome para poder comer as pessoas. Só fome. Comeu, comeu, comeu.

(relação com a sexualidade?) Porque a cobra é uma cobra né (risos) ela vem, ela vem, a cobrinha vem, bem devagarinho (risos). Uma cobra né (risos). O pênis (risos). Tem tudo né? Porque a cobra para poder chegar na outra ela chega bem de mansinho, bem devagarinho, do mesmo jeito é o homem para poder conseguir tem que vir de mansinho, bem devagarinho, para poder (som nos lábios) até ele conseguir (caso não consiga) aí não tem sexo. Aí não pode nem fazer com a cobra (risos).

1, 4 e 5 convergem por caracterizar o bicho como uma cobra, da espécie Cascavel, e relatam sua picada perigosa. O item 1 menciona que a cobra mordeu uma criança e foi morta pelo pai do mesmo. O item 4 refere que a irmã da co-pesquisadora também foi picada pela cobra, mas esta foi levada, imediatamente, para o hospital, conseguindo sobreviver devido à ingestão, pós-picada, de leite humano, também relata que a cobra também foi morta por um homem.

6, 7, e 8 convergem ao referirem que a cobra não passou pelos locais sugeridos durante a oficina, mas teve dificuldades no caminho de encontrar uma árvore onde pudesse permanecer.

1, 2, 10 e 12 convergem ao afirmarem que, durante o percurso da viagem, a cobra teve medo do rio, porém ela se escondeu num buraco e esperou alguém para picar, ou mesmo comer para saciar sua fome.

2 e 3 divergem, pois enquanto o item 2 questiona sobre o conhecimento específico da cobra Cascavel, o item 3 afirma seu conhecimento e ressalta a ação(picada), tomada pelo bicho.

O item 11 diverge dos demais por referir o encontro de duas cobras e não apresentar nenhuma ação hostil entre ambas.

O item 13 é oposto aos demais por comparar as atitudes da cobra com as do homem, quando este pretende ter relações sexuais.

II – Sentidos atribuídos ao gato

1. Eu fiz um gatinho e o nome dele é Mimoso. O nome do meu gato é Mimoso, ele é muito carinhoso, eu gosto muito do meu gatinho, para onde eu vou, eu, levo ele.
2. Eu também crio um gatinho e o nome dela é Caçulinha. É uma gatinha de estimação, eu adoro ela, para onde eu vou, eu levo ela. Só que um dia eu levei ela para Pindoretama, e lá ela foi picada por uma cobra Cascavel. Mas só que a minha gatinha não deu jeito, ela faleceu, fiz o velóriozinho dela como se fosse uma pessoa, e foi muito lindo o velório dela. Até hoje, ainda lembro da minha Caçulinha. Era uma gatinha que eu criava com muita estimação, como se fosse uma criança.
3. Como a Caçulinha morreu, ela resolveu arranjar outro gatinho, era o Dorminhoco. Só sabia dormir (risos), era manhoso, preguiçoso, vivia deitado, dormindo (risos), aí o gato morreu de fome (falou muito baixo e c/ risos).
4. O meu gato era siamês, era de raça, O Mimoso, ele conhecia os outros (o grupo começou a ajudar). Meu nome é Maria e meu gatinho ainda está vivo, sobreviveu.
5. O bicho que eu imaginei é uma gatinha chamada Caçulinha, só que ela viajou, mas foi caminhando, andando. Ela foi andando, andando, mais na frente ela encontrou um rio, ela estava muito cansada e de tanto caminhar tomou água, relaxou, relaxou bastante. E muita cansada ela voltou de volta. Quando ela voltou de volta, ela continuou, tava muito cansada, continuou relaxando, e relaxou, relaxou, até dormir.
6. (relação com a sexualidade) Porque ele é muito mimoso, carinhoso. Ele é muito mimoso, muito carinhoso, peludinho, cheirosinho, tinha um corpinho muito delicado, muito amoroso, é carinhoso.
7. Na hora do relaxamento eu gostei, e eu pensei assim no gato, principalmente pelo sinônimo de preguiçoso, de se espriguiçar, de ta deitado, sou eu, dormir. /E assim, do lado da sexualidade, assim por ele ser devagar, assim bem lento, carinhoso.
8. Meu bichinho de estimação é um gatinho chamado Mimoso.
9. Meu relaxamento era como se eu fosse viajando, alguém ia dirigindo um carro, eu ia com meu gatinho. Eu era o gatinho.
10. (algo interessante durante a viagem?) Não.
11. (o transporte da viagem?) Carro. (somente carro?) Sim. (o carro era veloz?) Não. (subiu a montanha de carro?) Não. Deixou o carro e foi a pé, com suas patinhas.
12. (sensação ao subir a montanha) Sentiu cansaço. (o que viu no topo?) Muita água, muito pássaro. (quais sensações ao ver a natureza?) Ele sentiu cansado e adormeceu. (o que fez ele acordar?) O barulho de uma cobra (risos), o medo da cobra. Ele desceu foi voado.
13. (relação com a sexualidade) Eu acho o gato muito carinhoso, você vê o gato com outro é tão carinhoso, parece uma pessoa mesmo. Fica num miado que parece a fala de uma pessoa. Por isso que eu imaginei um gato.
14. (conseguiu vencer dificuldades?) Conseguiu. Mas só que mais na frente ele morreu porque foi picado por uma cobra Cascavel.
15. (sensações ao ver a cobra) Ele ficou c/ medo, muito assustado, miou muito.
16. (o bicho estava acompanhado?) Só, sozinho, com a cobra.

1, 2, 4 e 8 convergem ao referirem o gato como bicho imaginado, o item 4 caracteriza sua raça (siamês) , seu conhecimento com os demais e que ainda permanece vivo. O gato referido no item 2 morreu devido a picada de uma cobra. Nesse item também é apresentada uma relação muito próxima do bicho com a co-pesquisadora, de modo que,

mesmo nos dias atuais, permanece a lembrança do felino.

3 e 7 convergem ao referirem o gato como bicho escolhido e a semelhanças (gostar de dormir) parecidas com a co-pesquisadora, porém o item 7 também apresentou características (devagar, carinhoso) do felino que se relacionam com a sexualidade.

5, 9, 10, 11 e 12 convergem ao mencionarem o tipo de veículo, a forma da viagem, as sensações, percepções e ações do gato durante o percurso da viagem.

6 e 13 convergem ao referirem características do gato como: carinhoso, mimoso, peludo, amoroso e estas serem relacionadas com a sexualidade.

14, 15 e 16 convergem ao mencionarem as atitudes(miou) e sensações (medo, assustado) do gato ao ver uma cobra.

III – Sentidos atribuídos ao urso

1. Já que o gatinho dela vivia dormindo, da Ellen, o meu ursinho pegou ele e comeu (risos de todas). O meu ursinho é um ursinho apaixonado, um tempo ele amou uma ursinha e viveram felizes para sempre.
2. O meu gato foi comido pelo urso.
3. (percurso da viagem) Não. Foi difícil não. Foi tranquilo, foi calmo.
4. (o bicho pegou algum transporte?) Não.
5. (subiu a montanha?) Não.
6. A minha história é do ursinho (risos), é de um ursinho. Ele estava caminhando, numa viagem e, de repente, ele se encontrou com um gatinho que estava dormindo (risos), então ele pegou o gatinho e comeu porque ele estava com fome. E mais adiante, na viagem dele, ele parou numa cachoeira e de repente se encontrou com uma ursinha, e se apaixonou e ficou com ela.
7. (quando o bicho subiu a montanha...) Ele avistou a ursinha, de baixo. (difícil a descida?) Foi. (qual a sensação ao descer?) Cansaço.
8. (qual o caminho da viagem?) Por terra, pela floresta.
9. (quais sensações durante a viagem?) Muitos desafios, muitos bichos. Medo né, (mas) ele ia em frente. Porque ele é um urso (risos).
10. (bicho da sexualidade) É um animal feroz. Ele enfrenta né, os desafios (risos). É! Eu pensei no urso.

1, 2 e 6 convergem ao mencionarem que, durante a viagem, o urso teve fome e ao avistar um gato dormindo comeu-o, porém o item 1 e 6 também referem que o bicho é apaixonado, portanto, durante sua parada numa cachoeira, avistou uma ursinha, se apaixonou e ficaram juntos.

3, 4 e 8 convergem ao referirem o tipo e as características da viagem feita pelo urso.

5 e 7 são opostos, pois enquanto o item 5 refere que o urso não subiu a montanha, o

item 7 além de afirmar a subida do bicho na montanha, ainda avistou uma ursinha abaixo, e sua descida foi difícil e cansativa.

9 é oposto a 3 por referir que, durante a viagem, o urso teve muitos desafios, surgiram muitos bichos, e mesmo apresentando receio, ele enfrentou as dificuldades, enquanto o item 3 afirma que o percurso da viagem foi calmo e tranquilo.

O item 10 refere que o urso tem relação com a sexualidade devido a sua ferocidade e a sua capacidade de enfrentar os desafios.

IV – Sentidos atribuídos ao relaxamento

1. Eu dormi (risos) eu não ouvi. A tua voz foi bem longe, aí depois foi que eu acordei. Eu não ouvi a parte da viagem. Eu observei mais a parte do relaxamento, de espreguiçar.
2. (algo chamou a atenção do bicho?) Não. Ele só dormiu (risos).
3. (como foi a chegada ao ponto de partida?) Foi difícil. Porque eu não escutei mais tu falar. Eu dormi.

1, 2 e 3 convergem ao referirem o ato de dormir durante o relaxamento, porém o item 1 e 3 apresentam sensações (voz longe, difícil) e ações (observei, escutei, espreguiçar), ocorridas durante a oficina.

6.2.2 Análise Transversal

Escolhemos apresentar esta análise em forma de carta, pois é um estilo que proporciona uma aproximação ao nosso cotidiano, além de representar, até os dias atuais, um documento que tem a facilidade de registrar os fatos do cotidiano, expressando situações e, algumas vezes, descrevendo nossas emoções e transformando-se em um valioso documento histórico.

Ao Ilmo. Sr. Delegado,

Vimos, por meio desta, solicitar medidas de segurança para nós, felinos, especificamente, os gatos. Não podemos passear, dormir, pois estamos sendo vítimas de ataques permanentes da cobra Cascavel e do urso apaixonado. Nós não podemos viajar, nem mesmo no veículo, pois, ao vermos a cobra Cascavel, ficamos assustados, amedrontados, miamos por alguma ajuda e nenhum membro de vossa ordem comparece para nos proteger. Atualmente foram mortos o Caçulinha, pela picada da cobra Cascavel, que tinha uma relação muito próxima com seu dono. O Dorminhoco, enquanto dormia, foi engolido pelo urso apaixonado e faminto. É verídico que a cobra Cascavel vive pelas florestas, buscando árvores para subir, também soubemos que ela teme o rio, mas é muito provável encontrá-la escondida em algum buraco, esperando, sedenta de fome e insaciável, para dar um bote em animais e/ou seres humanos. Conseguimos descobrir uma pista de ambos os acusados, ou seja, atualmente, a cobra foi vista passeando com outra, dizem que se tornaram muito amigas. Enquanto isso o urso avistou uma urso no alto de uma montanha e se apaixonou por ela, dizem que estão sendo vistos os dois sempre juntos. Soubemos, também, que houve um gato, o Mimoso, que sobreviveu ao ataque de uma certa cobra, porém a mesma veio a picar um menino e foi morta pelo pai da vítima. Teve um caso em que outra criança também foi mordida por uma cobra, porém ingeriu, imediatamente, leite humano tendo ido, posteriormente, levada ao hospital. Chegando lá, ao ser atendida pelo médico de plantão, este referiu que a criança somente conseguiu sobreviver devido ao leite materno ofertado após a picada da cobra. Neste caso, a cobra que atacou a criança foi morta por um homem. Estamos vivendo dias em que a justiça está sendo feita pelas próprias mãos, e não estamos mais nos sentindo seguros com a existente guarda policial. Nós, gatos, queremos continuar caminhando, conhecendo lugares, rios, relaxando quando estivermos cansados e nos sentindo seguros ao dormir. Gostaríamos de salientar nossa tristeza e indignação por sabermos a informação de que nosso amigo Caçulinha solicitou bastante ajuda durante o ataque da cobra Cascavel, mesmo tendo se deparado sozinho com a assassina e ficado em estado amedrontado. Sabemos,

também, que o urso Apaixonado aparece e desaparece, subindo uma montanha, enfrenta os desafios da floresta e os ataques de outros bichos. Algumas vezes seu percurso é tranquilo, mesmo assim, não se descarta, a possibilidade de que nós gatos nos tornemos seu alimento. Com estes relatos, temos a intenção de sensibilizar-lhe para nossa segurança, se não alcançarmos nosso objetivo tentaremos junto aos humanos que, até então, estão se mostrando atuantes no combate às situações perigosas. Tentaremos sensibilizá-los, lembrando de nossa proximidade com sua sexualidade, poderemos citar o fato de sermos carinhosos, amorosos, lentos, peludos, e a cobra ter a característica de ser devagar e mansa, apenas para conseguir ter relações sexuais e o urso ser um animal feroz. Mencionaremos também a importância de um sono agradável e tranquilo, sem ouvir nenhuma voz, e esta situação continuará desde que nos ajudem no combate à cobra Cascavel e ao urso Apaixonado. Desta forma, poderemos, todos juntos, gatos e homens, voltarmos a ter nossa tranquilidade ao passear, dormir, espreguiçar, beber água nos rios e vivermos, por muitos anos, ao lado de nossos responsáveis. Gratos pela atenção e esperando um posicionamento à nossa defesa, ficamos aguardando melhorias na segurança.

Assinam,



Gatos

A

Escultura da Sexualidade – quarta oficina

E falando sobre os ossos, o osso é a parte do corpo da gente, do ser humano que faz parte da gente, como da sexualidade, toda parte do corpo da gente é uma sexualidade para mim.

Co-pesquisador

7 A ESCULTURA DA SEXUALIDADE – QUARTA OFICINA

Em nossa quarta e última oficina, o grupo-pesquisador compôs-se de quatro participantes e ocorreu no dia 06/11/2006 no mesmo local e horário das anteriores⁴. Algumas participantes ao chegar relataram o motivo pelo qual outras do grupo não puderam comparecer, dentre os motivos estão: acompanhamento médico em outra instituição, reunião de revendedoras que são integrantes de uma rede de cosméticos e a conquista do emprego.

Os colchonetes estavam dispostos pelo auditório. Pedimos para que o grupo se acomodasse nos mesmos. Quando estávamos todas sentadas, Rosi se apresentou ao grupo, e iniciamos pedindo para que o grupo deitasse nos colchonetes, na posição mais agradável, e pedimos para que fechassem os olhos e esquecessem os ruídos exteriores. Assim, iniciamos tranquilamente o relaxamento, objetivando a promoção de uma abertura para outras sensações através do seguinte texto, que foi baseado em Estés (1994):

“Vamos respirar lentamente, como se estivéssemos cheirando uma flor e assoprando uma vela (repeti duas vezes). Vamos mentalizar esse tipo de respiração e realizá-la várias vezes, até nos sentirmos mais calmas, tranquilas, serenas (repeti duas vezes). Devagar, bem devagar, vamos esquecer que estamos neste ambiente. Bem devagar, vamos sentir o nosso corpo leve, bem leve, solto, em paz (repeti três vezes). Agora vamos imaginar bolinhas entrando por este auditório. Vamos imaginar milhares de bolinhas entrando neste auditório, elas entram por todos os lados. Para onde vocês se viram só vêem bolinhas. Vamos imaginar como são estas bolinhas? Essas bolinhas vão super lotando o auditório, e elas começam a adentrar em nosso corpo. Elas entram por todos os nossos poros, vão entrando, vão entrando. E agora, o interior de nosso

⁴ Nessa oficina contamos com a colaboração de Rosileide Soares, aluna do curso de Doutorado da Faculdade de Educação, e orientanda de Sandra Petit, que foi uma das colaboradoras do método da Sociopoética.

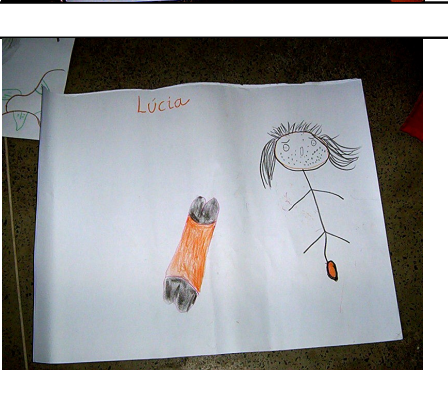
corpo está lotado de bolinhas. Vamos perceber como estamos reagindo a estas bolinhas dentro de nosso corpo. O que estamos sentindo com estas bolinhas dentro de nosso corpo? Como estamos reagindo? Como são estas bolinhas que entraram no nosso corpo? Agora essas bolinhas vão saindo, aos poucos, de dentro do nosso corpo. Como estas bolinhas saem? O que estamos sentindo na saída destas bolinhas? Como estamos sem as bolinhas dentro de nosso corpo? Lentamente as bolinhas vão saindo, também, deste auditório. Percebam como estas bolinhas deixam este auditório. E assim, as bolinhas vão deixando este auditório. Observem todas as bolinhas deixando este local. (tempo) Agora que as bolinhas deixaram este auditório, vamos contar uma história. Essa história, na verdade, é uma lenda muito antiga. É a lenda da Mulher-Lobo. Dizem que existe uma mulher que vive num lugar secreto. Vamos imaginar que lugar secreto seria este? Dizem que ela apresenta mais sons de animais do que de humano. Ela é conhecida como “Mulher-Lobo”. Seu único trabalho é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva, especialmente, aqueles que correm o risco de ser perder pelo mundo. Mas dizem que sua especialidade reside nos lobos. Ela se arrasta à procura de ossos para formar o esqueleto da sexualidade e quando ela consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura dos ossos da sexualidade está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar. Qual seria o tipo de osso que ela recolheria? Vamos imaginar, também, como seria este esqueleto da sexualidade?! A Mulher-Lobo, ao terminar o esqueleto da sexualidade, irá cantar para dar vida à criatura criada. Vamos imaginar como seria esta canção que tem o poder de dar vida ao esqueleto da sexualidade? Vamos imaginar quais palavras tinha na canção da Mulher-Lobo, como era seu ritmo? Como a Mulher-Lobo se comporta ao cantar, quais são os seus gestos? Quando a Mulher-Lobo canta, os ossos começam a se unirem e a formar uma criatura. A Mulher-Lobo canta um pouco mais e a criatura vai tomando forma. Vamos imaginar qual a seria

a forma da sexualidade? Vamos agora imaginar que forma tomou o esqueleto da sexualidade? E agora, bem devagar, no ritmo de cada uma, vamos retornar para este auditório. Vamos nos espreguiçar, retornando lentamente.”

Ao retornar da viagem imaginária, solicitamos para que cada uma desenhasse a sua escultura da sexualidade. Para desenvolver esta tarefa entregamos papel branco, lápis de cor e de cera. Também pedimos para que fosse escrita a letra da música que deu vida à escultura da sexualidade. Para esta atividade, foram disponibilizados trinta minutos. Durante esta atividade, uma co-pesquisadora relatou dificuldade em desenvolvê-la, e tentamos, na medida do possível, ajudá-la sem indução. Também foi relatado em particular, de uma co-pesquisadora, o mal-estar por estar no grupo pessoas estranhas. Finalmente, os desenhos foram realizados e os apresentados logo em seguida. Percebemos o desconforto de uma co-pesquisadora, quando a mesma foi relatar seu desenho, pois seu filho se encontrava no ambiente. Esta situação acabou prejudicando seu relato, pois muitas vezes, percebemos que, a mesma, gesticulava ou escondia os lábios ao falar.

7.1 Análise Plástica

Nesta oficina, foi ofertado lápis de cor e de cera para satisfazer a solicitação do grupo em oficinas anteriores. No entanto, achamos que a exibição para efeito de visualização neste texto ficou comprometida devido à apresentação das cores estar muito fraca. Desse modo, tentamos melhorar, até onde conseguimos, a visualização dos desenhos expostos em quadros, com as respectivas co-pesquisadoras e a elucidação dos mesmos.

Co-pesquisadora	Relato	Desenho
Co-pesquisadora 1	Fiz uma menina, com os ossinhos fiz o corpinho dela, o seiozinho dela, e no lado da sexualidade imaginei assim, os seios que é o ponto fraco, o meu, da mulher, o meu é o seio, tocou no meu seio já me desmancho.	
Co-pesquisadora 2	E como eu coloquei: “Bercia”, que eu acho assim: que a bacia como se fosse um berço, eu desenhei os nenês aqui, eu acho que a bacia deva ser assim, eu imagino assim. Desde o início a bacia é como se fosse o berço do nenê, aí eu juntei “Bercia” que é berço e bacia, que eu chamo bacia, que é esse osso daqui, que é assim, da sexualidade que é bom, quando você é pegada por aqui é bom.	
Co-pesquisadora 3	É eu mesmo. A Juci. A escultura é sobre eu, eu mesmo.	
Co-pesquisador 4	Eu imaginei no osso foi um pênis bem grande, bem grandão. Foi isso que eu imaginei.	

Observamos uma variedade de desenhos representando a sexualidade, dentre estes, foi notória a criação de Bercia e, a mesma, parecia que guardava pessoas. A representação destas pessoas nos lembra que poderiam ser crianças. Por este confeto, Bercia, percebemos a sexualidade voltada para a maternidade, uma experiência feminina que é íntima e intransferível.

Também foi representada, nos desenhos, a figura feminina, colorida por cores claras e com aspecto de suavidade. Nestes desenhos, percebemos nomes e a presença de uma casa, e esta nos traz a idéia de estabilidade e segurança. Estiveram presentes, também, presentes juntamente com a figura feminina, flores, sol e um animal, e estes nos proporcionam uma idéia de fragilidade envolvida por uma beleza serena que se harmoniza com o poder do sol. Esta relação nos recorda que a sexualidade possui aspectos suaves e fortes, e esta união, com aspectos aparentemente opostos favorece a idéia de um magnetismo exuberante, perceptível como a luz solar e mágica, como a beleza da flora.

Também estiveram presentes nos desenhos, a genitália masculina paralela à imagem feminina. Esta gravura pode representar a relação sexual ligada, somente, aos aspectos biológicos. Este fato nos recorda o fato de que, muitas vezes, a sexualidade é reportada aos aspectos da reprodução, ou ainda, aos que envolvem as doenças relacionadas ao sexo. Fato este que, mesmo na contemporaneidade, vigora em muitas instituições como a escola, as políticas públicas de saúde voltadas bem mais para os aspectos biológicos do que para os emocionais, e os meios de comunicação. E assim, vão mantendo a sexualidade como algo estritamente físico, descartando os aspectos psíquicos também presentes.

7.2 Análise da Produção Oral

Solicitamos ao grupo que falasse sobre os desenhos e a música imaginada, bem como sobre a experiência do relaxamento e sobre aquilo com relação a se

sentirem à vontade para relatar. A maioria referiu não ter tido dificuldades durante o processo de relaxamento, da produção plástica e musical. No entanto, uma co-pesquisadora relatou uma intensa dificuldade no momento da produção plástica, mesmo com a ajuda das facilitadoras e do próprio grupo-pesquisador.

É interessante salientar que durante as apresentações do grupo, uma das co-pesquisadoras referiu que neste dia estava inspirada, bem mais criativa do que nos outros encontros. Também lembrou que, durante todas as oficinas anteriores, o parceiro era colocado primeiramente, e nesta última quem estava em destaque, eram elas; o grupo-pesquisador. Começamos a perceber que o grupo-pesquisador, além de não mais mencionar com muita frequência o companheiro, também já estava incomodado pelo fato de não lembrar de si mesmo. Assim, transcrevemos as falas e classificamos em três categorias, de acordo com seus respectivos sentidos expressos nas frases, e apresentamos logo abaixo.

7.2.1 Análise Classificatória

I – Sensações advindas com o relaxamento

1. Na hora que ela começou a falar que tinha que deitar, relaxar e a gente vai pelo mundo [...]. Eu fui além da imaginação, quando ela começou a falar que a gente tava, assim, um exemplo, que nós tava aqui dentro do auditório, e tava entrando bolinhas pela janela, desenhei as bolinhas tudinho, como eu tivesse, aí eu ia relaxando. A forma que elas ia entrando se eu tivesse sentada, eu ia deitando e elas caindo por cima de mim, tá aqui um monte de bolinhas que eu desenhei, aqui é a porta e tipo essas bichinhas aí, que as bolas vinha tudo entrando, do jeito que ia falando as bolinhas, ia entrando por dentro do nariz, me sufocando, depois vai indo tudinho saindo, saindo, saindo. Além disso aqui, que encheu de bola, um monte de bolinha, vermelha, toda cor, amarela, [...]
2. [...] aí aquelas bolinhas eu imaginei como, no mesmo caso que eu tava aqui, que vinha as bolinhas na minha imaginação, entrou minhas bolinhas vermelhas como se fosse lá nos meus ovários, e como se eu menstruasse. Foi assim que fui lá na minha imaginação, as minhas bolinhas que vinham lá dos meus ovários e eu fiz de conta que eram vermelhinhas, como fosse a menstruação da gente.
3. Primeiro sobre o relaxamento, eu gostei. Eu não imaginei bolinhas, eu imaginei balões, porque flutuava, balões voando. Eu gostei na hora que falava assim, que elas entravam e a gente ficava com a sensação de flutuando. Deve ser muito gostoso a sensação de flutuar, gostei do relaxamento.
4. O que eu pensei na hora que eu relaxei, que a Rose começou a falar na chuva de bolinhas,

quando elas começaram a penetrar assim, em cima do meu corpo, eu imaginei que aquelas bolinhas cobriram em cima de mim, eu pude fazer a sexualidade mais à vontade, sem ninguém ta vendo, que as bolinhas estavam tudo em cima de mim, e a gente se virava para um lado e se virava para o outro. Aí de repente, quando eu relaxei, terminei de relaxar, que eu olhei assim, tava meu queridíssimo esposo ao meu lado, me acariciando, e aí foi um momento – muito emocionante para mim. Eu acho que isso aí quer dizer sexualidade, quando a gente ta dormindo que acorda com o parceiro da gente ao lado da gente, com certeza é uma sexualidade. E foi maravilhoso, relaxei no relaxamento. Muito bom.

5. Estava na floresta caminhando, aí eu entrei num auditório, relaxando, quando de repente, chegou levemente, veio caindo uma chuva de bolinhas de todas as cores, aí eu estava na floresta sorrindo, quando ali eu avistei uma chuva de bolinhas e, de repente, despertei.
6. [...] e eu não imaginei nada. A sensação que eu achei, assim, foi na hora das bolinhas, foi eu num aniversário, cheio de bolas, cheio de balões, foi isso que eu imaginei. A viagem que eu fiz foi na hora das bolinhas, eu tava num aniversário com muitas bolinhas de todas as cores. As bolinhas entrando dentro de mim, também eu já não imaginei essas bolinhas entrando em mim. As bolinhas nem eu pegava nelas, nem elas pegavam em mim. Não entendi nada.
7. Porque eu não consegui imaginar esse negócio de osso, os balões eu ainda consegui, porque eu imaginei um aniversário, cheio de balões, voando, todas as cores, [...]

1 e 4 convergem ao referirem o relaxamento com a presença de bolinhas, porém o item 1 relata que, as mesmas, de cores variadas, ao entrarem no ambiente conseguiram fazê-la deitar, chegando a penetrar-lhe o corpo, sufocando-a em dado momento. O item 4 refere que as bolinhas serviram como barreira de proteção, proporcionando a relação sexual.

3 e 7 convergem ao mencionarem a presença de balões voando, ao invés de bolinhas, o item 3 também menciona a sensação de flutuar, enquanto que o item 7 afirma que os balões eram de cores variadas.

5 e 6 convergem ao apresentarem as bolinhas dentro de um contexto (auditório, aniversário), o item 5 também menciona a presença de uma chuva de bolinhas com respectivo relaxamento, já o item 6 relata um aniversário com muitos balões, de várias cores.

O item 6 é ambíguo quando refere que, num dado momento, as bolinhas adentrando pelo corpo e depois afirma que, as mesmas, não chegaram a tocá-la.

2 diverge das demais por relacionar as bolinhas com partes do corpo (ovários, menstruação).

II – Sentidos atribuídos a Escultura da Sexualidade

1. [...] aí chegou na hora do osso, da imaginação, foi assim que eu tinha uns pedaços de ossos, e aí a minha imaginação fez para mim fazer um tipo de uma menina. Fiz uma menina, com os ossinhos fiz o corpinho dela, o seiozinho dela, e no lado da sexualidade imaginei assim, os seios que é o ponto fraco, o meu, da mulher, o meu é o seio, tocou no meu seio já me desmancho. (relação da menina com a sexualidade?) Porque a menina vai se formar, vai ficando uma mocinha, [...]
2. Ah! A minha música! Na hora da música, que eu formei a meninazinha, o nome da menina é Andreza, [...]
3. E na parte da mulher eu imaginei assim: numa ilha que ela vivia só, sem ninguém, e que, para passar o tempo, um divertimento para ela e um passa-tempo, ela colhia materiais como osso e fazia esculturas, e o osso da sexualidade que eu imagino é a bacia. E como eu coloquei: “Bercia”, que eu acho assim: que a bacia como se fosse um berço, eu desenhei os nenês aqui, eu acho que a bacia deva ser assim, eu imagino assim. Desde o início, a bacia é como se fosse o berço do nenê, aí eu juntei “Bercia” que é berço e bacia, que eu chamo bacia, que é esse osso daqui, que é assim, da sexualidade que é bom, quando você é pegada por aqui é bom. Eu gosto pegar aqui na cintura, beijar a barriga, tudo isso é bom.
4. E falando sobre os ossos, o osso é a parte do corpo da gente, do ser humano que faz parte da gente, como da sexualidade, toda parte do corpo da gente é uma sexualidade para mim. Como o nervo também, que é o pênis do homem, que também é sexualidade quando penetra na gente, a gente sente uma coisa queimando no corpo. Aquele queima, aquele ardor no corpo da gente, tudo faz parte da sexualidade.
5. Não, foi difícil não, porque isso faz parte da sexualidade da gente. É porque faz parte do corpo da pessoa, quando chega na gente esquentando, dá aquele calor, aquele ardor na gente, com aquele amor, com aquele carinho todo. O nervo faz parte, com certeza são juntos, e o osso faz parte de todas as costelas do corpo da gente, quando ele se aproxima né?
6. (qual foi a escultura) É eu mesmo. A Juci. A escultura é sobre eu, eu mesmo.
7. Piorou! Eu não imaginei nada. E os ossos eu não entendi nada, a viagem dos ossos. Aí pronto, eu me saí também, eu não entendi foi esse negócio de osso aí. Aí eu não entendi nada.
8. (se você pudesse imaginar uma escultura da sexualidade, como você imaginaria?) Um desenho? Eu desenho é um osso. Osso de carne. Eu imaginei no osso foi um pênis bem grande, bem grandão. Foi isso que eu imaginei.
9. (essa garotinha aí?) Ah! Essa garotinha aqui não tem nada a ver não. Ah! É eu aqui. É.
10. [...] mas quando chegou a parte dos ossos, aí pronto, eu não consegui imaginar nada. O que eu consegui imaginar nesse negócio do osso sobre a sexualidade foi o pênis que eu imaginei. (co-pesquisador 3 pergunta: Aquele osso bem duro, quando se aproxima das tuas partes da sexualidade, o que você sente?) Carinho, amor, prazer. Tudo, tudo o que tu sente eu sinto.

1, 3, 4, 6 e 8 convergem ao referirem a relação da sexualidade com as partes do corpo, dentre as citadas estão: seio, bacia, pênis, osso, nervo, todo o corpo e as sensações produzidas pelas mesmas. O item 1 refere que sua escultura da sexualidade é uma menina que está se transformando em adolescente, o 3 apresenta “Bercia” como a junção de bacia com berço e serve para acomodar os bebês. O item 4, ao mencionar a integridade do corpo na participação da sexualidade, se auto-desenhou.

5 e 7 divergem, pois o item 5 refere não ser difícil a relação do osso com a

sexualidade, pois o mesmo, faz parte de todo corpo, além de mencionar as sensações produzidas quando existe aproximação de outro corpo. O item 7, porém, afirma não ter conseguido fazer esta aproximação.

O item 9 é ambíguo por referir, ao mesmo tempo, que a escultura não é a própria co-pesquisadora e, logo em seguida, já afirma que é ela mesma no desenho.

O item 10 é ambíguo por mencionar não conseguir imaginar a escultura da sexualidade, e depois já refere que a escultura seria o pênis, também refere as sensações apresentadas no seu corpo quando o mesmo se aproxima.

III – Sentidos atribuídos à Música

1. aí para mim fazer ela caminhar como se fosse uma pessoa mesmo, a minha música que eu pensei foi daquela menina das nove, da Helena, da Clara, mas é da mãe da Clara quando ela morreu e que nasceu a meninazinha dela. Foi assim que eu pensei, aquela música que eu não sei, que é internacional.
2. (o que esta música quer dizer) Quer dizer para mim, que a meninazinha que eu vi era minha filha e veio para os meus braços.
3. (uma letra para esta música) Falava da mulher, para falar mais sobre a mulher, o que a mulher, o que a mulher hoje em dia ta sendo mais, a violência que a gente vai passando, o que o homem faz com a mulher hoje em dia, que é o caso de, o caso que hoje em dia os homens quase não tem mais aquele negócio de ta, ser mais carinhoso, não é mais aquele romantismo com a mulher como antigamente. Respeito não tem, elas são muito excluídas.
4. E a música não é uma música, eu imaginei uma letra para os nenês dentro da bacia e eu escrevi assim: “Acorda nenê. Oh! Nenê! Meu querido nenê”. Foi isso que eu imaginei para esses nenês dentro da bacia.
5. E a música é que eu estava lá na floresta, sorrindo, quando avistei uma chuva de bolinhas que, de repente, eu despertei.
6. Eu ia fazer aquela musicazinha mesmo: “Segura o Tcham”. (Risos) Vocês não deixam nem eu cantar. Porque essa hoje foi difícil.

1, 5 e 6 convergem ao descreverem o contexto das músicas imaginadas durante a oficina.

2, 3 e 4 convergem ao referirem a letra da música da escultura da sexualidade, porém o item 2 refere que a menina da escultura da sexualidade era sua filha e veio para seus braços, já o item 3 lembrou da violência e exclusão atual sobre a mulher e a falta de respeito, carinho e romantismo dos homens com relação à mesma. O item 4 é uma solicitação para que os bebês, que estão dentro da bacia, parte do corpo da mulher, acordem.

7.2.2 Análise Transversal

Decidimos por desenvolver esta análise transversal construindo um mito, pois sabemos que este gênero literário é uma situação imaginária, mas que, muitas das vezes, foi construído a partir de um sujeito ou caso verídico que teve muita repercussão. Como também, esta forma narrativa é uma maneira de permanecer conhecida durante anos, um sujeito ou uma situação que se destacou. Além de ser uma forma de proporcionar aspectos que podem nos levar à reflexão. O mito atravessa as fronteiras dos continentes e vence o poderoso tempo que destrói as lembranças.

Numa época em que não sabíamos o paradeiro dos povos andantes, surgiu uma lenda que foi passada de povo a povo, e trazida para nós do ocidente. A lenda conta que existiu uma mulher, pertencente a uma das maiores tribos de nômades e era dotada de poderes sobrenaturais. Ela tinha o respeito de todos do seu povo, mas um dia, previu que no percurso de uma viagem, a desgraça cairia sobre seu povo em forma de pedras, e este deixaria de existir. Suas premonições foram zombadas por um guerreiro pertencente à tribo, o mesmo garantiu proteção absoluta durante a viagem. A velha ficou decepcionada com a reação do seu povo em optar pela segurança ofertada pelo guerreiro em oposição ao seu aviso. A tribo decidiu continuar a viagem de descida pelas montanhas, atualmente localizada nas fronteiras do México, e a velha preferiu desvencilhar-se do seu povo.

Ela escolheu como abrigo as montanhas e como tribo os lobos. E, mais uma vez, suas premonições foram certas, toda sua tribo foi atingida por uma chuva de pedras provenientes das montanhas próximas, que não resistiram aos tremores constantes de terra. A velha, em sua gruta, dentre as montanhas, avistou o fim de sua tribo. E, após a tragédia, ela, com a ajuda dos lobos, recolheu todos os ossos das pessoas de sua tribo e decidiu guarda-los até que, novamente, sua intuição dissesse o que deveria fazer.

Desde então, a velha mulher passou a ter sonhos freqüentes com o episódio que destruiu sua tribo, porém a multidão de pedras, em seus sonhos, se transformavam em bolinhas de cores variadas. Estas bolinhas, penetravam pelo seu corpo, chegando, às vezes, a sufocá-la, e, em outras, serviam como escudo de proteção quando ela

sonhava tendo relações sexuais com seu amado que também morrera na tribo. Outras vezes, as bolinhas faziam a mulher flutuar pela floresta, pelo deserto, pelas montanhas. Outras vezes, o sonho era confuso, pois parecia que as bolinhas tocavam-na e, no mesmo instante, era como se elas estivessem distantes da velha mulher. Num destes episódios, as bolinhas se confundiam com seus ovários, com sua menstruação, e a faziam sentir saudades da vida na tribo.

Lembrava-se das comemorações, da dança, dos sorrisos e da sua sexualidade. Quando a lembrança de sua sexualidade aparecia, ela associava com as partes do corpo, as mais presentes eram sempre os seios, a bacia, o osso, o nervo, o pênis e se expandia por todo corpo, sentindo as sensações produzidas pelas mesmas. Os sonhos com as partes da sexualidade passaram a serem constantes, a ponto da mulher decidir criar uma escultura que representasse a sexualidade. Daí, começou a descobrir os ossos que guardava do seu povo.

A primeira escultura surgiu como uma menina-moça, depois ela resolveu criar a “Bercia”, que era a junção da bacia feminina com um berço e, nesta, ela imaginou acomodar seus bebês que morreram durante o ataque da natureza ao seu povo. Ficou confusa quando decidiu construir sua própria escultura, e lembrou das sensações que tinha, a começar pelos ossos, quando se aproximava de outra pessoa. Neste momento, percebeu como era fácil a proximidade, até mesmo dos ossos, com a sexualidade, mas em outros momentos já achava muito difícil. Nas horas delirantes, novamente construía a sua imagem na escultura para, logo depois, não mais se ver nela. Depois, fazia com os ossos o órgão genital masculino e sentia que seu corpo reagia ao vislumbrar esta escultura.

A velha mulher passava os dias fazendo e refazendo esculturas da sexualidade, até que um dia, sentada junto à fogueira, sentiu que deveria cantar para que algumas de suas esculturas tivessem vida. Ela assim fez, e as suas canções falavam da vida na floresta, das bolinhas dos seus sonhos, da violência contra a mulher e da escassez de amor e respeito pelo sexo feminino. Outras canções eram como uma melodia para os bebês, que estavam dentro da Bercia, acordarem. Neste momento,

surgia a lembrança de sua filha adolescente e, sem perceber, as lágrimas escorregavam pela sofrida face, como afluentes de um rio sem mar. Então, decidiu cantar uma nova canção, e como uma mágica, a mulher percebeu que a escultura da menina-moça, sua filha, começava a apresentar sinais de vida. Neste instante, os lobos uivaram como a pedir clemência para aquela velha-mulher, que sofria pela perda de seu povo e sua família.

Quanto mais a mulher cantava, mais os lobos uivavam, e a menina-moça respirou e sorriu ao retornar à vida. Ao ver sua mãe, a jovem correu para seus braços, porém também relatou que não poderia viver junto dela e com os lobos. A jovem referiu que precisava ir ao encontro de uma tribo, um povo, uma comunidade. A velha mulher aceitou a decisão da filha, mas não a acompanhou, pois tinha os lobos como seu povo.

Frente à decisão tomada pela velha mulher, Andreza, a jovem filha, passou a denominar sua mãe como a Mulher-Lobo. E assim, Andreza encontrou uma tribo para viver e passar os anos contando a história da Mulher-Lobo, como uma forma de fazer com que sua mãe permanecesse na lembrança de muitos povos. Contava-se que, em noites de lua cheia, Andreza desaparecia para ir ao encontro da Mulher-Lobo, sua mãe e recriadora.

A

nalizando e Contranalizando as Produções

Ela tá perdendo o tempo dela com a gente, ela devia ir procurar outras pessoas, eu até falei com ela, que tivesse mais estudo, que soubesse falar, que a gente era muito ignorante. Aí depois que eu vi o que a gente fez, dá para o gasto.

Co-pesquisador

8 ANALISANDO E CONTRA-ANALISANDO AS PRODUÇÕES

Esta oficina, por força do tempo que corre, foi destinada a trabalhar dois momentos da pesquisa sociopoética: análise do grupo-pesquisador e contra-análise. Entendemos que esta configuração faz perder um pouco as oportunidades de discussão, mas como não queríamos perder a chance de realizá-las, optamos por fazê-las no mesmo dia.

Esta oficina contou com a participação de oito mulheres pertencentes ao grupo-pesquisador, previamente convidadas a estarem presentes no dia 10 de janeiro de 2007, às 14:00hs, no auditório da unidade de saúde. Para a realização desta oficina, optamos por dividir a sala em ilhas, sendo cada uma delas dedicada à uma oficina de produção, com todos os materiais produzidos.

Antes de iniciar as análises, realizamos uma atividade de alongamento com o grupo. Em seguida, pedimos que o grupo se dividisse entre as quatro ilhas e apreciasse a produção presente em cada uma delas durante 20 minutos. Passado esse tempo, os grupos mudavam de ilha até que todos tivessem passado por cada uma delas. Terminada essa fase, formamos uma plenária de discussão onde cada um iria realizar sua análise verbalmente. Após esse momento, discutimos ainda as análises classificatórias e transversais que eu havia realizado anteriormente, desenvolvendo a etapa de contra-análise.

Optamos por apresentar esse momento através de uma manchete de jornal, por acharmos que ela nos transporta ao cotidiano além de remeter às manchetes escolhidas para comporem um jornal: os fatos mais importantes ocorridos na vida dos sujeitos.

JORNAL DO GRUPO pesquisador

* MANCHETE *

ELAS FALARAM, NÓS OUVIMOS

Foi organizado no dia 10 de janeiro de 2007 às 14:00hs uma reunião de mulheres para avaliar os encontros que estavam ocorrendo numa unidade de saúde, situada na Barra do Ceará, no município de Fortaleza.



A reunião contou com a participação de oito mulheres, que após caminharem pelas exposições de fotos e escritos desenvolvidos durante as oficinas, avaliaram e propuseram sugestões. Este encontro de avaliação durou, em média, três horas.

Ao analisar as produções das oficinas, da sexualidade, apareceu como relacionada, em vários momentos, ao companheiro, ao órgão genital masculino, a relação sexual e também às mãos e seios femininos. Temas como masturbação, violência contra mulher e a Lei Maria da Penha também foram referidos durante a avaliação. Os valores atribuídos ao homem, em nossa sociedade, como valente e superior, foram questionados.

Além disso, foi lembrado que a mulher contemporânea está conquistando estas mesmas características, às vezes até como forma de defesa.

Também foi correlacionada a figura do gatinho com a mulher e a criança que, muitas vezes, são consideradas indefesas.

Neste percurso avaliativo foi lembrado que a mulher precisa, em alguns momentos, ter uma flexibilidade de saber o momento de ser “ruim” ou “boa”, ou seja, este foi um simbolismo para designar o momento que as mulheres devem saber se proteger e àqueles nos quais devem ser solidárias.

Elas apontaram que, na maioria das oficinas, o grupo sempre referia o companheiro e as mulheres esqueciam-se de si mesmas. Somente na última oficina, foi que o foco das discussões voltou-se para falar mais sobre cada participante. Colocaram o progresso da integração do grupo, facilitando até mesmo as verbalizações durante as oficinas.

Esta equipe de avaliação também observou o quanto foi mencionado a importância atribuída ao corpo perfeito, porém foi lembrado que nós, que temos uma estrutura física aparentemente “normal”, temos defeitos que não são expostos, e que pessoas com alguma anomalia física, muitas vezes, são mais carismáticas e amigas do que as consideradas “normais”.

Referiram também, como desfecho da personagem Marciana, que ela poderia ser comparada à sexualidade feminina, devido a

presença duplicata de seios e mãos, ou seja, a mulher valoriza a sensibilidade do toque e a feminilidade representada nos seios. Este fato levou-as a perceber que, no corpo da personagem, não foram colocadas as pernas e nem a genitália, no entanto, não se detiveram nesta observação.

A equipe de avaliação parabenizou o material produzido pelo grupo, principalmente porque considerou este tipo de atividade como potencializadora dos saberes da comunidade e incentivou para que outros encontros, com esta metodologia, fossem realizados com o mesmo grupo ou não. Incentivou-nos a aproveitarmos este momento e sugeriu que trabalhássemos outros temas de interesse dos participantes, para que os sujeitos passassem a ver-se como produtores do saber.

As participantes indicaram que, dentre todas as oficinas, a única que mudariam o produto final seria a Marciana. Durante toda avaliação, a questão da imagem corporal foi colocada como algo que prejudicava a vida das pessoas. Nessa ocasião, lembrou de

vários casos de modelos que vieram a óbito devido aos distúrbios alimentares provocados pelo desejo incontrolável de adquirirem um corpo perfeito.

Parabenizou pela iniciativa da realização das oficinas, pois estas serviam como “terapias” para as participantes. Sugeriu que continuássemos com este projeto, de levar temas polêmicos para a comunidade discutir.



Grupo-pesquisador

R

efletindo sobre as Produções

Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir fica convencido de que os mortais não conseguem guardar nenhum segredo. Aqueles cujos lábios calam denunciam-se com as pontas dos dedos; a denúncia lhes sai por todos os poros. Por isso, a tarefa de tornar consciente o que há de mais secreto no anímico é perfeitamente exeqüível.

Sigmund Freud

9 MOMENTO FILOSÓFICO: ESPAÇOS DE TEMPO REFLETIDOS COM AUTORES

Nesse capítulo, realizaremos a análise filosófica como proposta pelo método sociopoético. Esta etapa da análise é destinada a estabelecer diálogos entre o conhecimento produzido no grupo e a produção acadêmica existente sobre o tema em questão; no nosso caso, a sexualidade. Não se trata de estabelecer um discurso como mais verdadeiro ou superior, mas sim de perceber as similaridades, contradições e complementaridades entre estes saberes.

Para falarmos sobre sexualidade devemos, primeiramente, compreendermos que cada sujeito traz seu significado construído a partir de suas experiências de vida. Estas são histórias de caráter individual e coletivo.

Dentre os vários significados produzido pelo grupo-pesquisador acerca da sexualidade, percebemos num primeiro momento que a associação do tema com a genitalidade e com a questão da relação sexual homem/mulher apareceu como um dos elementos mais presentes nos discursos. Este pensamento que atrela a vivência da sexualidade à genitalidade e à relação heterossexual faz parte do pensamento hegemônico acerca do tema, levando a uma dificuldade em conseguir multiplicar esse sentido e abrir espaço para novas produções.

Essa visão da sexualidade como estritamente relacionada ao encontro genital tem perpassado os processos de subjetivação contemporâneos. Segundo Viana (2003), essa linha de subjetivação foi modelada por discursos pertencentes a uma ordem disciplinar ortopédica. Esta ordem tem como pretensão “formar”, “ordenar” e “individualizar os corpos” para regulamentá-los, torná-los “dóceis” para exercer o poder sobre eles. Para exercer tal domínio foi instalada a bio-política, que objetiva a regulação da população e o biopoder que tem como foco principal gerir a vida.

Na saúde, essa visão estereotipada da sexualidade serviu como instrumento para exercer um controle acerca da subjetividade, através da sexologia, da educação sexual, das práticas de cuidado com o corpo, entre outras (FOUCAULT, 1997).

Percebendo a dificuldade de romper com este paradigma dominante, elaboramos a segunda oficina procurando criar um dispositivo que proporcionasse a emergência do novo. Foi assim que durante a segunda oficina esse sentido começou a se diferenciar e outras produções foram se construindo. A seguir, apresentaremos os diversos confetos de sexualidade produzidos pelo grupo. Entretanto, lembramos que essas produções, embora tensionem o conceito de sexualidade em outras direções, nem sempre estão completamente afastadas da visão hegemônica da sexualidade/genitalidade. Antes, configuram um campo heterogêneo, perpassado por linhas muito diversas e, algumas vezes, até contraditórias.

Um dos confetos que foi muito discutido é o da **sexualidade/corpo com muitas partes**. Esse confeto tem uma personagem conceitual que se chama *Marciana*. Ela veio de Marte, com um corpo irregular, com algumas partes do corpo duplicadas, e por esse motivo, não conseguia ser feliz. Segundo o grupo, apesar de não ser alguém que provoca insatisfação, a Marciana só poderia ser feliz se tivesse uma aparência “normal”. Nossa personagem conseguiu manter um relacionamento com alguém, diferente fisicamente dela. No entanto, não resistiu permanecer em nossa sociedade, que contempla a aparência, retornando, ela e seu companheiro, ao planeta de origem.

Essa exigência de normalidade do corpo permitiu ao grupo problematizar a padronização do corpo característica da sociedade de consumo. Segundo Viana (2003), estamos numa sociedade marcada pela “exterioridade” e “performance” dos corpos onde, muitas vezes, as pessoas não conseguem adequar-se ao protótipo de beleza lançado e exigido.

Sztajnberg (2003, p. 181) também contribui com essa discussão ao afirmar que estamos vivendo uma ditadura que proclama a submissão e a exibição de um corpo padronizado pelos interesses do mercado de consumo, desprovendo o sujeito de

qualquer alteridade. Em contrapartida, essa sociedade oferece a idéia da possibilidade de um corpo “quase imortal”, onde os defeitos podem ser substituídos por próteses, e assim, caracterizar-se como o protótipo do corpo de consumo.

Devido a todo este contexto, Mendes e Próchno (2004, p. 149) relatam que os corpos da contemporaneidade situam-se como “depositários de angústias”, restando, aos mesmos, o adoecimento do corpo biológico e psíquico.

Ainda com relação à sexualidade/corpo foi interessante ter surgido no grupo a delimitação de seios e mãos como elementos da sexualidade. Este fato nos chamou atenção, pois rompe com o percurso histórico construído sobre a sexualidade feminina que, ao mesmo tempo em que a controla, também a reduz ao campo da biologia e da reprodução da espécie. Entretanto, tensionando um pouco mais essa linha, encontramos também uma vertente onde ela encontra o discurso do saber médico, pois também surge no grupo a noção do auto-exame das mamas como parte da sexualidade. É uma maneira de cuidar do corpo, mas também proporciona o conhecimento das sensações advindas com o toque.

Outras partes do corpo foram enfatizadas pelo grupo configurando uma linha que remete a estereótipos da mídia considerados emblemas da sexualidade: bumbum, cintura e barriga. Mendes e Próchno (2004) fazem referência a essa significação como sendo da ordem de uma “fetichização do corpo”. Ainda segundo os autores, para manter esses modelos, o mercado tecnológico, as indústrias farmacêuticas, as terapias alternativas recebem constantes incentivos para novas invenções que propiciem soluções rápidas para o “mal-estar” corporal.

Outra linha da produção do grupo remete a uma **sexualidade/bolinhas; ovinhos; negócios** onde estão presentes vários simbolismos atribuídos à sexualidade. Este grupo de simbolismos está relacionado ao órgão genital considerado metaforicamente como: “bolinhas”, “ovinhos” e “negócios”. Percebemos que a inibição de se referir a esse órgão acabou provocando a produção de outros significantes, pois de acordo com Ressel e Gualda (2003) “[...] na profundidade do que

não é revelado explicitamente, estão contidos os significantes, ou seja, marcas de construção cultural e social que conduzem ao modo singular de cada pessoa vivenciar o mundo”.

Para Dunker (2004, p. 120), a sexualidade é construída sobre uma “ligação arbitrária” entre o corpo biológico e os discursos sociais que conseguem moldar os conceitos de cada sujeito. O autor afirma, ainda, que a contribuição de Jacques Lacan para a discussão sobre a sexualidade é que vai criar a possibilidade de descartar, criticamente, certos modelos normativos sobre a sexualidade como, por exemplo, a adequação da sexualidade ao gênero social e a correspondência entre corpo biológico e sexualidade.

Outro simbolismo que identificamos na produção do grupo foi o do ritual preparatório, relacionado aos jogos sexuais. Esse ritual começa com o momento de tomar banho, ficar cheirosa, bonita. Depois vem aquele momento de carinho que precede a relação. Ribeiro (2003) também encontrou esse simbolismo relacionado aos jogos sexuais numa pesquisa realizada junto a crianças e adolescentes. O autor identificou como uma das formas de representação da sexualidade o termo “sacanagem” usado pelos sujeitos da pesquisa para designar os jogos eróticos.

Outro confeto produzido no grupo foi o da **sexualidade/eu mesmo**. Esse confeto é um momento em que a representação da sexualidade atrelada à genitalidade é rompida. Isso acontece com a elaboração do confeto de “eu mesmo”. Nesta produção a sexualidade passa a ser percebida como uma vivência subjetiva própria.

Seguindo com a produção do grupo, entramos agora no conceito de **sexualidade/prazer**. Esse conceito envolve significados de caráter prazeroso atribuídos à sexualidade. É uma experiência de ir para as nuvens, uma sensação boa, quase inexplicável e que significa o prazer. Essa energia que promove excitação é denominada libido. Freud a diferencia das demais energias psíquicas, pois seu efeito consegue atingir, de forma prazerosa, todas as partes do corpo.

A **sexualidade/companheirismo** também é abordada pelo grupo. Nesta perspectiva a sexualidade está presente em todo o convívio do casal, envolve o diálogo, a necessidade de compreensão mútua, envolve o cotidiano, o amor, o respeito, o companheirismo. Desta forma, podemos referir que estas representações da sexualidade seriam exemplos do processo de singularização, ou um descarte dos modelos normativos. Entretanto o grupo reconhece que nem sempre existe essa compreensão mútua, pois muitas vezes os relacionamentos são apenas de aparências.

Outra produção provocada pelos dispositivos utilizados foi à **sexualidade/cobra; urso; gato**. Esse conceito mostra uma oposição: de um lado o bicho carinhoso, mimoso e manhoso (geralmente um gatinho). Do outro, um bicho feroz, que machuca, mata e enfrenta os desafios (a cobra ou o urso). Essa dualidade remete ao estereótipo de gênero onde o papel de passivo, que espera a iniciativa do outro, indefeso, obediente, que cuida do lar e da família é ofertado à mulher. Por outro lado, o homem é entregue à virilidade, ao personagem do guerreiro que enfrenta os desafios, é corajoso, ativo, desbravador, voltado para as atividades externas, é aquele que deve tomar a iniciativa e vai atrás dos seus objetivos. Desta forma, as funções de cada sexo são inseridas no cotidiano e surgem nos discursos, no comportamento de cada um, na própria maneira de viver e repassar estes estigmas aos descendentes. Entretanto, por ocasião da oficina de contra-análise, o grupo deixou claro que as coisas não acontecem necessariamente assim e que elas agora preferiam ser a cobra...

Também foi destacada a possibilidade da flexibilidade em ser “boa” ou “ruim”, de acordo com o momento em que se está vivendo. Isto também foi associado ao lado “cobra” da mulher. Ou seja, foi atribuída a ela uma característica de versatilidade necessária aos dias atuais. Essa mulher-cobra sabe se defender e em situações de violência recorre à Lei “Maria da Penha”.

Por outro lado, lembra o grupo, os bichos considerados ferozes e violentos também têm necessidade de afetividade e agrupamento. Ou seja, a cobra Cascavel encontrou outra e desenvolveu uma relação de amizade, enquanto o urso Apaixonado passou a conviver com a urso. Observamos nestes trechos que, apesar dos papéis de

agressividade e passividade assumidos distintamente pelos sexos, os mesmos não são fixos e podem variar de acordo com a situação.

Outro conceito apresentado é o de **sexualidade/Bercia**. Segundo o grupo, a Bercia é a junção de bacia (parte anatômica do corpo da mulher) com berço, e este servia para embalar bebês. Neste aspecto, Freud (1996), ao se deparar com o enigma da sexualidade, vai afirmar que a realização da natureza feminina está relacionada à maternidade. Entretanto, algum tempo depois, esse pressuposto foi criticado por Lacan, ao afirmar que a sexualidade feminina não se reduz à maternidade e que seu desejo escapa à questão fálica.

Contudo, apesar de toda a discussão acerca da dimensão do desejo da mulher, percebemos na fala do grupo um traço persistente da **sexualidade/necessidade**. Nessa linha está a necessidade de ser amada, respeitada, satisfeita em seus desejos. Esta situação nos reporta a Farias e Barros (2003, p. 207) quando mencionam que, historicamente, a mulher ocidental (mãe, esposa, filha, irmã, tia, amante, avó) sustenta uma posição reivindicatória pela via do amor. Entretanto, percebemos a necessidade da criação de espaços onde a mulher possa falar e se apropriar de sua responsabilidade frente aos seus desejos e à sua subjetivação, saindo dessa posição reivindicatória para um papel mais ativo.

- **Sexualidade/defesa**

Após todo esse percurso, percebemos que através dos dispositivos instaurados, houve uma rachadura no discurso hegemônico, favorecendo uma fuga da compreensão da sexualidade como somente ligada aos aspectos orgânicos. O grupo multiplica esse significado mostrando que a sexualidade também abrange o **corpo**, o **simbólico**, a **afetividade**, a **descoberta individual**, o **prazer**, a **maternidade** e, até mesmo, uma **sexualidade animal**. Estas passagens nos reportam ao fato de que o conceito de sexualidade foi ampliado, levado para uma dimensão mais complexa.

E

m Poucos Minutos: resta-me concluir

Nem só a Arte e a Ciência servem;
No trabalho há que mostrar paciência.

Goethe, Fausto, Parte I (cena 6)

10 EM POUCOS MINUTOS: RESTA-ME CONCLUIR

O grupo-pesquisador foi perpassado por muitos afetos inesperados. Percebemos o quanto esta característica foi necessária para o questionamento de conceitos cristalizados sobre sexualidade, trazido previamente pelas co-pesquisadoras.

À medida que foi se estabelecendo o respeito às diferenças, foi surgindo o diálogo, os questionamentos, a criticidade e o interesse em participar das oficinas. Fazendo uma breve retrospectiva deste processo, observamos que, inicialmente, o grupo apresentou um conceito modelizado sobre a sexualidade. Este conceito era vinculado a genitalidade e à relação sexual.

Percebemos também que, durante a 1ª oficina, houve uma tímida tentativa em romper com esta idéia homogênea quando o grupo referiu o esquecimento do companheiro, o prazer em brincar, a importância da compreensão no relacionamento do casal e a infelicidade trazida para ambos quando estes tentam manter as “aparências” e não resolvem os conflitos existentes.

Desta forma, observamos nas oficinas posteriores, uma inquietação mais geral a respeito do conceito de sexualidade. Tanto foi notório, que começou a surgir a relação da sexualidade com todo o corpo biológico e afetivo do grupo. Assim, o grupo começou a correlacionar a sexualidade com sua própria imagem física e referiu a importância de sentirem-se bem com a mesma.

Entendemos que esta forma física não é somente ligada aos aspectos perceptíveis do corpo-matéria, mas também ao corpo-psíquico. Com relação a este aspecto, do corpo psíquico, foi colocada a importância de falar sobre si mesmo. Colocar em evidência, para si mesmo, sua auto-análise e refletir sobre os aspectos trazidos por esta reflexão.

Foi trazido também o fato de que as oficinas estavam proporcionando este repensar de si, e como estes momentos estavam ajudando-as no seu cotidiano. É interessante mencionarmos que o grupo lembrou que guardamos nossos defeitos e estes, não se encontram presentes no corpo físico, e sim, “velados” em algum lugar do corpo-psíquico.

Diante destas reflexões surgidas no grupo, foi nos proposta a continuação destas atividades grupais, pois seu efeito estava sendo considerado “terapêutico”. Neste momento, percebemos o quanto é importante para nós, profissionais de saúde, nos sensibilizarmos para percebermos em quais aspectos, de nossa vida, estamos negando a possibilidade de surgirem novas possibilidades de condutas, seja no âmbito profissional como na vida diária, assim como nos questionamos sobre a possibilidade de refazermos o modelo de atendimento na saúde pública, que permanece inserindo os sujeitos em programas de Atenção Básica de Saúde.

Resta-nos, ainda, e, prioritariamente, possibilitarmos que os espaços de escuta sensível, dos nossos desejos, angústias, repressões, criações, alegrias, vitórias e afetos possam ser criados. Dessa forma, trabalhando sobre nossos afetos, poderemos ofertar espaços físicos abertos para a comunidade atendida nas unidades de saúde.

Poderia dizer que esta etapa finaliza nossa pesquisa, no entanto, a percebo como uma porta aberta para a continuidade de novos projetos. Ou seja, seria como uma ramificação deste tema: a sexualidade. A partir da construção dos confetos, da integração do grupo-pesquisador, já percebemos a oportunidade de trabalhar outras temáticas em grupo. Esta ampliação de horizontes só foi possível devido à oportunidade de realizar esta pesquisa, que tomou característica de projeto piloto em nosso campo de atuação profissional.

R

etrospectiva Íntima – diário da pesquisadora

Se as coisas são inatingíveis...
Ora! não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
a mágica presença das estrelas!

Mário Quintana

11 RETROSPECTIVA: DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA PESQUISADORA

Optei por finalizar este trabalho apresentando um pouco da minha história vivida de pesquisadora. Isso começou ainda quando nem mesmo eu acreditava que estaria vivendo a presente situação, a defesa de minha dissertação. Desta forma, acho conveniente expressar estes relatos através de um diário. É no diário que, às vezes, nos mostramos até para nós mesmos, e aproveitamos para desabafar quando ainda não conseguimos fazê-lo com o outro. Assim, o diário passa uma imagem real de cada um, pois este é escrito com os sentimentos nus do próprio autor.

Fortaleza, 08 de Janeiro de 2007

Hoje, neste auditório vazio, que foi palco de um rico processo de minha aprendizagem, procuro lembrar de todos os momentos que compuseram a música do saber. Lembro-me que, em algum tempo que permanece até os dias atuais, não ousava desenvolver um projeto de pesquisa, nem mesmo cursar o mestrado acadêmico.

Como pensar que eu, na minha distância das universidades públicas, poderia conseguir tal façanha. Mas meu coração traiçoeiro, que nada fala, mas age em silêncio, pediu-me a realização de um sonho. O sonho de estudar e trabalhar um tema especial. Este tema se configurava em tudo o que poderia mexer com nosso inconsciente, intuição, subjetividade, criatividade, enfim, nossas emoções.

Comecei a trabalhar profissionalmente em uma Unidade de Saúde, e tudo o que concerne ao desenvolvimento de tal sonho foi ficando difícil, pois na idéia que vigorava na época só tinha espaço para projetos que visassem o aumento da produção. E assim, fui esquecendo, pouco a pouco, das atividades criativas que poderia desenvolver na minha atividade profissional. Mas o sonho, alimentado pelo coração, persistia até que, quem sabe, através de um milagre, ou uma recompensa, consegui entrar para o curso de Mestrado Acadêmico em uma universidade pública, como eu tanto almejava. Apesar desta universidade ter milhares de problemas, dentre eles as

condições precárias e a desvalorização financeira para com os professores, mesmo assim, era nela que desejava estudar.

Depois, meu projeto foi inteiramente refeito, e quem diria que ficou exatamente como eu sonhava. Milagre?! Só Deus poderá afirmar! O que sei é que meus olhos brilhavam de tanta alegria, e acho que minha orientadora nem percebeu. E o tempo passou, e tantos milagres vieram a colorir minha vida que já possuía outros sentidos de felicidade. Cursei com uma turma inesquecível, aprendi com elas que ser prática, inteligente, elegante, sensível e forte (guerreira) são qualidades que conquistamos. Mas, como nem tudo são flores, veio a época em que não conseguia confiar em mim, no meu potencial, nas minhas habilidades. E minha orientadora onde estava? Ela estava envolvida, também, com outros projetos, afinal de contas, ela era minha orientadora e não a amiga, que tem a paciência de ouvir sem criticar com acidez.

O tempo passava e a lenda do sapo surdo que foi o único a conseguir subir a montanha foi ficando cada vez mais longe de minha lembrança. Assim, cada vez mais, surgiram problemas pessoais e financeiros que me fizeram achar que não conseguiria levar meu projeto adiante, pensei em desistir, mas esta idéia corroía meu coração, e eu não sou ninguém sem ele. O que fazer? Não sei! Mas minha mãe sabia, ela sabe sempre como me ajudar. Ela ficou perto de mim, não me cobrava nada, mas falava com carinho do meu projeto de dissertação. Assim, pouco a pouco, como um bom exemplo de complexo pré-edipiano, retornei a caminhar de bengala, mas caminhava.

Neste caminhar, encontrei pessoas maravilhosamente belas, que sabiam dispor do seu tempo para ajudar uma aleijadinha, eu. Foi nesta época, que fiquei muito abalada emocionalmente, pois parecia que minhas oficinas não tinham sido bem sucedidas, que minha orientadora apresentou-me a Sandra Petit⁵. Sandra combinou de que eu deveria levar para sua residência o material da primeira e segunda oficina para

⁵ Professora efetiva da Universidade Federal do Ceará, do curso de mestrado e doutorado na área da Educação e participante da construção do método da sociopoética.

que, juntamente com Rose⁶, lessem, avaliassem e assim surgissem sugestões para as próximas oficinas.

Foi neste encontro entre Sandra, Rose e eu, que surgiu a idéia de trazer algo que provocasse estranheza ao grupo. Assim, foi sugerido fazer um paralelo da sexualidade com bichos, também foi ofertado a presença, em futuras oficinas, de Sandra ou Rose. Também foi sugerido por Sandra que eu fizesse uma disciplina, que a mesma iria lecionar, sobre o método da sociopoética. Adorei esta idéia e participei como ouvinte desta disciplina. E foi com o grupo desta disciplina, que comecei a perceber outras questões que perpassa todo aquele que se dispõe a trabalhar com a sociopoética, como também, tive a oportunidade de desenvolver e analisar, com os mesmos, a técnica (o bicho da sexualidade) que realizei na segunda oficina da minha dissertação.

E então, fui aprendendo com este grupo, a sorrir e a ler, e a importância de ser solidário com o outro, principalmente no momento em que surgem as dificuldades durante a criação, realização, análise e preparação das demais oficinas da sociopoética. Desta forma, com o tempo, consegui dar meus primeiros passos sem ajuda de nenhuma prótese. E hoje, estou aqui, finalizando este período de minha vida que nunca esquecerei, porque foi nele que consegui realizar meu sonho.

E que sonho é este? É o sonho de defender uma dissertação que traga como tema um assunto que aborde as questões intrínsecas de cada sujeito, com um tipo de abordagem que me persegue desde criança, ou seja, trabalhar algo que permita um mergulho dentro de cada um, para trazer à margem o que temos guardado em nosso inconsciente.

⁶ Aluna do curso de Doutorado da Faculdade de Educação, e orientanda de Sandra Petit.

R

Referências

Há pessoas que transformam o sol
numa simples mancha amarela,
mas há também aqueles que fazem
de uma simples mancha an
o próprio sol.

Pablo Picasso

ARAÚJO, M.R.N.; ASSUNÇÃO, R.S. A atuação do agente comunitário de saúde na promoção da saúde e na prevenção de doenças. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 19-25, jan./fev. 2004.

BRASIL. Ministério da saúde. Assistência em planejamento familiar: manual técnico. 4ºed. Brasília: MS, 2002.

_____. Ministério da Saúde. **Promoção de saúde**: Carta de Ottawa, Declaração de Adelaide, Declaração de Sundsvall, Declaração de Bogotá, Declaração de Jacarta, rede de megapaíses, Declaração do México. Brasília, DF: MS, 2001.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **2º Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde**. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://dtr2004.saude.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2005.

BRÊTAS, J.R.da S.; SILVA, C.V. da. Interesse de escolares e adolescentes sobre corpo e sexualidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 55, n. 5, p. 528- 534, set./out. 2002.

BUSS, P.M. Saúde e desigualdade o caso do Brasil. In: BUSS, P.M.; LABRA, M.E. (org.). **Sistemas de saúde**: continuidade e mudanças. São Paulo: Hucitec, 1995.

CEARÁ. Secretária de Saúde. **Saúde Reprodutiva e Sexual**: um manual para atenção primária e secundária (nível ambulatorial). 2. ed. Fortaleza: SESA, 2002.

DELEUZE, G. **Foucault**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DUNKER, C.I.L. Teorias da sexualidade em psicanálise. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 117-129, 2004.

ESTÊS, C.P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FARIAS, F.R. de; BARROS, R.M.M. de. **O ser mulher e as nervuras do social. Caderno de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 22, p. 187-210, 2003.

FIOCRUZ. **Gestão de saúde**: curso de aperfeiçoamento para dirigentes municipais de saúde: programa de educação a distância. Rio de Janeiro, 1998.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997. v. 1.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XXII (1932-1936). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. 120 p.

GAUTHIER, J.Z. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, jan./abr. 2004.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

LOYOLA, M.A. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4. p. 875-899, jul./ago. 2003.

LUZ, A.M.S. **Tateando em zonas des(conhecidas) e intangíveis do ser**: conceitos de liberdade e sexualidade produzidos por adolescentes em situação de rua. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Educação. Fortaleza, 2004.

MELLO, D.M. **Nau do desejo**: o percurso da ética de Freud a Lacan. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

MELO, D.S.P. (...) **Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter (...)**: o conceito de sexualidade no grupo de jovens do assentamento Pedro e Inácio. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Educação. Fortaleza, 2003.

MENDES, E.D.; PRÓCHNO, C.C.S.C. Corpo e novas formas de subjetividade. **Psychê**, São Paulo, v. 8, p. 147-156, jul./dez. 2004.

MOURA, M.L.S. de; FERREIRA, M.C.; PAINE, P.A. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

MULHER, corpo, mente, alma – um programa de saúde mental popular para mulheres, por mulheres. [S. l.: s. n.], 1988. p. 81. (Manual para a Monitora).

PERES, E.M. A estratégia Saúde da Família e sua ajuda na consolidação do Sistema Único de Saúde-SUS. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 6, Supl., n. 1, p. 107-114, dez. 2002.

RESSEL, L.B.; GUALDA, D.M.R. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 82-87, set. 2003.

RESSEL, L.B.; SILVA, M.J.P. da. Reflexões sobre a sexualidade velada no silêncio dos corpos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 150-154, jun. 2001.

RIBEIRO, J.S.B. “Brincar de ousadia”: sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 345-353, 2003.

ROUQUAYROL, M.Z.; ALMEIDA FILHO, N. de. **Epidemiologia e Saúde**. 5. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999.

SANTOS, I. dos *et al.* **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais**. São Paulo: Atheneu, 2005. v. 3.

SILVEIRA, L.C. **Do corpo sentido aos sentidos do corpo**: sociopoetizando a produção de subjetividade. 2004. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Enfermagem. Fortaleza, 2004.

STRATHERN, P. **FOUCAULT em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SZTAJNBERG, R. Que corpo é esse? Novos destinos da sexualidade. **Caderno de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 22, p. 179-186, 2003.

TEIXEIRA, E.R.; FIGUEIREDO, N.M.A. de. **O desejo e a necessidade no cuidado com o corpo**: uma perspectiva estética na prática de enfermagem. Niterói, RJ: Ed. UFF, 2001.

VIANA, D.A. Corpo e subjetividade: da modernidade à contemporaneidade. **Caderno de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 22, p. 299-320, 2003.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada **O CONCEITO DE SEXUALIDADE DAS MULHERES ATENDIDAS NO PSF: uma abordagem Sociopoética** com as mulheres atendidas nesta Unidade, a fim de construir conceitos sobre a sexualidade a partir de suas crenças, seus valores e dentro de um ambiente de confiança e respeito. Deste modo, venho solicitar sua colaboração para participar da pesquisa através da aceitação da realização de oficinas nos grupos-pesquisadores. Para construção de novos conhecimentos através dos diálogos realizados sobre o tema gerador das discussões. Os encontros dos grupos-pesquisadores serão repetidos de acordo com a negociação feita com o grupo-pesquisador.

Esclareço que:

- as informações produzidas nas oficinas somente serão utilizadas para os objetivos da pesquisa;
- o(a) senhor(a) tem liberdade de desistir, a qualquer momento, de participar da pesquisa;
- as informações ficarão em sigilo e que seu anonimato será preservado;
- nenhum momento o(a) senhor(a) terá prejuízo financeiro ou qualquer outro tipo;

Em caso de esclarecimento entrar em contato com o pesquisador responsável no endereço:

Nome: Maria Elidiana Araújo Gomes

Telefone: (085) 3452.5877

Gostaria de colocar que sua participação será de extrema importância para a concretização da pesquisa e o aumento dos conhecimentos científicos nesta área.

Dados do(a) entrevistado(a)

Nome:

Endereço:

Telefone(s) para contato: ()- _____

Data de Nascimento: ____/_____/____

Consentimento pós-esclarecimento

Declaro que após, convenientemente, esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura do Pesquisador

Apêndice B: Diário Coletivo de Pesquisa

As anotações expostas pertencem ao grupo-pesquisador. Elas foram escritas no diário coletivo de pesquisa durante a realização das oficinas.

- **Êxtase**

Quando meus lábios tocarem tua pele e minhas mãos percorrerem todo teu corpo, mergulharei nos mais profundos desejos de tua alma e sentirão, dentro de ti todo o meu amor.

Seremos neste momento uma só pessoa.

Tu verás que todas nossas fantasias ganharão asas e nos conduzirão a um universo só nosso, e, como cometas em rota de colisão, nos encontraremos extasiados em extremo prazer.

Neste instante, o silêncio, por frações de segundos, será absoluto, sendo apenas vencido por gemidos e palavras sussurradas docemente, e nossos corpos, como nascentes de rios, embargados em suor, deslizão mansamente sobre lençóis, em movimentos de carícias e cumplicidade.

Então te beijarei com toda intensidade de meu ser e olhando dentro dos teus olhos direi Te Amo!

- **O Amor**

Palavra sagrada, pureza que vem co coração, vai nascendo de um nada, mas de tudo é a razão.

É um sentimento profundo, grandioso e sem igual, separa tudo no mundo, até mesmo o bem e o mal.

Amar é...

Saber perdoar, padecer, sorrir e também chorar.

Amar é...

A razão de viver. O amor é uma força mágica, que conduz a humanidade a ter esperança e a encontrar a felicidade.

ANEXOS

Anexo A: Oficinas

1ª OFICINA – TATO / Em: 1/08/06

Tereza: Adorei este momento da gente aqui, gostei muito, me lembrei de uma coisa muito boa que aconteceu comigo. Foi um banho de cachoeira, quando ela falou na cachoeira, eu me lembrei no alto de uma serra, e lá estava com meu parceiro tomando banho e relaxando, foi que a gente fez várias vezes amor, foi uma coisa muito relaxante. E quando eu estava com ele, eu me lembrava logo da cachoeira, que eu nunca estive tão feliz num momento duma sexualidade como eu fui lá. Foi ótimo, maravilhoso mesmo. Eu desenhei a cachoeira, nós dois aqui. Senti um carinho, uma tranquilidade, aqueles objetos passando na gente, o perfume que vocês passaram faz lembrar a gente preparando para o momento maravilhoso.

Facilitadora: O que tem a ver o perfume com a sexualidade?

T: Porque é o momento que me lembro que to perfumada, aí vem logo aquele momento de pensar no parceiro, a gente se prepara toda, se arruma toda, toma aquele banho, é aquele momento “X” da gente.

F: No momento que a gente estava passando os objetos você lembrou alguma coisa referente a sexualidade? O quê?

Lucilene: A gente fazendo “a bolinha”.

F: É importante para Você?

Lucilene: É sim.

F: Por quê?

L: Porque é bom.

F: O que é a sexualidade para você no momento que estávamos passando os objetos?

L: Isso é que a gente tem que tomar um banho, tem que passar um perfume para quando o marido chegar tá cheirosa.

F: É importante ficar cheirosa para você?

L: Por que tem que ficar cheirosa, bonita para quando o marido chegar me ver. Aí dormir, e aí depois tem aquele “negocinho”.

F: E aquele “negocinho” é o quê?

L: O pênis, as bolinhas, os ovinhos dele, o sexo.

F: No relaxamento o que você sentiu que fez sentir (lembrar) sua sexualidade?

L: Foi o paninho passando. E depois eu vim me lembrar dos “negócios” né.

Marly: Quando eu relachei eu senti que estava numa paisagem verde, num campo verde, com muitas flores, muitas árvores, aí quando veio aquelas coisas passando, eu senti a barba do meu esposo na hora da relação.

F: Qual a relação da barba do seu esposo com sua sexualidade?

M: Quando a gente vai ter aquele momento, ele vem com carinho, vem com aqueles afetos e começa passar a barba, e começa a acariciar e vem a vontade. E as bolinhas, na hora que eu peguei significa o prazer, vem o significado do que é o pênis, é a vontade, o prazer.

Cléa: É porque quando estamos naquele momento, a primeira coisa que meu marido faz é me dar um banho de creme, aquilo ali eu acho muito bom, para mim é um momento de carinho que ele faz, depois me beija todinha e quando termina aquele momento há o relaxamento que a gente fica nas nuvens como se fosse um pássaro. É isso que senti quando elas passaram aqueles cachorrinhos, aquela coisinha macia.

F: Você conseguiu relaxar?

C: Consegui, maravilhoso, do mesmo jeito quando a gente termina de fazermos. Senti aquele relaxamento como se a gente tivesse ido para as nuvens.

F: E o que é a sexualidade para você?

C: Sexualidade é uma coisa muito boa, é o momento de carinho, é aquele momento de conversar e resolver alguns problemas que estão na cabeça, aí o relaxamento a gente fica deitado, conversa muito e resolve os problemas ruins e os problemas bons.

Nega: Na hora que ela mandou colocar a venda nos olhos e relaxar, eu saí fora do ar. É como se eu tivesse num açude flutuando, aí meu marido chegou, ficou comigo. Tinha muitas plantas, coisas

verdes, flores. Na hora que veio a bolinha, eu ainda estava nas nuvens, fui que eu fui voltando a si, quando veio a geleiazinha, é como se eu tivesse flutuando, aqueles passarinhos, é como se eu tivesse com babydosinho, bem fininho, bem aconchegante, e o meu marido chegasse e tirasse levemente.

F: E o que é a sexualidade para você?

N: Para mim é importante pelo seguinte, se minha sexualidade tá bem com meu esposo, é porque eu me sinto mulher bem realizada na hora do sexo. E para mim só existe sexo se tiver muito beijo, e mais na boca, porque se tiver só carinhosinhos não existe não.

F: O que é sexualidade para você Marli?

M: É tudo numa relação, é amor, carinho, compreensão, dedicação.

N: Eu acho entre um casal que não há mais sexo, acho que não existe mais carinho, mais nada. Eu penso dessa maneira. Ainda mais com beijo, porque se for sem beijo é porque eu sei que não tá rolando mais nada.

F: Tereza o que é sexualidade para você?

T: A sexualidade para mim é você se sentir mulher mesmo, realizada, ter aquele companheiro legal, naquelas horas maravilhosas, não só nas horas boas, também naquela hora que a gente se sente deprimida e ele chega e fica ali do lado da gente. Nas horas boas e ruins, tudo realiza a mulher, não só aquele fato de ir para cama, aquele ato não, envolve tudo, o dia-a-dia, envolve tudo.

F: O que significa a sexualidade para você Lú?

L: Para mim tem que ter um amorzinho, um beijinho, um alisamentozinho, tem que adular bastante para poder rolar o clima. Tem que adular muito.

F: Mostra o seu desenho e fala sobre teu desenho.

Rosimeire: Desenhei uma cachoeira, aqui os matos, quando ela mandou agente relaxar e pediu para gente ir para uma cachoeira, então eu fui.

F: E na hora que passaram os objetos, você sentiu o quê?

R: Senti uma sensação boa, sem saber explicar.

F: E em relação a sua sexualidade você lembrou alguma coisa ou não teve nada a ver?

R: Não.

F: O que é sexualidade para você?

R: É um realizar o outro na cama, tem que realizar um ao outro, para mim é uma sexualidade.

F: O que você sentiu no relaxamento?

Jucicleide: Para falar verdade nessa hora não me lembrei que tinha nem marido, adormeci, me lembrei foi do tempo de criança, as bolinhas, esse negócio que é tipo uma geléia que a gente brincava muito quando era criança. E me lembrei também nessa viagem que fui agora no interior, tomei banho no rio, e lá tinha muita pedra, brinquei muito.

F: O que significa sexualidade para você?

Ju: É tudo, é amor, harmonia, compreensão, os dois unidos, quando for fazer alguma coisa os dois tem que tá ali, e na hora do amor tem que ter muito carinho, tem que sentir prazer claro né.

Ellen: O meu desenho é assim, eu coloquei o amarelo porque é o tipo o raio, uma coisa forte, no 1º momento eu achei gostosa as bilinhas nos meus pés que é como a sensação da mão, a mão bem leve, carinhosa, achei gostoso também a sensação do esôpor, é uma sensação quente. Na relação é importante para mim ter que deixar aquele ar depois, no outro dia você tá lembrando do cheiro, da forma do carinho, é importante sempre os dois conversarem, para mim não vale esse negócio que entre quatro paredes vale tudo, não acho isso certo, acho que ele tem que me entender, e eu entender ele. E as estrelas, porque normalmente a relação para mim dá a sensação de estar no céu, eu nunca senti a sensação de voar, mas às vezes, é a sensação de voar. Aí o sol, porque é quente, e as estrelas porque é a sensação do céu, de voar.

F: O que é a sexualidade para você?

E: Acho que estar bem consigo, estar se amando para poder passar o amor para o próximo, acho importante. Eu encontrei alguém que estou conseguindo entender mais isso hoje, antigamente não entendia muito disso. Eu não sentia muita coisa, hoje em dia eu já tô descobrindo mais coisa.

Elisângela: O meu desenho é que quando eu tô com meu marido é tipo como se eu tivesse num jardim florido. Eu lembro quando viajei com ele, a gente passou muito tempo só, no terreno da minha mãe, a gente passeava num jardim bem colorido que tinha lá na fazenda.

F: E o que você lembrou na hora do relaxamento?

Eli: Pouca coisa só.

F: E o que você lembrou?

Eli: Não sei dizer não.

F: O que é sexualidade para você?

Eli: É tudo entre um casal, amor, carinho, afeto, harmonia.

Alexandra: Meu desenho é aqui, a piscina. Aqui eu na piscina, no chuveiro, tem umas pedras, estrelas, sol, na hora que estava passando as coisas eu achei legal.

F: O que vc sentiu quando estava passando os objetos?

A: Era como se fosse a barba.

F: E o que tem a ver com sua sexualidade?

A: Muito bom, participar os dois juntos, ta junto, um compreendendo o outro, ajudando o outro, a união.

F: E o que é a sexualidade para vc?

A: Para mim é muito bom, é a união dos dois, de participar um com o outro, estar próximo um do outro.

Maria: Eu senti sendo acariciada. Na hora que estava passando aquelas coisas eu senti sendo acariciada, tava deitada e uma pessoa me acariciando, eu acho que o sexo é o amor.

F: Na hora do relaxamento você lembrou de alguma coisa.

M: Eu senti bem com a vida, achei muito bom o relaxamento.

F: O que é a sexualidade para você?

M: É o amor, importante, se não tem amor não tem sexo, eu acho que o sexo é o amor.

Nega: O sexo é tudo para mulher?

F: A gente joga para o grupo.

Cléa: Eu acho que o sexo não é tudo não, a convivência, o companheirismo, a compreensão que é tudo na vida de um casal. Porque o casal só com sexo, eles vão viver só com o sexo? Não. Eles vão viver com tudo. A união é muito importante, o companheirismo, a convivência, isso é que eu acho que é tudo.

Jucicleide: Sexualidade no casal não é só sexo, porque tem mulher que só sente prazer, só gosta do marido quando ele ta lá direto com ela. Não é assim né?! Sexualidade é quando os dois, às vezes, se convergem até como dois irmãos, mas é como naquela hora a gente sente amor, aquela sexualidade, aquele prazer. Não é só para agarrar e se beijar não.

Nega: Meu esposo não é de ta agarrado comigo não. Mas ele diz que é falsidade viver só agarrado, é melhor ser caladinho, ser sincero do coração, o que ele sentir do que viver agarrado. E sexo não é tudo para uma mulher. E para mim só vale se for os dois na relação, porque se for só um meter de cabeça e o outro não sentir nada, fazer e não sentir nada. Porque, às vezes, uma mulher faz tudo numa cama, e mesmo o homem, às vezes, faz tudo com a mulher e a mulher ali dura, não faz nada.

Marli: Cada mulher tem uma relação diferente com seu marido, nem todas as mulheres tem a mesma relação, deve ser um carinho diferente, uma maneira diferente, age diferente, por isso que é assim, cada uma tem a sua opinião de como é o sexo.

Ellen: Eu acho que hoje em dia tem muitos casamentos que são só de aparência. Na minha opinião existe o fazer amor e o fazer sexo, a maioria dos casamentos, hoje em dia, são assim. É a questão da aparência também. Normalmente se vê o casalsinho e diz que vivem tão bem, e dentro de casa se matando, acho que não é nem a questão de andar abraçados, beijando, normalmente, às vezes, é briga na certa, é só aparência para mostrar para os outros que estão bem. Eu acredito que não é importante, é melhor vc ir cada um pelo seu lado, não andar com negócio de abraçar e beijar para os outros verem estar bem com ele do que a questão da aparência. Hoje em dia a maioria dos casamentos são assim, de aparência, o marido chega, a mulher ta lá banhada, eles vão ter relação e um vira para um lado e vai dormir, normalmente é assim. E daí vem o caso das traições, porque o que não tem em casa a mulher busca em outro, mas não abre mão daquele relacionamento, o mesmo caso os homens. É bom vc estar bem com ele, conversar com ele, quando ver que não estão se entendendo, porque normalmente as traições surgem disto, a mulher não sentir, ali na hora da relação, o marido ta lá, transa, como elas falam: “aí ele goza e vira para o lado e vai dormir”. Aí ela acaba buscando no outro a sensação que o marido não deu, normalmente é assim.

2ª OFICINA – CONSTRUÇÃO DO CORPO COLETIVO / Em: 07/08/06

Cléa: Eu desenhei meu seio, as mãos, e quando pega nos seios sente o desejo, e na barriga e no umbigo. Estas são as minhas partes da sexualidade.

Marli: Fui desenhar o seio, esta parte abdominal, aí o bumbum. É o que representa para mim, é o seio, o bumbum, e esta parte da cintura. É o que mais se utiliza na sexualidade, é o que faz mais me lembrar é o seio e o bumbum.

Nega: Começar pela boca, a boca significa o caminho do beijo, e o seio é quando a mão toca nos seios, eu em sinto mais mulher também. E a minha barriga quando a gente passa a mão, a gente sente que tá viva também.

F: De quem é esta mão?

N: A minha mão pode ser do meu esposo. Quando ele passa na minha barriga, nos meus seios, acaricia meus lábios.

Lucilene: Aqui é o meu, aqui é o meu seio, a minha mão acariciando os seios.

Elen: Ali é o cabelo, tocar no meu cabelo eu arrepio logo toda. Beijar aqui, pegar no cabelo eu me arrepio toda, até na hora do relaxamento quando pega assim no cabelo já arrepiou toda. Aí eu fiz os seios, que na hora do relacionamento é o único, as carícias, o toque, principalmente nos seios, é gostoso, é bom, e o umbigo também. Eu acho gostoso, beijo na barriga, no umbigo. Aí eu botei o cristalzinho lá no final.

F: E o que é o cristalzinho?

E: Eu coloquei assim para ficar: os seios, a barriga e para colocar no final eu coloquei o cristalzinho significando a vagina, é o brilhante.

F: E porque estas estrela do lado?

E: Porque eu tenho mania de estrelas, eu amo estrelas. E para ficar enfeitado, colorido, adoro coisa enfeitada, colorida, para ficar mais bonitinho.

Elisangela: A minha eu desenhei a mão, a parte da cabeça, e os ombros, e os peitos. Aqui é a minha mão que quando eu vou tomar banho faço o auto-exame.

F: Pq vc desenhou o cabelo?

Eli: Porque eu tenho mania de fazer massagem no meu cabelo.

F: E qual foi a parte que vc acha que tem a ver c/ sua sexualidade?

Eli: Os seios.

- A facilitadora pediu p/ que fosse criado um corpo coletivo c/ aquelas partes isoladas.

F: O que podemos observar nessa mulher?

Nega: os seios, tem muitos seios. Tem muitas mãos.

F: Será que uma mulher tem somente muitos seios.

N: Não. Tem várias partes.

F: E com muitas mãos?

N: Não.

F: Então por que só apareceu seio e mão. Será que sexualidade é só isso. É só o seio da mulher.

Marli: Não. Tem as outras partes só que no momento vcês pediram para gente desenhar o que a gente sentiu, o que significava mais para gente, eu sei que no meu o que significa mais para mim foi o seio. Na parte do seio, na parte do bumbum, na parte das mãos, tem o toque e não dava para gente desenhar todos. Não dava para a gente desenhar a pessoa toda, o corpo humano todo, porque era a parte que a gente achava que tinha o significado para gente, que a gente mais utilizava na hora do sexo. E para mim foi o seio e o bumbum, tanto é que todas elas achavam que as mãos acariciando, que todas na hora só as mãos que tem as carícias.

F: Se agente perguntasse qual o sexo desse corpo?

M: Masculino aí ele não tem muita coisa não .

F: Só feminino.

M: Sò feminino.

F: É uma mulher então?

M: É uma mulher.

F: Vamos dar um nome para esta mulher?

M: Andróide.

E: Marciana.

F: por que Marciana?

M: Um corpo com muitas partes.

F: Partes iguais não é?

M: È. Repetida.

F: E essa mulher tem quantos anos? Ela é jovem?

E: Tem 25.

F: Vamos fazer uma historinha para essa mulher. Ela nasceu aonde? Ela vem como?

C: Marte.

F: Ela veio de Marte. Ela nasceu em Marte e veio Para Terra?

C: Ela nasceu lá e veio para Terra que ela tem muita mão, muito seio, ela tem coisa demais.

F: E o que ela veio fazer na Terra.

M: Procurar alguém igual a ela.

F: E para que ela veio procurar alguém igual a ela?

M: Para desenvolver também, ela achava assim, que ela é diferente, veio para encontrar alguém que pudesse encontrar para fazer parte dela, da mesma forma que ela é. Vou dar um exemplo, num tem uma pessoa deficiente, aí encontra outra pessoa deficiente, ela quer se inturmar, ter um grupo, se especializa naquele grupo, aí ela veio porque ela tem muita mão, muito seio, para encontrar uma especialidade.

F: Então um corpo diferente pode também encontrar outro?

M: É.

C: Claro que pode.

F: O que a senhora falou?

C: Ela veio foi ao encontro do amor dela.

N: Ela veio procurar o amor dela.

F: Ela encontrou o amor dela?

C: Do jeito dela acho que ela encontrou não, mas ela deve ter encontrado, não do jeito que ela é, mas o amor é cego, a pessoa quando ta gostando não vê as partes ruins não, só vê as boas, então todo amor é cego.

F: Então ela encontrou o amor que é diferente dela?

C: É. Diferente dela.

F: E como é que ela se relaciona com esse amor. Como é a relação deles dois. Como vcs acham que seria essa relação?

C: Eu acho que a relação dela é igual a de qualquer outra pessoa normal.

F: Como?

C: Normal, uma pessoa norma. Igual a uma pessoa normal. Ela se acha normal, então aquela outra pessoa, o amor dela, também acha ela normal e eles se relacionam normal, como qualquer outra pessoa.

F: Mas vamos dizer como é este normal. Existem vários tipos de normalidade. Mas no caso desta história como è? Ela casou com ele ou não?

N: Casou não.

F: E viveram juntos?

C: Viveram.

F: Como é esse viver junto?

N: É morar junto numa casa, e tiveram relações.

F: muita ou pouca?

N: Muitas relações. Tiveram filho.

F: Tiveram 1 filho, só 1 filho?

N: Só um.

C: Eu acho que ela convidou ele para ir para o planeta dela. Do mesmo jeito que ela veio de lá encontrar o amor dela, ela convidou ele também para ir lá, visitar o planeta dela.

F: E ele foi?

C: Foi sim, que ele gosta dela.
F: Ele gosta dela do jeito que ela é?
C: É do jeito que ela é.
F: Ele foi morar ou foi só passear em Marte?
C: Foi morar, que ela não pode morar aqui na Terra, ele foi morar com ela, lá em Marte, quando a pessoa gosta a pessoa vai para qualquer canto.
F: E lá em Marte, eles casaram e continuaram juntos?
C: casaram e foram felizes para sempre.
F: Como vocês acham que a Marciana se sente com esse corpo?
M: A toda poderosa.
F: Ela só tem peito. Como é uma mulher que só tem peito?
E: Do lado de sexualidade, que o seio é importante, para ela é bom que ela tem vários seios, deve ser gostoso.
F: Mas vocês acham que ela é feliz assim?
Luci: É não.
F: Por que ela não é feliz?
Luci: Pque ela tem um bocado de mão, bocado de peito. Aí ela não é feliz, ela devia ter só dois.
F: Então uma mulher que tem vários peitos não é feliz?
Luci: Não.
F: Ela precisa mais de quê?
Luci: De amor, respeito, carinho.
F: Não é só peito não?
Luci: Não é só peito, só mão não.
F: E a sexualidade com o marido dela como é?
E: É comum como todas nós.
F: E como é que nós somos, a nossa sexualidade? É sempre um mar de rosas, sempre coisas boas? Como é?
C: É não. A gente vive num mar de rosas e num mar de espinhos, porque nem todo dia as pessoas se relacionam bem. Tem dia que briga, tem dia que faz a paz, hoje briga, amanhã faz a paz, aí vão viver de novo. Assim vai indo.
M: Eu acho que não é porque a gente é normal, assim por fora toda normal, que a gente vive num mar de rosas, a gente tem altos e baixos, tem conflitos, tem alegria, tem tristeza. Aí eu acho que não é porque ela tem um monte de mão, um monte de seio, que ela não pode ser feliz, ela é feliz, mas ela também tem o lado de tristeza.
F: E o marido entende?
M: Às vezes ele entende, às vezes não, tem cabeça dura.
F: Ela se casou com marido, mas será que ela só seria feliz com um homem?
M: Eu acho que ela seria feliz sozinha também, ou com outra pessoa, sem ser um homem, outra mulher. Eu acho que a felicidade dela é independente de qualquer coisa, ou seja com homem, ou seja sozinha, contanto que ela esteja se sentindo bem. Se ela se sentir bem com o homem, a felicidade talvez não seja completa mas ela tá feliz.
F: E o que ta faltando para felicidade dela ser completa?
M: Para ser completa era só ela ser normal.
C: E o bem estar dela.
F: O que é normal?
M: Normal como a gente, ela poderia não ser totalmente feliz, mas se ela fosse normal, ela se sentiria melhor.
F: O que é normal? É ter 2 seios? Duas mãos?
M: É ter 2 seios, 2 pernas.
C: Eu acho que todo mundo, se você não tem uma perna, um braço, mas vc tem que viver com aquilo, então vc tem que viver feliz com aquilo, nem todo mundo tem as partes completa do corpo mas é feliz. Eu vejo muita gente que não tem um pé, um braço, mas é feliz, é muito mais feliz do que, às vezes, de quem tem dois braços, duas pernas, que não sabe avaliar o que você tem de bom em cima de você. E tem muita gente que não tem e sabe avaliar e vive normal, igual a qualquer outra pessoa que é perfeita.

F: Então vc acha que ela pode viver bem com a sua sexualidade, mesmo não tendo todas as partes do corpo?

C: eu acho que sim. Vive bem. As pessoas tem que sentir bem, faltando ou demais.

F: Ela conseguiu saber o que é a sexualidade dela? Sim ou não? Ela se conhece? Conhece o seu corpo? Sabe aquilo que lhe dá prazer? Ou ela sempre vai precisar de alguém, sempre vai precisar de um homem para poder se conhecer, tá se sentindo? Como ela é, essa mulher? Essa nossa aqui do grupo?

E: Essa aqui eu acho que ela tá precisando de alguém, porque sempre tem a mão tocando.

F: A mão dela, né.

E: pode ser que ela se conheça, porque nas figuras, a maioria tem as mãos tocando, sentindo.

F: Então ela se conhece ou não?

E: Conhece, ela se conhece. Ela tá sempre tocando, sentindo.

F: E para vocês o que significa conhecer a sexualidade, é só conhecer o seu corpo, só você se tocar? Vamos pensar um pouquinho sobre isto.

3ª OFICINA – TÉCNICA DO BICHO / Em: 21/9/06

CRIAÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Lucilene: Meu bicho é uma cobra. Era uma vez uma cobra que entrava no mato. Cobrinha entrava no mato, tinha um meninozinho lê, ela mordida o meninozinho (risos); aí chegava o pai do meninozinho e matava a cobra. O nome da cobra era a cobra Cascavel.

Maria: E a cobra Cascavel é muito perigosa. Uma irmã minha foi mordida por uma cobra e foi muito mal para o hospital. O médico falou que ela só não morreu na hora porque, na mesma hora, a minha mãe botou ela para mamar, e ela passou três dias internada. Aí o homem matou a cobra. Eu fiz um gatinho e o nome dele é Mimoso. O nome do meu gato é Mimoso, ele é muito carinhoso, eu gosto muito do meu gatinho, para onde eu vou, eu, levo ele.

Jucilene: Eu também crio um gatinho e o nome dela é Caçulinha. É uma gatinha de estimação, eu adoro ela, para onde eu vou, eu levo ela. Só que um dia eu levei ela para Pindoretama, e lá ela foi picada por uma cobra Cascavel. Mas só que a minha gatinha não deu jeito, ela faleceu, fiz o velorzinho dela como se fosse uma pessoa, e foi muito lindo o velório dela. Até hoje, ainda lembro da minha Caçulinha. Era uma gatinha que eu criava com muita estimação, como se fosse uma criança.

Ellen: Como a Caçulinha morreu, ela resolveu arranjar outro gatinho, era o Dorminhoco. Só sabia dormir (risos), era manhoso, preguiçoso, vivia deitado, dormindo (risos), aí o gato morreu de fome (falou muito baixo e c/ risos).

Rose: Já que o gatinho dela vivia dormindo, da Ellen, o meu ursinho pegou ele e comeu (risos de todas). O meu ursinho é um ursinho apaixonado, um tempo ele amou uma ursinha e viveram felizes para sempre.

Facilitadora: Maria o que tem a ver o seu gatinho com os outros bichos?

Maria: O meu gato era cianês, era de raça, O Mimoso, ele conhecia os outros (o grupo começou a ajudar). Meu nome é Maria e meu gatinho ainda está vivo, sobreviveu.

Jucileide: O bicho que eu imaginei é uma gatinha chamada Caçulinha, só que ela viajou, mas foi caminhando, andando. Ela foi andando, andando, mais na frente ela encontrou um rio, ela estava muito cansada e de tanto caminhar tomou água, relaxou, relaxou bastante. E muita cansada ela voltou de volta. Quando ela voltou de volta, ela continuou, tava muito cansada, continuou relaxando, e relaxou, relaxou, até dormir.

Facilitadora: Para você qual ligação deste bicho com a sexualidade? O que vc imaginou?

J: Porque ele é muito mimoso, carinhoso.

F: Qual a semelhança com a sexualidade?

J: Ele é muito mimoso, muito carinhoso, peludinho, cheirosinho, tinha um corpinho muito delicado, muito amoroso, é carinhoso.

F: E esse bicho sofreu durante a viagem?

J: E muito, sofreu muito, ficou cansado, depois ele relaxou bastante.

F: Ele conseguiu vencer as dificuldades que encontrou no caminho?

J: Conseguiu. Mas só que mais na frente ele morreu porque foi picado por uma cobra Cascavel.

F: E quando ele viu essa cobra, o que ele sentiu?

J: Ele ficou c/ medo, muito assustado, miou muito.

F: Estava sozinho ou estava c/ alguém?

J: Só, sozinho, com a cobra.

Lucilene: Como é que ele sabe que foi a minha cobra Cascavel?

J: Porque eu conheço a cobra Cascavel, eu conheço a cobra Cascavel. E foi picado por ela.

Ellen: Na hora do relaxamento eu gostei, e eu pensei assim no gato, principalmente pelo sinônimo de preguiçoso, de se espreguiçar, de ta deitado, sou eu, dormir. E assim, do lado da sexualidade, assim por ele ser devagar, assim bem lento, carinhoso. O meu gato foi comido pelo urso.

F: Foi difícil para ele essa viagem. Como foi essa viagem para ele?

E: Não. Foi difícil não. Foi tranquilo, foi calmo.

F: Ele pegou transporte?

E: Não.

F: Subiu a montanha?

E: Não.

F: E o que ele conseguiu fazer na viagem?

E: Eu dormi (risos) eu não ouvi. A tua voz foi bem longe, aí depois foi que eu acordei. Eu não ouvi a parte da viagem

F: E por onde ele andou, o quê foi que ele observou, este gato?

E: Eu observei mais a parte do relaxamento, de espreguiçar.

F: E por onde o gato andou, teve algo que o chamasse atenção?

E: Não. Ele só dormiu (risos).

Rosimeire: A minha história é do ursinho (risos), é de um ursinho. Ele estava caminhando, numa viagem e, de repente, ele se encontrou com um gatinho que estava dormindo (risos), então ele pegou o gatinho e comeu porque ele estava com fome. E mais adiante, na viagem dele, ele parou numa cachoeira e de repente se encontrou com uma ursinha, e se apaixonou e ficou com ela.

F: O que aconteceu quando ele subiu a montanha?

R: ele avistou a ursinha, de baixo.

F: Foi difícil ele descer a montanha?

R: Foi.

F: O que ele sentia quando estava descendo a montanha?

R: Cansaço.

F: Qual o caminho que ele pegou para fazer a viagem?

R: Por terra, pela floresta.

F: O que ele sentiu neste caminho?

R: Muitos desafios, muitos bichos.

F: Frente aos desafios como ele se sentia?

R: Medo né.

F: Como ele fazia diante destes desafios?

R: Ele ia em frente. Porque ele é um urso (risos).

F: E o que é ser um urso?

R: É um animal feroz.

F: Só feroz?

R: Ele enfrente né, os desafios (risos).

F: Então este é o bicho da sexualidade?

R: É! Eu pensei no urso.

Lucilene: Meu bicho é uma cobra Cascavel, aí Elidiana, vai me perguntando Elidiana.

F: Qual foi o caminho dessa cobra?

L: Ela tava num sítio, andando, andando, aí ela seguiu num pé de árvore, pé de pau né.

F: Teve dificuldade no caminho dela?

L: Teve.

F: Quais?

L: Porque ela andou muito, andou muito, muito mesmo, para poder encontrar o pauzinho dela para subir.

F: Ela chegou a ir nos locais que a gente falou?

L: Não, não.
F: Ela chegou até o rio?
L: Chegou.
F: E o que ela fez quando chegou ao rio?
L: Ela se escondeu.
F: Por que?
L: Com medo do rio.
F: Por que será que ela tem medo do rio?
L: Não sei. Ela se escondeu num buraco, esperando alguém sair para morder né. Morder alguém né.
F: No caminho dela, ela encontrou alguém ou foi sozinha?
L: De algum outros bichos?
F: Sim.
L: Encontrou outra cobra.
F: E aí?
L: Aí ela ficou com ela, aí ficaram sendo amigas, e ficaram sempre para onde uma ia a outra ia atrás.
F: Então ela sempre tinha uma companheira?
L: Sempre.
F: No caminho ela viu alguma coisa que chamou atenção dela?
L: Viu.
F: O quê?
L: Pessoas.
F: O que ela sentiu?
L: Fome para poder comer as pessoas.
F: Só fome?
L: Só fome. Comeu, comeu, comeu.
F: Qual a semelhança da cobra com a sexualidade?
L: Porque a cobra é uma cobra né (risos) ela vem, ela vem, a cobrinha vem, bem devagarinho (risos). Uma cobra né (risos).
F: Eu ainda não entendi. Explica melhor?
L: O pênis (risos).
F: O que tem a ver o pênis com a sexualidade?
L: Tem tudo né?
F: Tudo o quê, me dê alguns exemplos para mim entender melhor.
L: Porque a cobra para poder chegar na outra ela chega bem de mansinho, bem devagarinho, do mesmo jeito é o homem para poder conseguir tem que vir de mansinho, bem devagarinho, para poder (som nos lábios) até ele conseguir.
F: E se não tiver ninguém para conseguir?
L: Aí não tem sexo. Aí não pode nem fazer com a cobra (risos).
Maria: Meu bichinho de estimação é um gatinho chamado Mimoso.
F: Como foi o relaxamento para você?
M: Meu relaxamento era como se eu fosse viajando, alguém ia dirigindo um carro, eu ia com meu gatinho.
F: Mas não era vc o gatinho?
M: Era. Eu era o gatinho.
F: Teve alguma coisa interessante durante a viagem?
M: Não.
F: Qual foi o transporte que ele pegou?
M: Carro.
F: Só carro?
M: Sim.
F: O carro estava veloz?
M: Não.
F: E quando foi para subir a montanha, ele conseguiu subir a montanha de carro?
M: Não.

F: E como ele fez?

M: Deixou o carro e foi a pé, com suas patinhas.

F: O que ele sentiu quando estava subindo a montanha?

M: Sentiu cansaço.

F: E quando ele chegou lá no alto o que ele viu?

M: Muita água, muito pássaro.

F: O que ele sentiu vendo estes animais, a natureza?

M: Ele sentiu cansado e adormeceu.

F: E quem acordou para ele voltar.

M: O barulho de uma cobra (risos), o medo da cobra. Ele desceu foi voado.

F: E como foi a chegada dela no ponto de partida?

M: Foi difícil.

F: Por quê?

M: Porque eu não escutei mais tu falar. Eu dormi.

F: O que tem a ver o bicho que você imaginou com a sexualidade?

M: Eu acho o gato muito carinhoso, você vê o gato com outro é tão carinhoso, parece uma pessoa mesmo. Fica num miado que parece a fala de uma pessoa. Por isso que eu imaginei um gato.

4ª OFICINA – LA LOBA / Em: 6/11/06

Cleone: Na hora que ela começou falar que tinha que deitar, relaxar e a gente vai pelo mundo [...] Eu fui além da imaginação, quando ela começou a falar que a gente tava, assim, um exemplo, que nós tava aqui dentro do auditório, e tava entrando bolinhas pela janela, desenhei as bolinhas tudinho, como eu tivesse, aí eu ia relaxando. A forma que elas ia entrando se eu tivesse sentada, eu ia deitando e elas caindo por cima de mim, tá aqui um monte de bolinhas que eu desenhei, aqui é a porta e tipo essas bichinhas aí, que as bolas vinha tudo entrando, do jeito que ia falando as bolinhas, ia entrando por dentro do nariz, me sufocando, depois vai indo tudinho saindo, saindo, saindo. Além disso aqui, que encheu de bola, um monte de bolinha, vermelha, toda cor, amarela, aí chegou na hora do osso, da imaginação, foi assim que eu tinha uns pedaços de ossos, e aí a minha imaginação fez para mim fazer um tipo de uma menina. Fiz uma menina, com os ossinhos fiz o corpinho dela, o seiozinho dela, e no lado da sexualidade imaginei assim, os seios que é o ponto fraco, o meu, da mulher, o meu é o seio, tocou no meu seio já me desmancho.

Facilitador: Cleone o que você acha que tem a ver a menina com a sexualidade?

C: Porque a menina vai se formar, vai ficando uma mocinha, aí aquelas bolinhas eu imaginei como, no mesmo caso que eu tava aqui, que vinha as bolinhas na minha imaginação, entrou minhas bolinhas vermelhas como se fosse lá nos meus ovários, e como se eu menstruasse. Foi assim que fui lá na minha imaginação, as minhas bolinhas que vinham lá dos meus ovários e eu fiz de conta que eram vermelhinhas, como fosse a menstruação da gente.

F: E a música?

C: Ah! A minha música! Na hora da música, que eu formei a meninazinha, o nome da menina é Andreza, aí para mim fazer ela caminhar como se fosse uma pessoa mesmo, a minha música que eu pensei foi daquela menina das nove, da Helena, da Clara, mas é da mãe da Clara quando ela morreu e que nasceu a meninazinha dela. Foi assim que eu pensei, aquela música que eu não sei, que é internacional.

F: E o que esta música quer dizer para você?

C: Quer dizer para mim, que a meninazinha que eu vi era minha filha e veio para os meus braços.

F: Se você pudesse fazer uma letra para esta música como seria?

C: Falava da mulher, para falar mais sobre a mulher, o que a mulher, o que a mulher hoje em dia tá sendo mais, a violência que a gente vai passando, o que o homem faz com a mulher hoje em dia, que é

o caso de, o caso que hoje em dia os homens quase não tem mais aquele negócio de ta, ser mais carinhoso, não é mais aquele romantismo com a mulher como antigamente. Respeito não tem, elas são muito excluídas.

Ellen: Primeiro sobre o relaxamento, eu gostei. Eu não imaginei bolinhas, eu imaginei balões, porque flutuava, balões voando. Eu gostei na hora que falava assim, que elas entravam e a gente ficava com a sensação de flutuando. Deve ser muito gostoso a sensação de flutuar, gostei do relaxamento. E na parte da mulher eu imaginei assim: numa ilha que ela vivia só, sem ninguém, e que para passar o tempo, um divertimento para ela e um passa-tempo, ela colhia materiais como osso e fazia esculturas, e o osso da sexualidade que eu imagino é a bacia. E como eu coloquei: “Bercia”, que eu acho assim: que a bacia como se fosse um berço, eu desenhei os nenês aqui, eu acho que a bacia deva ser assim, eu imagino assim. Desde o início a bacia é como se fosse o berço do nenê, aí eu juntei “Bercia” que é berço e bacia, que eu chamo bacia, que é esse osso daqui, que é assim, da sexualidade que é bom, quando você é pegada por aqui é bom. Eu gosto pegar aqui na cintura, beijar a barriga, tudo isso é bom. E a música não é uma música, eu imaginei uma letra para os nenês dentro da bacia e eu escrevi assim: “Acorda nenê. Oh! Nenê! Meu querido nenê”. Foi isso que eu imaginei para esses nenês dentro da bacia.

Jucileide: O que eu pensei na hora que eu relaxei, que a rose começou a falar na chuva de bolinhas, quando elas começaram a penetrar assim, em cima do meu corpo, eu imaginei que aquelas bolinhas cobriram em cima de mim, eu pude fazer a sexualidade mais à vontade, sem ninguém ta vendo, que as bolinhas estavam tudo em cima de mim, e a gente se virava para um lado e se virava para o outro. Aí de repente, quando eu relaxei, terminei de relaxar, que eu olhei assim, tava meu queridíssimo esposo ao meu lado, me acariciando, e aí foi um momento muito emocionante para mim. Eu acho que isso aí quer dizer sexualidade, quando a gente ta dormindo que acorda com o parceiro da gente ao lado da gente, com certeza é uma sexualidade. E foi maravilhoso, relaxei no relaxamento. Muito bom. E falando sobre os ossos, o osso é a parte do corpo da gente, do ser humano que faz parte da gente, como da sexualidade, toda parte do corpo da gente é uma sexualidade para mim. Como o nervo também, que é o pênis do homem, que também é sexualidade quando penetra na gente, a gente sente uma coisa queimando no corpo. Aquele queima, aquele ardor no corpo da gente, tudo faz parte da sexualidade. E a música é que eu estava lá na floresta, sorrindo, quando avistei uma chuva de bolinhas que, de repente, eu despertei. Estava na floresta caminhando, aí eu entrei num auditório, relaxando, quando de repente, chegou levemente, veio caindo uma chuva de bolinhas de todas as cores, aí eu estava na floresta sorrindo, quando ali eu avistei uma chuva de bolinhas e, de repente, despertei.

F: Por que o osso para você também é sexualidade?

J: É porque faz parte do corpo da pessoa, quando chega na gente esquenta, dá aquele calor, aquele ardor na gente, com aquele amor, com aquele carinho todo. O nervo faz parte, com certeza são juntos, e o osso faz parte de todas as costelas do corpo da gente, quando ele se aproxima né.

F: Qual foi a escultura que você fez?

J: É eu mesmo. A Juci. A escultura é sobre eu, eu mesmo.

Lucilene: Meu nome é Luci e eu não imaginei nada. A sensação que eu achei, assim, foi na hora das bolinhas, foi eu num aniversário, cheio de bolas, cheio de balões, foi isso que eu imaginei. E os ossos eu não entendi nada, a viagem dos ossos. Aí pronto, eu me saí também, eu não entendi foi esse negócio de osso aí. Aí eu não entendi nada. A viagem que eu fiz foi na hora das bolinhas, eu tava num aniversário com muitas bolinhas de todas as cores.

F: E as bolinhas entrando dentro de você?

L: As bolinhas entrando dentro de mim, também eu já não imaginei essas bolinhas entrando em mim.

F: Como é que estavam as bolinhas que você imaginou?

L: As bolinhas nem eu pegava nelas, nem elas pegavam em mim. Não entendi nada.

F: E na hora da catadora de ossos?

L: Piorou! Eu não imaginei nada.

F: Luci se você pudesse imaginar uma escultura da sexualidade, como você imaginaria?

L: Um desenho?

F: Sim. Você construiria com que, se você não construísse com ossos?

L: Eu desenho é um osso.

F: Osso de quê?

L: Osso de carne.

Cleone: E o que você imaginou no osso?

L: Eu imaginei no osso foi um pênis bem grande, bem grandão. Foi isso que eu imaginei.

F: E essa garotinha aí?

L: Ah! Essa garotinha aqui não tem nada a ver não. Ah! É eu aqui.

F: É você?

L: É!

F: E a música?

L: Eu ia fazer aquela musicazinha mesmo: “Segura o Tcham”. (Risos) Vocês não deixam nem eu cantar. Porque essa hoje foi difícil.

F: Foi difícil gente?

Jucicleide: Não foi difícil não, porque isso faz parte da sexualidade da gente.

F: Por que você achou difícil Luci?

L: Porque eu não consegui imaginar esse negócio de osso, os balões eu ainda consegui, porque eu imaginei um aniversário, cheio de balões, voando, todas as cores, mas quando chegou a parte dos ossos, aí pronto, eu não consegui imaginar nada. O que eu consegui imaginar nesse negócio do osso sobre a sexualidade foi o pênis que eu imaginei.

Jucicleide: Aquele osso bem duro, quando se aproxima das tuas partes da sexualidade, o que você sente?

Lucilene: Carinho, amor, prazer. Tudo, tudo o que tu sente eu sinto.

5ª Oficina – CONTRA-ANÁLISE / Em 10/ 01/2007

Facilitadora: O que vocês acharam dos encontros?

Lucilene: Foi maravilhoso, gostei muito.

Geane: Diferente.

L: A Geane disse que minhas palavras estavam lindas.

Cléa: maravilhoso, foi a tarde que a gente relaxou, sem stress. Adorei.

G: Solta os bichos que estava guardado, não tem quem diga, mas a gente pega e se abre.

F: Vamos recapitular agora. Se vocês pudessem mudar a Marciana, vocês mudariam?

Marli: Mudaria. A única coisa que a gente ia mudar era a Marciana.

F: Por quê?

L: Porque ela tem muito braço Elidiana.

Marl: Por que ela só tem mão e seio, a gente ia mudar ela, ia fazer ela normal.

L: E priquitinho, ela só tem dois.

Marl: A única coisa que a gente ia mudar aqui é a Marciana. A gente ia fazer outra Marciana, de outra forma.

L: Nós ia fazer uma Marli Marley.

F: Vocês acham que tinha necessidade da Marciana sair do planeta dela e vir para o nosso?

L: Tinha não, Elidiana. Tinha não, que eu nem sei se ela existe para vir para o nosso.

Marl: Da maneira dela ali, ela tinha que viver no cantinho dela. Este texto ali tá de acordo com o que ela é agora, o que ela é, normal ali. Mas se fosse para mudar alguma coisa a gente mudaria para música o resumo dela fosse de outra forma.

F: Como seria o resumo dela Marli?

Marl: Como se fosse uma pessoa normal, tivesse tudo no seu lugar, tudo uma coisa só, 2 braços, 2 pernas, 2 seios.

Cléa: Como se fosse perfeita, igual à uma pessoa normal.

Marl: para gente fazer um resumo e fazer uma música para ela com as letras conforme o combinado, mas só que essa letra não ta combinando da maneira que ela ta, não.

Cléa: Ela merece ser feliz.

F: E ela não é feliz?

Cl: ela é feliz sim, mas ela merece ser mais feliz. Normal.

F: Se agente fosse parecida com a Marciana, como é que a gente agiria?

Gea: Eu não saia de casa. (risos)

Marl: Porque, às vezes, tem uma pessoa mais gordinha, que é bem gordinha, às vezes, ela já fica se sentindo horrorosa, feia e diferente dos outros, às vezes, a mesma coisa acontece quando tem uma magrinha, ela já se sente, ela quer ficar trancada, ela não quer fazer, aí eu imagino se ela fosse do tipo da Marciana.

Cl: É porque tem gente que não liga para si, não. Tanto faz ser gorda como magra. Agora tem gente que é mais assim, aí eu sou muito magra, eu sou muito gorda.

L: Nessa semana eu quase não saia de casa por causa dessas espinhas no meu rosto.

C: E aquela manequim que morreu, ela era magra e queria ser mais magra ainda.

M: Tem pessoas que não tem tanta diferença assim e se sente. Imagina se fosse um caso dessa dali, que a coitada que a gente produziu, aí sim, que lê não queria sair mesmo, se ela vivesse no meio da gente, no mundo que a gente vive. Pela Luci mesmo a gente tira, por uma espinha ela não queria sair de casa, imagina se ela tivesse 3 pernas, 2 peitos.

F: E em relação a 1º oficina, como foi para vocês?

Marl: Foi maravilhoso. Eu cheguei em casa tão aliviada, eu queria ficar todo o tempo aqui.

F: Por quê?

M: Porque a gente esqueceu tudo que tinha lá fora, problemas.

CL: Foi aquela massagem, aquelas bolinhas.

F: Vocês lembram que toda oficina toda a gente lembrava da sexualidade. E na 1º oficina a maioria relacionou a sexualidade como o ...?

L: O pênis.

F: Por que será?

M: Foi por causa das bolinhas, as partes da gente que a gente sentia.

Elen: Mas a gente relacionou com a sexualidade da gente. A nossa sexualidade.

C: Não é só o pênis que dá a sexualidade, as mãos também dá.

M: Só que depois que a gente leu aqui, o resumo que você fez, o que a gente queria falar não saia do jeito que você escreveu. Muitas vezes, eu queria falar uma coisa, só que não era naquele sentido, não sabia que era aquela que tava certo. Como eu acabei de ver ali, eu olhando as fotos, aí eu vi que era o que eu pensava, mas não sabia expressar da maneira que era.

F: Mas Marli, a gente tem o cuidado de transcrever tal e qual o que você disse. A gente não muda nada.

M: Pois é, exatamente. Só que eu li no resumo que você fez tem umas coisas que ta mais explicativa, da maneira que você fez ta mais explicativo. Se eu fosse escrever, eu não saberia escrever daquele jeito, só que era o que eu tava sentindo, mas eu não sabia botar.

F: E se a gente pudesse voltar no tempo, e fazer novamente a 1º oficina, você mudaria alguma coisa?

C: Eu teria outra cabeça.

MARL: Eu também. Falaria outras coisas.

F: Qual seria sua cabeça?

C: Seria mais diferente, porque a 1º vez que eu vim para oficina, quando eu cheguei, eu me sinto limpa, uma coisa boa. Não pensei em nada, parecia que eu tava flutuando, tava zen. E na hora de desenhar também foi a 1º vez, e a gente não tinha noção do que era para desenhar, um exemplo, nós tivesse outra oficina nós teria outra cabeça para desenhar uma Marciana porque essa daí não tem nada a ver. Eu, para mim, acho que ela não tem nada a ver.

Ellen: Mas ela já ta assim.

C: Só que para mim, foi tão bom a época que eu tava nessa oficina.

F: Qual delas?

C: Todas.

MARL: Para mim não foi todas.

Cleone: Só não gostei daquela última, da menina, porque sei lá, achei que não tinha nada a ver, eu só gostei mais das duas meninas.

L: Também não gostei. Gostei das duas que veio.

F: O que percebi na 1ª oficina foi que a gente relacionou, muitas vezes, a sexualidade ao parceiro. E se a gente não tivesse parceiro, como seria a nossa sexualidade?

L: Ia no dedo mesmo.

Cléa: Mas se a gente não tem parceiro a gente não pensa. Pensa, mas não tem o parceiro para realizar.

Cleone: E a gente só pode pensar quando tem o parceiro?

Cléa: Sim.

Ge: Não.

F: E se a gente não tivesse, a gente não teria mais sexualidade?

Cleone: Claro que sim, só porque a gente não tinha aquele parceiro ali diretamente com a gente, por exemplo à noite, porque durante o dia ele trabalha.

Marl: Porque tem mulher que não é casada, mas elas tem.

Cléa: Se não existir homem?

F: Se ela não tivesse ninguém no momento.

Marl: É exatamente isso que eu to querendo dizer.

Cleone: Se fosse eu escreveria, contaria uma história mais carente, que eu não teria ninguém.

L: Que nada, quando tivesse naqueles dias, ia logo no dedo.

F: Nesse caso a mulher não teria mais sexualidade, se não tivesse parceiro?

Cleone: Teria.

Marl: Teria sim.

Cléa: eu acho que teria de outro jeito.

Cleone: Enquanto ela não encontrasse a pessoa ideal, certa, o momento certo.

Marl: Só que não é da maneira que é para ser, do jeito dela, da maneira dela.

F: Agora lembrando a oficina dos bichos da sexualidade (fiz uma retrospectiva das características de cada bicho), na história a cobra mata os gatinhos que são manhosos, carinhosos. Por que será que ela mata, já que ela se parece com o homem?

Ellen: Porque eu acho que o homem não mata, mas ele maltrata.

Marl: O sentimento é tão assim, que ele conquista, conquista, quando ele vê que a mulher tá muito na dele, ele já parte para outra. É nesse sentido.

Ellen: Aí eles matam.

J: Agora eles já não matam não, eles dão uma pisa e vão para cadeia. Maria da Penha (risos).

F: Agora eu lembro que o urso foi comparado à sexualidade porque enfrente os desafios. Ele se apaixona por uma ursinha, mas antes, também, mata o gatinho, que é manso, leal, só porque estava dormindo.

Gea: É! O urso e a cobra.

L: Oh! Bichos malvados, esse urso e essa cobra.

Cléa: Eu acho que é porque eles se julgam mais superiores, maior, mais valente. E o gatinho é mais.....

Gea: O gatinho não tem defesa para nada.

Clé: Como se fosse uma criança.

G: O gatinho é dormindo, quietinho, é indefeso, aí tudo que vem, tome.

F: E nós, se pudéssemos escolher entre os bichos que foram descritos na oficina, o que gostaríamos de ser?

L: Eu queria ser a cobra e matava todo mundo que vinha pela frente.

Cléa: Eu já sou a cobra. Todo mundo que sonha comigo dá cobra.

Cleone: Eu queria ser a Cascavel.

Gea: Todo mundo só que ser a cobra.

Maria: Eu queria ser a cobra que comia o gatinho.

Ellen: Eu não. Eu continuo sendo o gatinho.

F: E se a cobra e o urso não tivesse matado o gatinho, mesmo assim, vocês continuariam querendo ser a cobra ou o urso.

Gea: Não. Eu queria ser o gatinho. Mas como a cobra come o gatinho, também eu sou a cobra para não ser comida. (risos)

F: Só quem permaneceu sendo gatinho foi a Elen.

L: Por que ela acha que gatinho é gatinha, mas não é.

Ellen: Não. Não gosto de cobra.

Cleone: Por que ela (Luci) não tem instinto de uma gatinha.

Ellen: Ela tem de cobra mesmo.

Luci: Mas tem aquela assim, quando tem tempo de ser bom e tem tempo de ser ruim. Quando eu sou ruim, eu sou ruim mesmo.

Cleone: Tem a cobrinha boa e tem a ruim.

F: Engraçado que na história, a cobra encontra uma amiga, e permanecem as duas juntas.

Cleone: É porque cobra com cobra se entende.

F: Na última oficina, foi proposto a criação com ossos da escultura da sexualidade (fiz um breve resumo da oficina). Nesta última oficina, a maioria, não lembrou do parceiro.

Cleone: Foi, nessa última oficina não quisemos falar de parceiro não. Negócio de falar de parceiro, vou falar é de mim.

Gean: Já tá tudo cheio de falar de parceiro.

Lu: mas nós falamos.

Ellen: Mas foi a nossa sexualidade.

F: eu to dizendo que a maioria não lembrou do parceiro. Falou de outra coisa que não fosse o parceiro.

Cleon: mas nas outras nós falamos mais dos parceiros, não falamos de nós, geralmente eles nem lembram muito da gente. E nós tem é que falar da gente mesmo.

F: E mesmo assim o tema foi sexualidade.

Marli: Aliás, como todos os encontros.

F: A gente fazendo uma avaliação geral, mudou alguma coisa nas oficinas, levando em consideração da 1ª à última.

Maria: Mudou, acho que a gente tá mais solta, menos tímido. Porque no começo era todo mundo tímido.

Cleone: Ninguém queria falar.

Marl: Ninguém queria falar.

L: A Maria não queria falar.

Cleone: A Luci também não queria falar.

L: mentira que eu falei.

Maria: Era só rindo.

Lu: Lógico que eu tava rindo, porque a elidiana tava falando do negócio que eu gosto mais, aí eu ficava rindo, porque tava com vergonha de falar, mas depois que ela falou: “pode falar”, aí eu andei.

F: Pelo que falamos, que desenhamos, tem alguma diferença entre as oficinas. Alguma coisa que vocês perceberam nas oficinas.

Marl: Eu só vim em duas, porque as duas oficinas que eu vim foi quase a mesma coisa.

F: Mas as outras que você não veio e teve a noção?

Marl: Eu acho assim, em relação à elas, só teve uma diferença só na última mesmo. Em relação só na última, porque as outras são quase todas iguais, as mesmas coisas, porque eu to vendo os desenhos, as fotos, é quase o mesmo desenho.

F: Por que será, que pensamos na última oficina, relacionado com a sexualidade, em outras personagens (fiz um resumo das apresentações das esculturas da sexualidade).

Cleone: É porque naquele dia eu tava inspirada.

F: Se vocês pudessem participar de uma oficina, qual vocês escolheriam?

G: A primeira

Cleon: A primeira.

Marli: Eu preferia da Marciana.

Ellen: A primeira.

Maria: a primeira.

Cléa: A primeira.

L: Primeira.

Cristina: Primeira.

F: Todo mundo ficou com a primeira?

Marli: Eu não. Queria a 2º, mas todo mundo ficou com a 1º.

Cleone: eu gostei de tudinho Elidiana. Eu cheguei aqui, eu relaxei tanto que, para mim, foi ótimo todas. Se fosse para fazer tudo de novo, eu toparia.

Marli: Devia fazer outra oficina de novo. Bora? Agora eu é que ia fazer as oficinas.

F: Pelo que vocês viram, leram, o que mudariam. O que vocês acham que está incorreto, nas transcrições das análises, o que vocês acrescentariam, ou tirariam na opinião de vocês? Algo chamou a atenção de vocês?

Cleone: eu acho assim, só nessa marciana, que eu achei. Ah! Minha Nossa Senhora!

Marli: Tu acrescentaria ou tiraria, mudaria?

Cleone: Eu mudaria ela todinha, não mostraria ela de jeito nenhum maneira.

F: Mas ela existe?

Cleone: O que vocês acham?

Marli: Foi fruto da nossa imaginação.

Cleone: Foi mais.....

Marli. A pobre, a Andróide. (risos)

J: Se eu imaginasse que todo mundo ia fazer uma mão, eu tinha feito logo os pés e o bichinho dela.

F: Gente por que chamou tanto atenção a Marciana?

Marli: Por que ela é diferente.

F: Mas a gente é igual?

Cléa: É não.

Marli: Mas eu acho que tá escondido.

Cleone: eu acho assim, que a gente fez as oficinas com tanto bom gosto, com tanta vontade e tem isso aí elidiana. Eu queria chegar aqui, aí ver esse quadro aí com uma coisa bem bonita. De uma mulher bem bonita, bem feita, cada qual ter feito sua parte de uma mulher.

Marli: eu acho que a Nega tá com preconceito com a Marciana. Ela não quer sair com a Marciana. Se a Marciana chegasse aqui chamando ela para sair, ela não saía com a Marciana.

F: Por que é persistente a questão da diferença. Era como se a gente traçasse um valor maior, melhor, padroniza as pessoas. E a gente lembra das pessoas com deficiência, as pessoas com Síndrome de Down. O que vocês tem a dizer sobre isto?

Marli: Eu já sinto assim, atrações de carinho e de amizade por pessoas assim. Te juro, eu não tenho essa coisa de dizer que eu não quero ser amiga de fulano porque ela não tem uma perna, eu já sinto uma atração por essas pessoas. Eu tenho amigos de verdade que é assim. Tem um que é aleijadinho, usa muleta, tem outra que não tem um braço. É assim, eu tenho mais amizade. Coitada da Marciana, com muito peito, com muita mão.

Cleone: Porque eu falo logo, as meninas sente uma coisa e não falam. Eu falo logo, que foi desse jeito que eu senti, mas só que eu não tenho preconceito. É tanto que o meu maior sonho era de ter um avô bem velhinho para mim cuidar, e eu nunca tive, nunca conheci. Isso aí para mim, não é preconceito, nessa coisa aí não.

Luci: essa coisa que nem existe.

F: E se ela existisse?

Cleone: Aí era o jeito nós gostar dela.

Ellen: Se acostumaria com o tempo.

Marli: Sabia, elidiana, que pessoas assim cativam mais a gente, do que pessoas normais, que a gente acha que é normal. Elas são mais fácil da gente fazer amizade, ser amigas do que pessoas normais

F: E se imaginássemos que a Marciana poderia fazer parte da nossa sexualidade?

L: Mas como Elidiana, se ela não tem nem duas pernas para abrir (risos).

F: Se dissessem para gente: sua sexualidade é a Marciana. Como é que vocês iriam entender?

Ellen: Eu entendo assim, porque a gente mulher, a gente liga a sexualidade ao seio e a mão, por isso que ela saiu daquele jeito dali, porque foi todas juntas.

Cleon: porque cada qual tendo a sua parte.

Ellen: mas sempre a mulher liga a sexualidade ao seio e a mão.

Cleone: eu queria saber o significado dessa nossa oficina todinha que deu a Marciana?

F: E o que você acha?

Cleon: Eu to te perguntando? (risos) O que foi que deu sobre tudo isso. O resumido de tudo.

F: O que vocês acham pessoal?

Cleone: Que a Marciana faz parte de nossas vidas?

F: pode fazer?

Cléa: Não. A Marciana faz parte da nossa sexualidade. É como ela disse mesmo, toda mulher liga a sexualidade aos seios, ao toque dos seios e mãos. A Marciana é nossa sexualidade porque a gente só desenhou mais mão e mai seio. Só as partes de cima, não se lembrou das pernas, não se lembrou de nada. É por isso que ela ficou daquele jeito.

F: Alguém quer falar mais alguma coisa sobre as oficinas.

Marli: Não tenho muito o que falar, foi muita coisa repetida.

L: Se é sobre a sexualidade, a gente tinha que falar sobre o pênis.

Marli: Como a Elidiana ta falando aí, a sexualidade envolve todo o corpo humano, todo, e não é só....

Ellen: Mas aí, exatamente, a oficina serve para isso.

Marli: Exatamente, quando for outra oficina, a gente vai ter outros pensamentos, outra mentalidade. Por que essas aí foram as primeiras vezes. A gente nunca tinha participado do grupo.

Cleon: Elidiana faz de conta que tu ta numa outra oficina de outras pessoas, o que tu achou.

F: Eu respondo já, já. Então tudo o que ta no papel a gente não muda, deixa do jeito que está, não refaz?

Marli: Porque foi a primeira, é uma lição que a gente aprendeu. Deixa tudo do jeito que ta. A segunda sai melhor do que a primeira.

F: Mas a gente pode refazer a lição?

Cléa: eu acho que nessas oficinas a gente aprendeu muito, muita coisa que a gente nem imaginava como era que fosse essa oficina, então na próxima a gente já vai mais aberta, com a cabeça mais, com o que a gente aprendeu da primeira, a gente já vai colocar para segunda, a gente vai achar melhor desenvolver a outra oficina que a gente participar, porque essas primeiras eu adorei.

Cleone: Elidiana, o que você achou das oficinas aqui da gente.

L: Seja sincera.

F: Eu adorei. Eu aprendi muito. Aprendi em relação a várias coisas que eu leio, eu escuto com outras pessoas, com o pessoal do grupo de pesquisa, com minha orientadora. É bom a gente conversar, foi um exercício para mim, aprender a escuta sensível, porque o ideal é que eu ficasse calada e vocês falassem, falassem, mais a gente tem aquela ansiedade para perguntar, perguntar, e a pessoa se sente pressionada. E isso é um exercício que tenho que fazer em várias oficinas, o exercício da escuta sensível, ou seja, aprender a ouvi-lás. Às vezes, vocês falavam uma coisa e eu perguntava a mesma coisa, ou seja, a minha ansiedade era tão grande que eu ouvia mas não entendia.

Marli: E você acha que a gente correspondeu às suas expectativas, na maneira de responder.

F: Em relação a isso eu não vim com expectativas, eu só queria saber o que vocês entendiam por isso (a sexualidade). Mas, a minha preocupação principal era, em momento algum, coagir, colocar a minha opinião.

Cleone: essa oficina era o que você esperava?

F: Era isso que o grupo esperava?

Maria: Eu acho que saiu muita coisa bonita. No começo eu achava que a gente falava muita besteira, eu achava que não ia dá em nada, porque a gente falava muita besteira, muita timidez. A Elidiana ta perdendo o tempo dela com a gente, eu achei. Ela ta perdendo o tempo dela com a gente, ela devia ir procurar outras pessoas, eu até falei com ela, que tivesse mais estudo, que soubesse falar, que a gente era muito ignorante. Aí depois que eu vi o que a gente fez, dá para o gasto.

Cleone: eu to sentindo a maior saudade das oficinas, eu gostaria que voltasse. Tivesse mais porque para mim foi tipo uma terapia para minha cabeça.

Elen: Com outro tema.

F: Qual seria o tema?

Marli: Você escolhe.

F: Não Marli, é o grupo que escolhe e a gente vai atrás dos artificios.

Geane: O que você gostaria de ser?

F: A gente já tem um tema. O que vocês acham?

Gean: É porque quando a gente é pequena tem aquele sonho e não conseguiu.

F: A Marciana conseguiu o sonho dela?

Elle: Não.

Marli: Conseguiu. Ela foi feliz para sempre. Agora em que, que eu não sei.

Ellen: Como um Marciano.

F: Mas ele não era daqui?

J: Nós arranjamos um marido para ela foi?

Marl: Foi. Não sei de onde ele surgiu, só sei que surgiu.

J: Arranhou sim, por que não, só porque ela tinha um bocado de peito, um bocado de mão (risos).

Ellen: Aí era que arranjava mais fácil (risos).

F: Algo mais?

Marli: Não.

Anexo B: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa